CPAD

Lucas

O Evangelho de Jesus, o Homem Perfeito



José Gonçalves

Lucas

O Evangelho de Jesus, o Homem Perfeito

José Gonçalves



1ª Edição

CPAD

Rio de Janeiro

2015

Todos os direitos reservados. Copyright © 2015 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Verônica Araujo
Capa: Wagner de Almeida
Editoração e projeto gráfico: Elisangela Santos

CDD: 220 - Comentário Bíblico
ISBN: 978-85-263-1259-3

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

SAC – Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401 - Bangu - Rio de Janeiro - RJ
CEP 21.852-002

1ª edição: Janeiro/2015 – Tiragem: 37.000

Dedicatória

Dedico este livro às igrejas e congregações as quais servi como pastor. A Assembleia de Deus em Altos, Piauí, minha cidade natal e onde comecei o meu ministério de tempo integral, servindo como copastor no período de 2001 a 2004; a Assembleia de Deus de Nossa Senhora dos Remédios, onde pastoreei de 2004 a 2008; a Assembleia de Deus em Teresina, capital do estado do Piauí, onde pastoreei as congregações dos bairros Monte Castelo (2008 a 2010) e São Pedro (2010 a 2012) e a Assembleia de Água Branca onde atualmente sou pastor desde fevereiro de 2012.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Senhor por mais esta obra literária, a décima quinta em 13 anos de ministério pastoral –, sendo dez livros e cinco revistas de *Lições Bíblicas* da Escola Dominical! Esses dados servem para revelar a grande e surpreendente graça de Deus em minha vida. Tenho a plena consciência de que não foi o meu braço quem me deu estas conquistas, mas a sua misericórdia e bondade que duram para sempre. A Ele a honra e a glória.

A minha esposa Maria Regina (Mará), que sendo a primeira leitora das minhas obras, faz importantes observações e dá valiosas sugestões para a melhoria do texto. Sem ela esse trabalho estaria incompleto. Amo você!

Ao reverendo Claudionor de Andrade, Consultor Teológico da CPAD, pela gentileza em prefaciar este livro. Mesmo antes de conhecê-lo e de tê-lo como amigo, já o admirava como homem de Deus e também pelo estilo rebuscado de suas obras. Obrigado companheiro.

Ao irmão Ronaldo Rodrigues, Diretor Executivo da CPAD, amigo, companheiro e um incentivador de minhas obras. Sempre que eu o encontro a minha autoestima fica elevada. A sua forma de falar, os incentivos dados fazem com que me sinta estimulado a continuar me esmerando mais ainda na arte do ensino. Obrigado pelo espaço dado a este nordestino, piauiense e roceiro! Deus o abençoe ricamente, caro irmão e amigo.

A minha amiga Ana Trindade, Secretária Executiva da CPAD. A "Aninha", como costumo chamar, está sempre de bem com a vida. Sua amizade só me faz bem. Deus continue estendendo sobre você a sua maravilhosa graça.

Agradeço de coração ao meu amigo Jorge Andrade, funcionário da CPAD, por sua amizade pura e sincera. Foi ele, quando ainda redator da revista O *Obreiro*,quem pela primeira vez solicitou que eu produzisse

um artigo para esse periódico no ano de 2004. Tinha início ali a minha jornada literária! Agradeço a Deus por você, Patrícia, sua esposa, e seu filho Efraim.

Agradeço ao pastor Elienai Cabral, amigo mais chegado que um irmão, pela amizade e confiança em mim depositada. Já perdi a conta de quantos convites recebi para ministrar por esse Brasil a fora por indicação sua. Aprendi a amar esse homem de Deus que para mim é um pai, pastor, mestre diferenciado e um profeta a serviço do reino de Deus. Obrigado por tudo meu amigo!

A todos os meus amigos não nominados neste livro pela amizade e companheirismo que desfrutamos em Cristo Jesus, o Homem Perfeito.

PREFÁCIO

José Gonçalves pertence à nova geração de escritores assembleianos. Seus trabalhos despontam nos periódicos da CPAD, nas Lições Bíblicas da Escola Dominical e em vários livros. É alguém que aceitou o desafio de labutar no ministério da página impressa. Nesse labor, vem sendo abençoado.

Regozijo-me ao ver a nova geração de escribas pentecostais. Corajosos, entregam-se a um ofício árduo e solitário. Trata-se de um labor que reclama disciplina, perseverança e, antes de tudo, amor à Palavra de Deus. Sem amor, nenhum trabalho cristão será bem-sucedido. Do escritor evangélico, pois, requer-se intimidade com os profetas e apóstolos; demanda-se uma grande paixão pelo Cristo de Deus.

O pastor José Gonçalves mostra ter intimidade com o Livro de Deus. Enquanto lia o seu comentário sobre o Evangelho de Lucas, deparei-me com alguém que se havia preparado. Muito aprendi com ele. Sem dúvida, estamos diante de um mestre nas Escrituras Sagradas.

Ele cultiva os idiomas originais da Bíblia. Coisa um tanto rara entre nós. Ler o hebraico e o grego reivindica tempo, paciência e aquela ternura que só os verdadeiros teólogos experimentam ao se debruçar sobre uma página de Isaías ou de um parágrafo de Lucas. Afinal, a exegese tem de preceder a sistematização da doutrina. É uma indução que nos leva a conhecer intimamente o autor da Bíblia Sagrada.

Gonçalves cumpre o seu ministério nas bem-aventuradas e lindas terras do Piauí. Certa vez, estive em Teresina. E, ali, na capital piauiense, pude constatar o quanto aquele recanto é propício às letras e à poesia. Deparei-me com uma juventude consagrada à Palavra de Deus. A beleza da cidade surpreendeu-me. Em meio à modernidade, o povo fazia questão de preservar a sua história e tradições. Coisas que os sudestinos, às vezes, não emprestamos muita cuidado.

Agora, posso entender por que algumas regiões são mais afeitas às letras.

Neste livro, o leitor encontrará um escritor não apenas envolvido, mas amorosamente comprometido com o ministério da página impressa. Alguém que vem cultivando as ciências bíblicas e teológicas com amor e santa perseverança. Minha oração é que Deus levante, por todo o país, homens e mulheres que se dediquem às belas letras evangélicas. E que o nosso texto áureo seja este: "De boas palavras transborda o meu coração. Ao Rei consagro o que compus; a minha língua é como a pena de habilidoso escritor" (Sl 45.1).

Claudionor de Andrade

SUMÁRIO

Agradecimento 5
Prefácio 7
Introdução 11
Capítulo 1 – O Propósito de Lucas 13
Capítulo 2 – O Nascimento de Jesus 24
Capítulo 3 – O Crescimento de Jesus 36
Capítulo 4 – A Tentação de Jesus 47
Capítulo 5 – Jesus Escolhe seus Discípulos 56
Capítulo 6 – Mulheres que Ajudaram Jesus 70
Capítulo 7 – Poder sobre as Doenças e a Morte 83
Capítulo 8 – Poder sobre a Natureza e os Demônios 93
Capítulo 9 – As Limitações dos Discípulos 103
Capítulo 10 – Jesus e o Dinheiro 114
Capítulo 11 – A Última Ceia 124
Capítulo 12 – A Morte de Jesus 134
Capítulo 13 – A Ressurreição de Jesus 143
Bibliografia 155

INTRODUÇÃO

Lucas, o médico amado, não foi um apóstolo nem tampouco foi uma testemunha ocular da vida de Jesus, todavia deixou uma das mais belas obras literárias já escritas sobre os feitos do Salvador e os primeiros anos da comunidade cristã. A narrativa de Lucas descreve, com riqueza de detalhes, o ministério terreno de Jesus, como ele nasceu, cresceu, libertou os oprimidos, formou os seus discípulos, morreu pendurado em uma cruz e ressuscitou dos mortos.

O terceiro Evangelho possui uma forte ênfase carismática. Mais do que qualquer outro evangelista ou escrito do Novo Testamento, Lucas dá amplo destaque à pessoa do Espírito Santo durante o ministério público de Jesus até sua efusão sobre os cristãos primitivos. Nesse aspecto, a obra de Lucas deve ser entendida como um compêndio de dois volumes, onde o segundo volume, Atos dos Apóstolos, é entendido a partir do primeiro, o terceiro Evangelho, e vice-versa.

Um erro bastante comum cometido por vários teólogos, principalmente aqueles que não creem na atualidade dos dons espirituais, é tentar "paulinizar" os escritos de Lucas. Por não entenderem o pensamento lucano, não o vendo como teólogo como de fato ele era, mas apenas como um historiador, tentam interpretá-lo à luz dos escritos de Paulo. Evidentemente que toda Escritura é inspirada por Deus e que o princípio da analogia é uma das ferramentas básicas da boa exegese, todavia isso não nos dá o direito de transformar Lucas em mero coadjuvante da teologia paulina. Em outras palavras, Paulo deve ser usado para se compreender corretamente Lucas, mas também Lucas deve ser consultado para se quer entender, de fato, o que Paulo escreveu.

Esse entendimento se torna mais ainda relevante quando aplicamos essa metodologia em relação aos carismas do Espírito narrado no

terceiro Evangelho, em Atos dos Apóstolos e nas epístolas paulinas. Se Paulo foi um teólogo, possuindo independência para falar dos dons do Espírito, Lucas da mesma forma também o foi e seu pensamento é tão relevante quanto o de Paulo. Nesse aspecto Lucas não deve ser entendido apenas como um narrador de fatos históricos, mas como um teólogo que escreveu a história.

Este livro mostra facetas dessa abordagem metodológica na interpretação de Lucas, mas não segue o modelo adotado nos comentários de natureza puramente expositiva como são, por exemplo, as obras de Leon Morris, William Hendriksen, Fritz Rienecker, J.C. Ryle e outros. Isso tem uma razão de ser – o presente texto não é um comentário versículo por versículo do evangelho de Lucas, nem mesmo capítulo por capítulo. Antes, é uma abordagem temática dos principais fatos ocorridos durante o ministério público de Jesus, como por exemplo, seu nascimento, crescimento, morte e ressurreição. Tendo sido escrito como texto de apoio às *Lições Bíblicas de Jovens e Adultos* da Escola Dominical esse tipo de abordagem permite trazer um comentário mais exaustivo sobre cada tema, mas, sem dúvida, limita um estudo mais expositivo do texto bíblico. Isso explica, por exemplo, o porquê de determinados textos, mesmo sendo importantes dentro do contexto da teologia lucana, não terem sido abordados aqui.

Procurando fugir do tecnicismo das obras de natureza puramente exegética, até mesmo por seguir a estrutura das *Lições Bíblicas* a quem serve de apoio, o presente livro primou por ser mais de natureza devocional-teológica. Isso não significa que a exegese e os princípios bíblicos de interpretação foram relegados ao segundo plano. Não! Todavia procurou o presente texto dialogar com o leitor por saber que muitos deles, alunos da ED, não tiveram acesso ao intrincado mundo das enfadonhas regras gramaticais.

Que o Senhor abençoe a cada leitor deste livro.

Capítulo 1

O Propósito de Lucas

Metodologia

Ao estudarmos uma obra literária, precisamos, dentre outras coisas, levar em conta a sua autoria e data, o tipo de gênero literário, o seu destinatário e o propósito para o qual ela foi escrita. Essa metodologia é importante não apenas para o estudo de textos bíblicos, mas também para qualquer obra da literária universal. A sua observância garantirá que o intérprete não chegue a conclusões equivocadas e diferentes daquelas que tencionou o autor.

O estudante da Bíblia deve, portanto, ter isso em mente quando estuda o terceiro Evangelho. Roger Stronstad, teólogo de tradição pentecostal canadense, demonstrou, por exemplo, que uma metodologia errada na análise do Evangelho de Lucas tem levado vários estudiosos a chegarem a conclusões teológicas igualmente erradas.[1] Esses equívocos têm como subprodutos uma fé e prática cristã diferente daquela desenhada nas obras de Lucas.

Ao analisar, por exemplo, os contrastes existentes no desenvolvimento histórico da doutrina do Espírito Santo nas diferentes tradições cristãs, Stronstad observa que "essa divisão não é simplesmente teológica. No fundo, o assunto tem diferenças hermenêuticas ou metodológicas fundamentais. Essas diferenças metodológicas surgem dos diversos gêneros literários e são da mesma extensão que estes. Por exemplo, há que deduzir a teologia do Espírito Santo de Lucas de uma "história" de dois volumes sobre a fundação e o crescimento do cristianismo, dos quais se classifica o volume um como um Evangelho e o volume dois como Atos. Por contraste, temos que derivar a teologia do Espírito Santo de Paulo de suas cartas, as quais dirigiu às igrejas geograficamente separadas em diferentes ocasiões de suas jornadas missionárias. Estas

cartas são circunstanciais, quer dizer, tratam de alguma circunstância particular: por exemplo notícias de controvérsias (Gálatas), respostas às perguntas específicas (1 Coríntios) ou planos para uma visita vindoura (Romanos). Assim que, à medida que Lucas *narra* o papel do Espírito Santo na história da igreja primitiva, Paulo ensina a seus leitores acerca da pessoa e ministério do Espírito".[2]

Autoria

Como veremos mais adiante, a tradição que atribui autoria lucana para o terceiro Evangelho é muito antiga. No texto bíblico, as referências ao "médico amado" são Colossenses 4.14; 2 Timóteo 4.11 e Filemon 24. Todavia assim como outros escritos do Novo Testamento, o terceiro Evangelho também não traz grafado o nome de seu autor.

Evidências internas da autoria lucana

Diferentemente de outros livros neotestamentários que são anônimos, o terceiro Evangelho deixou pistas que permitiram à igreja atribuir a Lucas, o médico amado, a sua autoria. Alguns desses indícios internos listados pelos biblistas são:

1. Tanto o livro de Lucas como o livro de Atos são endereçados a uma pessoa identificada como Teófilo. "Tendo, pois, muitos empreendido pôr em ordem a narração dos fatos que entre nós se cumpriram, segundo nos transmitiram os mesmos que os presenciaram desde o princípio e foram ministros da palavra, pareceu-me também a mim conveniente descrevê-los a ti, ó excelentíssimo Teófilo, por sua ordem, havendo-me já informado minuciosamente de tudo desde o princípio" (Lc 1.3), "Fiz o primeiro tratado, ó Teófilo, acerca de tudo que Jesus começou, não só a fazer, mas a ensinar, até ao dia em que foi recebido em cima, depois de ter dado mandamentos, pelo Espírito Santo, aos apóstolos que escolhera; aos quais também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas e infalíveis provas, sendo visto por eles por espaço de quarenta dias e falando do que respeita ao Reino de Deus" (At 1.1-3).
2. Como vimos, o livro de Atos se refere a um outro livro que fora escrito anteriormente (At 1.1), que sem dúvida alguma trata-se

do terceiro Evangelho. Quem escreveu Atos dos Apóstolos, portanto, escreveu também o terceiro evangelho.[3]

3. O estilo literário e as características estruturais de Lucas e Atos apontam na direção de um só autor;
4. Muitos temas comuns ao terceiro Evangelho e Atos não são encontrados em nenhum outro lugar do Novo Testamento. Por exemplo, a ênfase na ação carismática do Espírito Santo sobre Jesus e seus seguidores (Lc 24.49; At 1.4-8).[4]

Devemos observar ainda, como destaca Walter Liefeld, dentro dessa perspectiva, que o autor de Lucas-Atos não foi uma testemunha ocular dos feitos de Jesus, mas um cristão da segunda geração que se propôs a documentar a tradição existente sobre Jesus e o andar dos primeiros cristãos. Na passagem de Atos 16.10-17, a referência à primeira pessoa do plural (nós) além de revelar que Lucas era um dos companheiros de Paulo na segunda viagem missionária mostra também que era ele quem documentava esses registros:

"E, logo depois desta visão, procuramos partir para a Macedônia, concluindo que o Senhor nos chamava para lhes anunciarmos o evangelho. E, navegando de Trôade, fomos correndo em caminho direito para a Samotrácia e, no dia seguinte, para Neápolis; e dali, para Filipos, que é a primeira cidade desta parte da Macedônia e é uma colônia; e estivemos alguns dias nesta cidade. No dia de sábado, saímos fora das portas, para a beira do rio, onde julgávamos haver um lugar para oração; e, assentando-nos, falamos às mulheres que ali se ajuntaram. E uma certa mulher, chamada Lídia, vendedora de púrpura, da cidade de Tiatira, e que servia a Deus, nos ouvia, e o Senhor lhe abriu o coração para que estivesse atenta ao que Paulo dizia. Depois que foi batizada, ela e a sua casa, nos rogou, dizendo: Se haveis julgado que eu seja fiel ao Senhor, entrai em minha casa e ficai ali. E nos constrangeu a isso. E aconteceu que, indo nós à oração, nos saiu ao encontro uma jovem que tinha espírito de adivinhação, a qual, adivinhando, dava grande lucro aos seus senhores. Esta, seguindo a Paulo e a nós, clamava, dizendo: Estes homens, que nos anunciam o caminho da salvação, são servos do Deus Altíssimo" (At 16.10-17).

Essas evidências internas, sem sombra de dúvidas, apontam a autoria lucana do terceiro Evangelho. A propósito, em 1882 o escritor

W.K. Hobart em seu livro: *A Linguagem Médica de Lucas* demonstrou a existência de vários termos médicos usados no terceiro Evangelho, o que confirmaria a autoria lucana. Posteriormente a obra O *Estilo Literário de Lucas*, escrita por H. J. Cadbury tentou mostrar que não somente Lucas usou termos médicos em sua obra, mas que outros escritores, mesmo não sendo médicos, fizeram o mesmo. Mas como bem observou William Hendriksen, quando se faz um paralelo entre Lucas e os demais Evangelhos Sinóticos observa-se a peculiaridade do vocabulário médico empregado por Lucas. Hendriksen comparou, por exemplo, Lucas 4.38 com Mateus 8.14 e Marcos 1.30 (a natureza ou grau da febre da sogra de Pedro); Lucas 5.12 com Mateus 8.2 e Marcos 1.40 (a lepra); e Lucas 8.43 com Marcos 5.26 (a mulher e os médicos). Ainda de acordo com Hendriksen, pode-se acrescentar facilmente outros pequenos toques. Por exemplo, somente Lucas declara que era a mão direita que estava seca (6.6, cf. Mt 12.10; Mc 3.1); e entre os escritores sinóticos, somente Lucas menciona que foi a orelha direita do servo do sumo sacerdote a ser cortada (22.50; cf. Mt 26.51 e Mc 14.47). Compare também Lucas 5.18 com Mateus 9.2, 6 e Marcos 2.3, 5, 9; e cf. Lucas 18.25 com Mateus 19.24 e Marcos 10.25. Além do mais, conclui Hendrinksen, embora seja verdade que os quatro Evangelhos apresentam Cristo como o Médico compassivo da alma e do corpo, e ao fazê-lo revelam que seus escritores também eram homens de terna compaixão, em nenhuma parte é este traço mais abundantemente notório que no Terceiro Evangelho.[5]

Evidências externas da autoria lucana

Além dessas evidências internas, há também diversas evidências externas, que fazem parte da tradição cristã, atestando a autoria lucana para o terceiro Evangelho. Uma delas, o cânon muratoriano, escrita em cerca de 180 d.C., confirma a autoria de Lucas: "o terceiro livro do Evangelho, segundo Lucas, que era médico, que após a ascensão de Cristo, quando Paulo o tinha levado com ele como companheiro de sua jornada, compôs em seu próprio nome, com base em relatório". Em cerca de 135 d.C., antes portanto do Cânon muratoriano, Marcião, o herege, também atesta a autoria de Lucas para o terceiro Evangelho. Testemunho confirmado posteriormente por Irineu (*Contra as Heresias, 3.14.1*) e outros escritores posteriores.

Data de Composição da Obra

A data da composição do terceiro evangelho é melhor definida pelos biblistas quando se leva em conta alguns fatores. Por exemplo, se Lucas valeu-se do Evangelho de Marcos como uma de suas fontes, nesse caso é preciso situá-lo em data posterior ao escrito de Marcos que foi redigido alguns anos antes do ano 70 d.C. Segundo, se Lucas é o primeiro volume de uma obra em dois volumes (Lucas-Atos), como se acredita que é, fica bastante evidente que o terceiro Evangelho foi compilado antes dos Atos dos Apóstolos. Nesse caso será preciso primeiramente datar o livro de Atos. Os eruditos acreditam que, levando-se em conta uma análise detalhada do livro de Atos dos Apóstolos, a data para sua redação está entre 61 a 65 d.C. Em Terceiro lugar, a data para a redação de Lucas dependerá também de como se interpreta o sermão feito por Cristo sobre a destruição de Jerusalém (Lc 21.8-36). Nesse caso, argumentam os críticos, Lucas escreveu depois da destruição de Jerusalém no ano 70 visto ter feito referência aos fatos ocorridos nessa data. Esse argumento é fraco, visto que Cristo proferiu uma profecia sobre os eventos do fim e que tiveram início na destruição de Jerusalém. É o que os teólogos denominam de *vaticinium ex eventu*, isto é, uma profecia que é feita antes que o evento ocorra. Em quarto lugar, muitos críticos argumentam em favor de uma data mais tardia para Lucas, porque segundo eles, algumas situações mostradas nas obras de Lucas demonstrariam situações que ainda não existiam nos anos 60 e 70 d.C. Mas esse é um argumento que não se sustenta pelas mesmas razões já expostas anteriormente.[6] Em resumo, Lucas redigiu sua obra entre os anos 60 e 70, sendo que alguns estudiosos opinam para a primeira parte dessa década enquanto outros pela segunda. Seja como for, isso em nada altera aquilo que Lucas escreveu.

Gênero Literário

Compreender a que tipo de gênero literário pertence o terceiro Evangelho é crucial para uma correta compreensão do seu texto. Isso se torna mais relevante ainda quando se estuda o papel que o Espírito Santo ocupa na teologia lucana. Já há algum tempo, a perspectiva teológica que via as obras de Lucas apenas como biografia e história vem sendo abandonadas pelos biblistas. Em 1970 o conceituado teólogo I. Howard Marshall chamou a atenção para o fato de que Lucas não

poderia ser visto mais como um simples historiador, mas como um teólogo que escreveu a história.[7] Em outras palavras, Lucas não apenas documentou os fatos, mas escreveu suas obras tendo em mente um propósito teológico definido. Nesse aspecto, observa o escritor Luís Fernando Garcia-Viana, "Lucas é o teólogo da história da salvação: a história de Israel ou tempo da preparação; Jesus como centro do tempo (Lc 16.16); e o tempo da missão ou da igreja, que se inicia com a Ascensão e o Pentecostes".[8]

Quando se reduz as obras de Lucas apenas à sua dimensão histórica, forçosamente se é tentado a vê-las apenas como material de natureza *narrativa* ou *descritiva* e sem nenhum valor *didático*. Esse é um erro que precisamos evitar a todo custo. Por muitos anos esse era o entendimento que dominava os círculos teológicos graças às obras dos teólogos John Stott e Gordon D. Fee.[9] Partindo de uma metodologia que atribui apenas valor *narrativo* e não *didático* à obra de Lucas, tanto Sott como Fee acabaram por mutilar o caráter claramente carismático do texto lucano. A esse respeito, Stott escreveu:

> "Se deve buscar a revelação do propósito de Deus nas Escrituras nas partes *didáticas*, e jamais em sua porção histórica. Mais precisamente devemos buscá-la nos ensinos de Jesus e nos sermões e escritos dos apóstolos e não nas porções puramente narrativas de Atos".[10]

Esse é um exemplo clássico de falácia exegética, pois anula uma máxima bíblica na qual se afirma que toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para o nosso ensino (2 Tm 3.16; Rm 15.4). Por outro lado, não leva em conta o caráter didático das narrativas veterotestamentárias usadas por Paulo quando instrui os primeiros cristãos (Rm 4.1-25; 1 Co 10.1-12; Gl 3.6-14). A propósito, após ver sua argumentação ser contraditada por Roger Stronstad, o anglicano John Stott voltou atrás e fez emendas em sua tese:

> "Não estou negando que narrativas históricas têm uma finalidade didática, pois é claro que Lucas era tanto um historiador e um teólogo; Estou afirmando que a finalidade didática de uma narrativa nem sempre é evidente em si mesma e por isso muitas vezes precisa de ajuda interpretativa de outro lugar nas Escrituras".[11]

Lucas, portanto, foi um teólogo que escreveu a história e ao assim proceder o fez com um fim didático. Primeiramente ele mostra no seu Evangelho a história da Salvação se revelando de uma forma especial e chegando ao seu clímax com Jesus, o Messias prometido. O Espírito do Senhor, que agiu sobre os antigos profetas e que seria um sinal distintivo do Messias (Is 61.1; Lc 4.18), estava sobre Jesus capacitando-o a realizar as obras de Deus. No segundo volume da sua obra, Atos dos Apóstolos, ele demonstra que essa história da Salvação não sofreu solução de continuidade, pois o mesmo Jesus, na pessoa do Espírito Santo, continuou presente em seus seguidores. O Messias cumpriu as profecias e derramou o Espírito Santo sobre toda a carne (Jl 2.28; At 2.33; 5.32). Não há dúvidas, portanto, que a teologia lucana mostra de forma inequívoca que as mesmas experiências dos cristãos primitivos serviriam de parâmetro para todos os crentes na história da igreja.[12]

Propósito

A fé cristã no seu contexto histórico

É inegável que Lucas, como um teólogo, demonstrou um grande interesse pelos fatos históricos quando redigiu sua obra. O prólogo, escrito a Teófilo, que se acredita ser um gentio de alta posição social, atesta isso. "Tendo, pois, muitos empreendido pôr em ordem a narração dos fatos que entre nós se cumpriram, segundo nos transmitiram os mesmos que os presenciaram desde o princípio e foram ministros da palavra, pareceu-me também a mim conveniente descrevê-los a ti, ó excelentíssimo Teófilo, por sua ordem, havendo-me já informado minuciosamente de tudo desde o princípio, para que conheças a certeza das coisas de que já estás informado" (Lc 1.1-4).[13]

O que pretendia, portanto, o autor do terceiro Evangelho ao documentar sua obra? Lucas procura narrar a história; mas não a história como se entende hoje em seu sentido secular ou positivo, que se prende apenas à narrativa das ações humanas.[14] Ele narra a história da Salvação. A história de Lucas é a história da ação de Deus entre os homens e como ele demonstra a sua soberania entre eles! Dentro desse contexto o seu interesse era mostrar os fatos sobre os quais o evangelho estava fundamentado; estabelecer o vínculo entre o cristianismo e o

judaísmo, revelando dessa forma que a fé cristã possuía raízes judaicas; deixar claro que o cristianismo não veio para competir com o império romano, mostrando assim que ele não era uma ameaça política à autoridade do império.[15]

Uma Teologia Carismática

Como um escritor inspirado e um teólogo cristão, Lucas mostra que o tempo do cumprimento das promessas de Deus, preditas nos antigos profetas, havia chegado. Fica claro para ele que o advento do cristianismo foi precedido pela renovação do Espírito profético. O último profeta, Malaquias, havia silenciado cerca de quatrocentos anos antes. Esse hiato entre os dois testamentos é conhecido como período inter-bíblico. Agora esse silêncio é rompido, primeiramente pelo anúncio feito a Zacarias, pai de João Batista (Lc 1.13) e posteriormente a Maria, a mãe de Jesus (Lc 1.28). É, contudo, no ministério de João Batista, que Lucas mostra a restauração da antiga profecia bíblica: "E, no ano quinze do império de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judeia, e Herodes, tetrarca da Galileia, e seu irmão Filipe, tetrarca da Itureia e da província de Traconites, e Lisânias, tetrarca de Abilene, sendo Anás e Caifás sumos sacerdotes, veio no deserto a palavra de Deus a João, filho de Zacarias" (Lc 3.1-2).

Essa restauração da antiga profecia bíblica, como veremos em capítulos posteriores, é importante no contexto da teologia carismática de Lucas. Já foi dito que Lucas escreveu uma obra em dois volumes e esse é um fato importante porque essa homogeneidade nos ajuda compreender a ação do Espírito Santo na teologia Lucas-Atos. No Evangelho, Lucas mostra o Espírito atuando sobre o Messias e capacitando-o para realizar as obras de Deus como havia sido prometido nas profecias (Lc 4.18; Is 61.1). Por outro lado, no livro de Atos está o cumprimento da promessa do Messias de derramar esse mesmo Espírito sobre os seus seguidores (Lc 11.13; 24.49; At 1.8). Em outras palavras, o mesmo revestimento de poder que estava sobre Jesus Cristo e que o capacitou a curar os enfermos, ressuscitar os mortos e expulsar os demônios seria também dado a seus seguidores quando ele fosse glorificado. "De sorte que, exaltado pela destra de Deus e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós agora vedes e ouvis" (At 2.33); "nós somos testemunhas acerca destas palavras, nós e também o Espírito Santo, que Deus deu àqueles que lhe obedecem" (At 5.32).[16]

A História da Salvação

A história da Salvação no terceiro Evangelho é revelada em seu aspecto particular e universal. Sem dúvida a ênfase maior está na universalidade da Salvação. Jesus veio para os judeus, mas não somente para estes, ele veio também para os gentios. A Salvação é para todos! Esse princípio teológico de Lucas fica em evidência quando se observa o lugar que os excluídos ocupam nos seus registros. No anúncio do nascimento de Jesus feito pelos anjos aos camponeses foi dito: "Vos trago boa-nova de grande alegria, que o será para todo o povo" (Lc 2.10).

Todo o povo, e não apenas os judeus, era objeto da graça de Deus. É inegável a atenção que se dá aos pobres, excluídos e marginalizados no Evangelho de Lucas. O Espírito Santo estava sobre Jesus para "evangelizar os pobres" (Lc 4.18). É interessante observarmos que a palavra grega *ptochoi*, traduzida como *pobres*, significa alguém que possui alguma carência. É exatamente esses carentes que Jesus irá priorizar em seu ministério. Ele dará grande atenção aos publicanos, pecadores, mulheres e aos samaritanos que eram discriminados naquela cultura (Lc 5.32; 7.34-39;9.51-56; 10.3; 15.1; 17.16; 18.13; 19.10).

Essa Salvação predita pelos profetas, anunciada pelos anjos e declamada em forma poética pelo sacerdote Zacarias e Maria, mãe de Jesus, é também de natureza escatológica. A teologia lucana mostra João anunciado a chegada do Reino e Jesus estabelecendo-o durante o seu ministério. Todavia esse Reino inaugurado pela manifestação messiânica (Lc 4.43; 8.1; 9.2; 17.21) ainda não está revelado em toda a sua extensão. Já podemos, sim, viver a sua realidade no presente, mas a sua plenitude somente na sua *parousia*! (At 1.6-11).

Essa é a nossa esperança!

NOTAS

[1] STRONSTAD, Roger. *The Charismatic Theology of St. Luke.* Hendrickson Publishers, tenth printing, U.S.A, march 2009.

[2] STRONSTAD, Roger. Idem, pg.6. Stronstad amplia seu argumento na sua obra *Spirit, Scripture & Tehology – a Pentecostal Perspective.* Asia Pacific Theological Seminary Press, Baguio City, Philippines, 1995.

[3] Vejam uma exposição detalhada sobre esse ponto na obra de William Hendrinksen: *Comentário do Novo Testamento – Lucas.* Editora Cultura Cristã.

[4] LIEFELD, Walter. *The Expositor Bible Commentary.* Zondervan, U.S.A.

[5] HENDRINKSEN, William. *Comentário Novo Testamento – Lucas.* Editora Cultura Cristã, São Paulo, SP.

[6] LIEFELD, Walter. *The Expositor's Bible Commentary – Mathews, Mark, Luke, Vol. 8.* Zondervan.

[7] MARSHALL, I. Howard. *Luke – Historian & Theologian.* IVP Academic, Illinois, U.S.A, 1970.

[8] GARCIA-VIANA, Luis Fernando *in Comentário ao Novo Testamento, vol. III.* Editora Ave Maria, São Paulo, 2006.

[9] Conforme se encontram nos livros: *Batismo e Plenitude do Espírito* (Stott) e *Entendes o que Lês* (Fee).

[10] STOTT, John. *Batismo e Plenitude.* Edições Vida Nova, São Paulo, SP.

[11] STOTT, John. *The Spirit, the Church, and the World, p. 8,* Downers Grove, IL: Inter Varsity Press, 1990.

[12] Os escritores americanos Stanley M. Burgess (*The Holy Spirit: Eastern Christian Traditions)* e Ronal A. Kydd (*Charismatic Gifts in the Early Church)* demonstraram de forma definitiva que os dons do Espírito Santo estiveram presentes por toda a história da igreja.

[13] A palavra grega *Teófilo* significa "Amigo de Deus", e o termo *cratistos,* traduzido como "excelentíssimo" é um pronome de tratamento usado para pessoas que desfrutavam de um elevado conceito social.

[14] Os séculos 19 e 20 testemunharam a corrida de muitos teólogos na busca, do que denominavam de "Jesus Histórico". Esses autores, influenciados pelo secularismo, queriam dar uma roupagem mais científica ao cristianismo, eliminando do seu seio o que eles acreditavam ser mitos, lendas e dogmas. O resultado disso tudo foi a produção de um "Jesus Histórico" caricaturado, totalmente diferente daquele mostrado nos Evangelhos. Duas obras representativas nesse sentido são *The Life*

of Jesus, 1863 de Ernest Renan, escritor francês e *Demitologização*, do protestante Rudolf Bultmann. James D.G. Dunn em sua obra: *Jesus em Nova Perspectiva – o que os estudos sobre o Jesus Histórico deixaram para trás (Paulus, 2013)*, ao fazer uma crítica a esses estudos, destaca: "o que começou como protesto contra a artificialidade do Cristo do credo, o que iniciou como tentativa de eliminar camadas seculares de estratagemas dogmáticos e eclesiásticos acabou rejeitando os próprios evangelhos e sua imagem de Jesus suspeitando seriamente da tradição de Jesus como um todo. Do início ao fim, toda a tradição de Jesus é produto da fé, motivo pelo qual deve ser ignorada" (p.27).

[15] TOLBERT, Malcolm. *Comentário Bíblico Broadman, volume 9, Lucas-João*. Editora Juerp, Rio de Janeiro, 1983.

[16] Roger Stronstad observa em *La Teologia Carismática de Lucas* e em *The Prophethood of All* Believers, que assim como a unção de Jesus (Lc 3.22; 4.18) é um paradigma para o subsequente batismo do Espírito, a unção dos discípulos é um paradigma para o povo de Deus por todos os "dias posteriores" como uma comunidade carismática do Espírito, a unção profética de todos os crentes (At 2.16-21).

Capítulo 2

O Nascimento de Jesus

Um Judeu Marginal

A narrativa do nascimento de Jesus feita por Lucas é o mais detalhado entre os outros evangelhos sinóticos e também o mais bem contextualizado dentro da história. Muito do que foi escrito sobre o propósito de Lucas no capítulo primeiro encontra-se nos textos relacionados ao nascimento de Jesus:

"E aconteceu, naqueles dias, que saiu um decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo se alistasse. (Este primeiro alistamento foi feito sendo Cirênio governador da Síria.) E todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade. E subiu da Galileia também José, da cidade de Nazaré, à Judeia, à cidade de Davi chamada Belém (porque era da casa e família de Davi), a fim de alistar-se com Maria, sua mulher, que estava grávida. E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz. E deu à luz o seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem" (Lc 2.1-7).

O contexto político

Aqui, como em outros lugares, Lucas cita personagens da história dentro do seu relato. É durante o reinado de César Augusto, que governou o Império romano entre os anos 27 a.C a 14 d.C., que Jesus nasceu. A Palestina, portanto, estava sob dominação romana no tempo de Jesus. A política de Roma não era a da ocupação dos territórios conquistados, mas subjugá-los através de um pesado sistema de cobrança de impostos. Os imperadores nomeavam governadores e procuradores para esses territórios conquistados a fim de manter a ordem e garantir

a administração dos mesmos. Para que o império pudesse manter esses territórios sob o jugo de Roma, as famosas legiões romanas, formadas por militares altamente treinados, eram deslocadas para esses lugares. Isso explica as frequentes citações aos centuriões romanos nos dias de Jesus e da Igreja Primitiva.

O escritor José Antonio Pagola destaca que Jesus não chegou a conhecer esses imperadores. Para o grande império ele não passava de um judeu marginal.[1] Não há registros que os imperadores César Augusto e Tibério andaram na palestina desde que a mesma foi submetida ao jugo de Roma por Pompeu no ano 63 a.C. Todavia Jesus sabia de suas existências e deve ter visto suas imagens gravadas nas moedas que circulavam. Sem dúvida Jesus sabia que os imperadores eram os donos do mundo e da Galileia dos seus dias. Quando Jesus ainda não tinha vinte e cinco anos de idade, Antípas, que era vassalo de Roma, construiu uma esplêndida cidade à beira do mar da Galileia e a chamou de *Tiberíades* em homenagem ao Imperador Tíberio, que acabava de suceder o imperador Otávio Augusto. A presença do Império e dos imperadores estavam por toda parte para lembrar o povo quem é que mandava no mundo.

Pagola destaca ainda que durante "mais de sessenta anos ninguém pôde opor-se ao Império de Roma. Otávio e Tibério dominavam a cena política sem grandes sobressaltos. Umas trinta legiões, de cinco mil homens cada uma, e mais outras tropas auxiliares asseguravam o controle absoluto de um território imenso que se estendia desde a Espanha e as Gálias até a Mesopotâmia; desde as fronteiras do Reno, do Danúbio e do mar Morto até o Egito e o norte da África".[2]

Jesus nasceu pouco antes da morte de Herodes, o Grande, que sem dúvidas foi o mais cruel dos governantes vassalos de Roma. Já velho e temeroso de perder o poder passou a acreditar que todos conspiravam contra ele. A sua própria família foi alvo da sua psicose! Primeiramente mandou matar o cunhado, afogando-o em uma piscina na cidade de Jericó; depois acusou a sua esposa Mariamne de adultério e mandou executá-la. Sua sogra também não escapou. Cerca de três anos antes de morrer mandou matar seus próprios filhos Alexandre e Aristóbulo, que seriam os legítimos herdeiros do trono e depois fez o mesmo com seu outro filho Herodes Antípatro.[3]

A sua loucura chegou ao clímax quando ordenou a matança dos infantes de Belém de dois anos de idade por acreditar que entre eles estaria Jesus, o rei dos Judeus:

> "Então, Herodes, vendo que tinha sido iludido pelos magos, irritou-se muito e mandou matar todos os meninos que havia em Belém e em todos os seus contornos, de dois anos para baixo, segundo o tempo que diligentemente inquirira dos magos. Então, se cumpriu o que foi dito pelo profeta Jeremias, que diz: Em Ramá se ouviu uma voz, lamentação, choro e grande pranto; era Raquel chorando os seus filhos e não querendo ser consolada, porque já não existiam" (Mt 2.16-18).

Roma, portanto, vivia na sua glória imperial e a presença de um simples galileu nem mesmo era notada. Jesus, o Filho de Deus, foi um personagem anônimo para os donos do mundo! Para a sociedade romana, Jesus vivia à margem da história. Pouco ou quase nada é dito sobre Jesus pelos escritores dessa época. Um milagreiro da Galileia não despertava interesse para o grande Império. Somente Flávio Josefo, escritor judeu (37 d.C a 100 d.C), e que se tornou amigo dos imperadores romanos, indo posteriormente morar em Roma, percebeu a presença do galileu de Nazaré:

> "Por esse tempo viveu um homem sábio chamado Jesus e sua conduta era boa, e era sabido que era virtuoso. Muitos dentre os judeus e de outras nações se fizeram discípulos seus. Pilatos o condenou a ser crucificado e a morrer. Mas aqueles que tinham se tornado seus discípulos não abandonaram o discipulado. Informaram que ele havia aparecido três dias depois de sua crucificação, e que estava vivo. Portanto, talvez fosse o Messias, acerca de quem os profetas haviam dito maravilhas. E a tribo de cristãos, assim chamada por ele, não desapareceu até o dia de hoje".[4]

Natal sem Cristo

A presença de Jesus não foi percebida somente pelos romanos, os belemitas também não o perceberam: "E deu à luz o seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque *não havia lugar para eles na estalagem*" (Lc 2.7).

Devido ao recenseamento, o fluxo de gente era muito grande e um casal pobre com uma mulher grávida era mais um no meio da multidão. Não havia mais vaga na rede hoteleira daquela época. Se não

havia vaga para Cristo naqueles dias, hoje também não é diferente. Não há mais vaga em muitos corações para nascer o filho de Deus. Todos os anos o seu nascimento é celebrado, mas esse não é um nascimento espiritual, mas apenas comercial.

O que devemos, então, celebrar no nascimento de Jesus?

1. O nascimento do Cristo "pessoa", mas não o Cristo mercadoria.

Não há dúvidas de que o nascimento de Jesus continua sendo celebrado hoje, mas essa é uma celebração comercial. Os telejornais exibem que nesse período as vendas aumentam em até 30%! Isso é muito bom para a economia! Lojas e Shoppings lotados, mas os corações estão esvaziados! O Jesus do comércio não passa de uma mercadoria vendável. Esse é o natal que não deve ser celebrado como diz o poeta:

Cantarei o Natal,
Mas o Natal-acontecimento,
O Natal exato,
Realidade confortadora e simples,

Não o natal de Papai Noel,
De São Nicolau,
Do trenó sobre a neve,
Do buraco da fechadura,
Da chaminé delgada e escura,
Do farnel de brinquedos...
Não!
Esse, positivamente, não é o Natal,
Esse é um natal de mentira,
Inventado por alguém sem imaginação.
Não e não!
Postiço e falso é o natal dos brinquedos:
Da árvore de bolas amarelas, verdes,
Vermelhas, azuis, pretas, douradas,
Espelhando rostos alegres,
Alongando e diminuindo feições sorridentes,
Natal dos sapatinhos sob a cama,
Dos olhos marotos do menino rico,
Dos olhos parados do menino pobre.[5]

2. O nascimento do Cristo dos magos, mas não o Cristo da magia.

Não há consenso entre os intérpretes sobre a real identidade dos magos do Oriente. Os antigos pais da igreja viam nessa visita dos magos ao recém-nascido Jesus, a astrologia e a magia se curvando perante a sua majestade e sabedoria. A estrela de Cristo brilhou no coração desses magos.

> "E, tendo nascido Jesus em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do Oriente a Jerusalém, e perguntaram: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos a adorá-lo. E o rei Herodes, ouvindo isso, perturbou-se, e toda a Jerusalém, com ele. E, congregados todos os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer o Cristo. E eles lhe disseram: Em Belém da Judeia, porque assim está escrito pelo profeta: E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as capitais de Judá, porque de ti sairá o Guia que há de apascentar o meu povo de Israel. Então, Herodes, chamando secretamente os magos, inquiriu exatamente deles acerca do tempo em que a estrela lhes aparecera. E, enviando-os a Belém, disse: Ide, e perguntai diligentemente pelo menino, e, quando o achardes, participai-mo, para que também eu vá e o adore. E, tendo eles ouvido o rei, partiram; e eis que a estrela que tinham visto no Oriente ia adiante deles, até que, chegando, se deteve sobre o lugar onde estava o menino. E, vendo eles a estrela, alegraram-se muito com grande júbilo. E, entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, lhe ofertaram dádivas: ouro, incenso e mirra" (Mt 2.1-11).

Infelizmente o Cristo que está sendo festejado hoje não é mais o Cristo dos magos, mas o Cristo da magia. A magia não está mais restrita às seitas esotéricas, mas pode também ser encontrada em muitos cultos evangélicos! A água e a rosa ungida, o lenço ungido, e uma infinidade de outros apetrechos e penduricalhos religiosos oriundos do judaísmo antigo são um testemunho vivo desse misticismo evangélico.

3. **O nascimento do Cristo dos pastores, mas não o Cristo dos mercenários**

"Ora, havia, naquela mesma comarca, pastores que estavam no campo e guardavam durante as vigílias da noite o seu rebanho. E eis que um anjo do Senhor veio sobre eles, e a glória do Senhor os cercou de resplendor, e tiveram grande temor. E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo, pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos será por sinal: achareis o menino envolto em panos e deitado numa manjedoura. E, no mesmo instante, apareceu com o anjo uma multidão dos exércitos celestiais, louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens! E aconteceu que, ausentando-se deles os anjos para o céu, disseram os pastores uns aos outros: Vamos, pois, até Belém e vejamos isso que aconteceu e que o Senhor nos fez saber. E foram apressadamente e acharam Maria, e José, e o menino deitado na manjedoura" (Lc 2.8-16).

Esse texto mostra a celebração que esses pastores fizeram por ocasião do nascimento de Jesus. Houve muita alegria entre aqueles camponeses. Deus em sua grandeza contemplou os pequenos!

Pastores, sim. Mercenários, não!

Devemos sim celebrar o Cristo dos pastores, mas jamais o Cristo dos mercenários. Não há dúvida de que hoje a sociedade olha com desconfiança o ministério pastoral e essa desconfiança se deve em grande parte pelo mau testemunho dos mercenários.

A Bíblia garante que há pastores e também que existem mercenários (Jo 10.1-18). Nesse sermão conhecido como "*Jesus, o bom Pastor*", encontramos alguns princípios apontados pelo próprio Jesus que nos permitem separar o verdadeiro pastor do mercenário.

> "Na verdade, na verdade vos digo que aquele que não entra pela porta no curral das ovelhas, mas sobe por outra parte, é ladrão e salteador. Aquele, porém, que entra pela porta é o pastor das ovelhas. A este o porteiro abre, e as ovelhas ouvem a

sua voz, e chama pelo nome às suas ovelhas e as traz para fora. E, quando tira para fora as suas ovelhas, vai adiante delas, e as ovelhas o seguem, porque conhecem a sua voz. Mas, de modo nenhum, seguirão o estranho; antes, fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos. Jesus disse-lhes esta parábola, mas eles não entenderam o que era que lhes dizia. Tornou, pois, Jesus a dizer-lhes: Em verdade vos digo que eu sou a porta das ovelhas. Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores, mas as ovelhas não os ouviram. Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, salvar-se-á, e entrará, e sairá, e achará pastagens. O ladrão não vem senão a roubar, a matar e a destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância. Eu sou o bom Pastor; o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas. Mas o mercenário, que não é pastor, de quem não são as ovelhas, vê vir o lobo, e deixa as ovelhas, e foge; e o lobo as arrebata e dispersa. Ora, o mercenário foge, porque é mercenário e não tem cuidado das ovelhas. Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido. Assim como o Pai me conhece a mim, também eu conheço o Pai e dou a minha vida pelas ovelhas" (Jo 10.1-15).

- *O bom pastor conhece as ovelhas – "Ele as chama pelo nome" (Jo 10.3).* Chamar alguém ou alguma coisa pelo nome demonstra conhecimento que se tem sobre o ser ou objeto invocado. O mercenário não conhece o rebanho, pois o seu interesse não está nas ovelhas, mas somente no couro delas! Em muitos casos nem mesmo rebanho o mercenário possui. Às vezes é um andarilho que, em vez de estar em um aprisco, anda pelas igrejas peregrinando atrás de dinheiro. Infelizmente esse é um mal que está crescendo dentro até mesmo das igrejas pertencentes ao pentecostalismo clássico. Entre esses intrusos têm até mesmo empresários que ficam responsáveis pelas agendas desses e recebem comissão por isso. Costumam ligar para os que são verdadeiramente pastores dizendo que encontraram um "espaço" em suas agendas e gostariam de preenchê-lo na igreja para quem contatam. Costumam cobrar caro pelos seus sermões e demonstram ser muitos exigentes. Muitos estão totalmente sem condições morais e espirituais para falarem da santa Pala-

vra de Deus, pois deixaram suas mulheres ou estão envolvidos em algum tipo de escândalo.

- *O bom pastor dá exemplo para as ovelhas – "as ovelhas ouvem a sua voz" (Jo 10.4). Se as ovelhas ouvem a sua voz é porque o conhecem. Ele é o exemplo do rebanho. O pastor de verdade tem compromisso com a ética cristã e faz de tudo para o ministério não ser censurado. Não é caloteiro nem tampouco vende as ovelhas para o político da cidade. Ele sabe que o bom nome vale mais do que as muitas riquezas e que ser estimado é melhor do que a prata e o ouro (Pv 22.1).*

- *O bom pastor alimenta as ovelhas – "entrará, sairá e achará pastagem" (Jo 10.9). O bom pastor leva as ovelhas aos pastos verdejantes (Sl 23.1-6). O bom pastor lê a Bíblia e tudo aquilo que pode ajudar o seu entendimento a fim de levar uma alimentação de qualidade para o rebanho. Ele gasta horas a fio em oração, na meditação da Palavra e na leitura de bons livros. O mercenário não faz isso. Em vez de alimentar o rebanho, ele mantém a igreja com uma agenda abarrotada, onde há sempre alguém pregando no lugar dele. Quando prega não consegue ir além de alguns ralhos que dá nas ovelhas. Suas ovelhas encontram-se subnutridas, fracas e até mesmo mortas.*

- *O bom pastor sacrifica-se pelas ovelhas – "o bom pastor dá a vida pelas ovelhas" (Jo 10.11). O bom pastor se sacrifica pelo rebanho: "Regozijo-me, agora, no que padeço por vós e na minha carne cumpro o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja" (Cl 1.24). O bom pastor não está preocupado em defender seu bem-estar diante do rebanho, mas em ser um ministro de Deus para a sua igreja. Se necessário for, ele bate de frente, sofre o dano, a fim de que comportamentos e práticas erradas sejam corrigidos. Ele pode morrer, mas morre em pé.*

- *O bom pastor protege as ovelhas – "o mercenário vê vir o lobo e abandona as ovelhas" (Jo 10.16). O mercenário está preocupado com o seu bem-estar e abandona o rebanho ao primeiro sinal de perigo. Tem uma facilidade enorme para mudar de uma igreja para outra, desde que as condições lhes sejam favoráveis. Quando as coisas não estão indo muito bem financeiramente, começa a propagar que o seu tempo naquela igreja acabou. Torna-se um visionário e sonhador, tendo sonhos e visões de anjos que o estão enviando, sempre para igrejas de condições financeiras melhores do que a sua!*

vra de Deus, pois deixaram suas mulheres ou estão envolvidos em algum tipo de escândalo.

- *O bom pastor dá exemplo para as ovelhas – "as ovelhas ouvem a sua voz" (Jo 10.4). Se as ovelhas ouvem a sua voz é porque o conhecem. Ele é o exemplo do rebanho. O pastor de verdade tem compromisso com a ética cristã e faz de tudo para o ministério não ser censurado. Não é caloteiro nem tampouco vende as ovelhas para o político da cidade. Ele sabe que o bom nome vale mais do que as muitas riquezas e que ser estimado é melhor do que a prata e o ouro (Pv 22.1).*

- *O bom pastor alimenta as ovelhas – "entrará, sairá e achará pastagem" (Jo 10.9). O bom pastor leva as ovelhas aos pastos verdejantes (Sl 23.1-6). O bom pastor lê a Bíblia e tudo aquilo que pode ajudar o seu entendimento a fim de levar uma alimentação de qualidade para o rebanho. Ele gasta horas a fio em oração, na meditação da Palavra e na leitura de bons livros. O mercenário não faz isso. Em vez de alimentar o rebanho, ele mantém a igreja com uma agenda abarrotada, onde há sempre alguém pregando no lugar dele. Quando prega não consegue ir além de alguns ralhos que dá nas ovelhas. Suas ovelhas encontram-se subnutridas, fracas e até mesmo mortas.*

- *O bom pastor sacrifica-se pelas ovelhas – "o bom pastor dá a vida pelas ovelhas" (Jo 10.11). O bom pastor se sacrifica pelo rebanho: "Regozijo-me, agora, no que padeço por vós e na minha carne cumpro o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja" (Cl 1.24). O bom pastor não está preocupado em defender seu bem-estar diante do rebanho, mas em ser um ministro de Deus para a sua igreja. Se necessário for, ele bate de frente, sofre o dano, a fim de que comportamentos e práticas erradas sejam corrigidos. Ele pode morrer, mas morre em pé.*

- *O bom pastor protege as ovelhas – "o mercenário vê vir o lobo e abandona as ovelhas" (Jo 10.16). O mercenário está preocupado com o seu bem-estar e abandona o rebanho ao primeiro sinal de perigo. Tem uma facilidade enorme para mudar de uma igreja para outra, desde que as condições lhes sejam favoráveis. Quando as coisas não estão indo muito bem financeiramente, começa a propagar que o seu tempo naquela igreja acabou. Torna-se um visionário e sonhador, tendo sonhos e visões de anjos que o estão enviando, sempre para igrejas de condições financeiras melhores do que a sua!*

- *O bom pastor junta as ovelhas – "Ainda tenho outras ovelhas, não deste arisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor" (Jo 10.16). O bom pastor sabe juntar o rebanho! Ele sabe que alguns rebanhos são mistos. Além das ovelhas mais velhas, há também o cordeirinho que ainda mama; há bodes e outros animais, que mesmo não sendo da mesma espécie das ovelhas, se juntaram ao rebanho. Como separar o joio do trigo ou o a ovelha do bode para não estourar o rebanho? É exatamente aqui que o pastor se distingue do mercenário. A sua vocação e preparo o habilitaram a identificar e manter unido o seu rebanho de ovelhas.*

- *O bom pastor é reconhecido pelas ovelhas – "As ovelhas conhecem a mim" (Jo 10.14). O bom pastor tem o reconhecimento de suas ovelhas. Elas sabem que desfrutam de uma boa dieta espiritual graças ao seu empenho. Elas estão conscientes que devem manter o seu pastor à frente delas para evitar a aproximação dos mercenários.*

4. O nascimento do Cristo da manjedoura, mas não o Cristo das catedrais.

O Cristo de Belém é um Cristo simples, nasceu em uma manjedoura. Mas o Cristo celebrado hoje é o Cristo das catedrais! É o Cristo das megas igrejas. É um Cristo suntuoso! Infelizmente muitos estudos sobre evangelismo, missões e crescimento da igreja tomam como base essas megas igrejas. Os resultados são dados totalmente divorciados da realidade das igrejas nas favelas, nos sertões e entre as populações ribeirinhas. São estudos ministrados em hotéis de luxo, navios cruzeiros ou em um *resort* famoso. Geralmente esses pastores, que são *pops stars*, defendem esse tipo de cristianismo com o já surrado jargão que são cabeças e não caudas.

O contexto profético

Já foi dito neste livro que Lucas demonstra um interesse ímpar na pessoa do Espírito Santo e como Ele se relaciona com o ministério de Jesus. Lucas faz um desenho detalhado do contexto profético a fim de mostrar que o espírito profético havia sido revivificado.

Os expositores bíblicos David W. Pao e Echard J. Schnabel denominam esse aspecto da teologia carismática de Lucas de "o alvorecer da era escatológica", e escrevem:

> "Como o surgimento de João Batista significa o retorno da profecia e dos atos salvíficos de Deus na história, essa sessão destaca o despertar da era escatológica. A intensidade da presença do Espírito Santo enfatiza essa afirmação: Isabel "ficou cheia do Espírito Santo" (1.41), e assim também Zacarias (1.67). O ministério de João Batista é caracterizado como um ministério do Espírito (1.15). Simeão, que aguarda com expectativa a consolação de Israel (cf. Is 40.1), recebe o Espírito (2.25) e a revelação do Espírito Santo de que "ele não morreria antes de ver o Cristo da parte do Senhor" (2.26). Embora a presença do Espírito possa ser encontrada nos relatos de personagens do AT (e.g., Josué [Nm 27.18], Sansão [Jz 13.25], Davi [1 Sm 16.13], essa intensidade só encontra correspondência no acontecimento do Pentecostes, relatado no segundo volume de Lucas (At 2), no qual as promessas proferidas por João (Lc 3.16) e por Jesus (Lc 11.13; 12.12; At 1.8) são cumpridas. Esses acontecimentos apontam para o cumprimento de antigas promessas que falam do papel do Espírito no tempo do fim (v. esp. Is 32.14-17 [cf. Lc 24.49; At 1.8]; Jl 2.28-32 [cf. At 2.17-21]), quando Deus restaurará seu povo para sua glória (At 3.19-20)".[6]

A teologia de Lucas, portanto, tanto no terceiro evangelho como nos Atos dos Apóstolos é uma teologia da Salvação de Deus. Durante seu ministério terreno, capacitado pelo Espírito Santo, conforme o testemunho do terceiro evangelho, Jesus a proclamou (Lc 4.18; At 10.38). Glorificado à direita do Pai nos céus, e através do mesmo Espírito que outorgou aos que lhe obedecem, conforme o testemunho de Atos dos Apóstolos (At 2.33; 5.32), o Senhor está dando-lhe continuidade.

O Espírito Santo sempre esteve presente na história do povo de Deus. Ele esteve presente na história do antigo Israel, esteve presente no ministério de Jesus e dos apóstolos e agora está presente na igreja hodierna!

O nascimento de Jesus no contexto judaico

Por ocasião da redação do terceiro Evangelho, a igreja já tinha dado os seus primeiros passos. Uma das primeiras polêmicas no seio da igreja surgiu por conta da disputa entre judeus e gentios. Isso motivou a instauração do primeiro concílio da igreja que ocorreu em 49 d.C. Esse concílio, liderado pelos apóstolos, ocorreu em Jerusalém e tinha como

objetivo se opor aos esforços dos judaizantes, conforme registrado no livro de Atos capítulo 15.

Não há dúvida de que um dos propósitos de Lucas, como já foi assinalado, era mostrar que o cristianismo não era uma seita judaica sem nenhum nexo com a cultura judaica. Suas raízes eram de origem judaica. Ele era a continuação e plenitude da revelação de Deus conforme se encontrava registrada nas Escrituras hebraicas. Lucas, portanto, estava "interessado em delinear a relação entre o cristianismo e o judaísmo. A maneira pela qual ele tratou desse assunto é determinada pela brecha enorme que já separava essas duas religiões em épocas em que escreveu. Isso levou-o a (1) estabelecer a continuidade entre o cristianismo e a história redentora judaica, e (2) mostrar como a alienação entre os dois movimentos ocorreu".[7]

Os relatos históricos da infância de Jesus têm como objetivo estabelecer esse vínculo entre a fé judaica e a fé cristã. Os relatos da circuncisão de Jesus (Lc 2.21), a sua apresentação no Templo (Lc 2.22-24) atendem ao mesmo fim. Da mesma forma os relatos de Simeão e Ana como judeus piedosos e a presença de Jesus no Templo com 12 anos de idade, sem dúvida servem para mostrar que o cristianismo não surgiu à parte do judaísmo, mas que suas raízes se originaram deste.

NOTAS

[1] Um estudo crítico e exaustivo da vida de Jesus pode ser encontrado na obra de John P. Meier: *Um Judeu Marginal – repensando o Jesus histórico*. Rio de Janeiro: Editora Imago.

[2] PAGOLA, José Antonio. *Jesus – Aproximação Histórica*. 5ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

[3] PAGOLA, José Antonio. Idem. pp. 33,34.

[4] JOSEFO, Flávio. *Antiguidades Judaicas XVIII, 63*. Paul Maier observa que a versão de Josefo dada acima difere da versão padrão já há muito divulgada nas centenas de traduções. Todavia salienta que a versão padrão sofreu uma interpolação feita por cristãos, visto que Josefo não cria que Jesus era o Messias nem tampouco em sua ressurreição e que continuou sendo judeu até o fim de sua vida. Maier destaca que

o texto mais breve de Josefo foi encontrado em um manuscrito de um historiador Árabe do século décimo e que, sem dúvida, reflete o original de Josefo (MAIER, Paul, L. Josefo - Los escritos essenciales. Editorial Porta Voz, 1992, Grand Rapids, Michigan, U.S.A.

[5] JÚNIOR, Gióia. *Orações do Cotidiano – grande cantata de Natal.* São Paulo: Mundo Cristão, 1995.

[6] PAO, David W. & SCHNABEL, Echard. *In Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 2014.

[7] Comentário *Bíblico Broadman, volume 9, Lucas-João.* Rio de Janeiro: JUERP.

Capítulo 3

O Crescimento de Jesus

Os Anos Perdidos de Jesus

Há algum tempo encontrava-me manuseando um livro em uma livraria em Curitiba (PR), quando um senhor se aproximou de mim. Após se identificar como um teólogo tomou a iniciativa na construção de um diálogo. Através de sua fala tomei conhecimento que possuía uma sólida formação acadêmica, visto ter se formado em um conceituado Seminário evangélico brasileiro. Contou-me que a sua fé estava sofrendo uma reviravolta porque, segundo disse, estava convencido de que o ministério de Jesus não havia se limitado às terras bíblicas, porque, de acordo com suas leituras, Jesus não teria se limitado a ficar na palestina mas teria ido até a Índia. Ali teria estudado com os monges e trabalhado a sua espiritualidade! Perplexo, perguntei-lhe em que se baseava para fazer uma afirmação tão ousada! Procurando ali mesmo nas prateleiras daquela livraria ele encontrou o livro que o havia convencido a mudar de ideia. O livro falava algo tipo: *Os Anos Perdidos de Jesus.*[1]

A busca pelos supostos *"anos perdidos de Jesus"* tem sido objeto de estudo de milhares de escritores em todo o mundo. Católicos, protestantes, espíritas, ateus, agnósticos, artistas e cineastas tem feito um esforço enorme para recontar a história de Jesus de Nazaré.[2] Alguns se atêm ao registro neotestamentário, mas outros vão muito além daquilo que a Bíblia diz sobre o carpinteiro da Galileia. Para estes o registro bíblico é insuficiente, visto que a igreja institucional teria conspirado excluindo aqueles livros que continham relatos discordantes dos textos canônicos. Fundamentados, portanto, em textos não canônicos, escritos na sua maioria entre os séculos II e IV d.C., tentam descrever detalhes da infância, adolescência e idade adulta de Jesus. Procuram dar voz àquilo

que a Bíblia silencia. Dessa forma seus argumentos não se fundamentam no que a Bíblia diz, mas naquilo que ela não diz. Um exemplo clássico de um autor que foi até as últimas consequências a esse respeito é Dan Brown, autor de O *Código da Vinci*, um dos livros mais lidos do mundo e que foi adaptado para o cinema. A tese de Brown, diga-se sem nenhum fundamento bíblico e histórico, é que Jesus não é o Filho de Deus, casou-se com Maria Madalena e a prole de ambos deu início a uma linhagem sagrada.[3]

"Jesus" fora da Bíblia

Pois bem, é possível encontrarmos ainda nos primeiros anos do cristianismo muitos outros autores tentando produzir uma biografia de Jesus com contornos bem diferentes daquele encontrado nos evangelhos sinóticos. Na verdade esses textos, denominados de apócrifos, como já foi sublinhado, procuram falar daquilo que o Novo Testamento silencia — os fatos relacionados com a infância de Jesus e seu crescimento até a maturidade (mais especificamente o período que vai dos 12 aos 30 anos do Salvador). Como teria sido, então, a infância de Jesus e o seu crescimento até chegar à idade adulta? Nos registros apócrifos é possível encontrar vários relatos descrevendo as diferentes fases da vida de Jesus, que vão desde a infância até a sua maioridade.

Vejamos um deles:

> "Quando o Senhor havia completado o seu sétimo ano, ele brincava um dia com outras crianças de sua idade; para divertir-se, eles faziam com terra molhada diversas imagens de animais, de lobos, de asnos, de pássaros, e cada um elogiando seu próprio trabalho, esforçando-se para que fosse o melhor que o de seus companheiros. Então o Senhor Jesus disse para as crianças: "Ordenarei às figuras que eu fiz que andem e elas andarão". E as crianças lhe perguntaram se ele era o filho do Criador, e o Senhor Jesus ordenou às imagens que andassem e elas imediatamente andaram. Quando ele mandava voltar, elas voltavam. Ele havia feito figuras de pássaros que voavam quando ele ordenava que voassem e que paravam quando ele dizia para parar, e quando ele lhes dava bebida e comida, eles comiam e bebiam. Quando as crianças foram embora e con-

> taram aos seus pais o que haviam visto, eles disseram: "Fugi, daqui em diante, de sua companhia, pois ele é um feiticeiro, deixai de brincar com ele."[4]

Há muitos outros relatos semelhantes a este e que estão registrados nos textos apócrifos denominados *Evangelhos da Infância.* Relatos assim, além do seu aparente aspecto piedoso, acabam por esconder uma verdade bíblica fundamental – a humanidade do Salvador. A tentativa de mostrar o divino acabou por esconder o humano. Nesses "evangelhos da infância", o lado humano de Jesus é totalmente ofuscado. Ele não viveu como um menino normal visto que até mesmo a sua vida lúdica era marcada por manifestações sobrenaturais. A propósito, a negação de que Jesus era humano foi uma das primeiras heresias a surgir no seio da igreja cristã. Aspectos desse evangelho gnóstico foi duramente combatido pelo apóstolo João: "Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo. Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que está já no mundo" (1 Jo 4.1-3). Evidentemente que essas lendas e fábulas surgiram por conta do hiato existente entre os 12 e 30 anos da vida do Salvador. Por um período de dezoito anos, Jesus se manteve em total anonimato! Pouco ou quase nada é dito sobre esses "anos perdidos" da vida de Jesus. Lucas, por exemplo, limita-se a dizer que: "o menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele" (Lc 2.40) e que: "crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens" (Lc 2.52).

Jesus na sua Dimensão Humana

Ao contrário da literatura apócrifa, os textos canônicos, mesmo sendo breves em seus relatos, revelam muito sobre o lado humano de Jesus. Jesus nasceu e cresceu como qualquer outro menino da sua idade da Palestina dos seus dias.

Os teólogos e educadores Eulálio Figueira e Sérgio Junqueira ao descreverem a educação no antigo Israel no tempo de Jesus, fizeram uma excelente exposição sobre essa dimensão humana de Jesus. Eles observam

que Jesus era semelhante a nós em tudo, menos no pecado (Hb 4.15), e que viveu o mesmo processo de crescimento comum a todos os homens. Como todos os homens ele cresceu nas dimensões bio-psico-social.

Lucas destaca que ele cresceu em sabedoria, tamanho e graça, diante de Deus e dos homens (Lc 2.52). Enquanto viveu em Nazaré, um vilarejo da Galileia, Jesus "crescia e ficava forte, cheio de sabedoria, e a graça de Deus estava com ele" (Lc 2.40). Mesmo durante o seu ministério público, fazendo discípulos, Jesus ia crescendo em contato com o povo.[5] Cada ser humano que nasce neste mundo, destacam esses expositores bíblicos, pertence a um determinado lugar, a uma determinada família e a um determinado povo. Nasce, portanto, sujeito a vários condicionamentos. Com Jesus também foi assim. Não há como negar que fatores culturais, tais como o ambiente familiar, a língua e o lugar onde nascemos marcam a vida de cada um de nós de forma profunda. Esses fatores são independentes da nossa vontade. No entanto, fazem parte de nossa existência, sendo, portanto, o ponto de partida para tudo aquilo que queremos realizar. Elas fazem parte da realidade de cada um. Ao viver a nossa realidade, Jesus viveu a *encarnação*. "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1.14).

Destaca ainda esses autores que Jesus "assumiu estes condicionamentos lá onde pesam mais, isto é, no meio dos pobres (2 Co 8.9; Mt 13.55; Fp 2.6,7; Hb 4.15; 5.8). Ele se formou "crescendo em sabedoria, tamanho e graça, diante de Deus e dos homens" (Lc 2.52). Estes três aspectos do crescimento em sabedoria, tamanho e graça se misturam entre si. Crescer em *sabedoria* é assimilar os conhecimentos da experiência humana diária, acumulada ao longo dos séculos nas tradições e costumes do povo. Isso se aprende convivendo na comunidade natural do povoado. Crescer em *tamanho* é nascer pequeno, crescer aos poucos e tornar-se adulto. É o processo de todo ser humano, com suas alegrias e tristezas, amores e raivas, descobertas e frustrações. Isto se aprende convivendo na família com os pais, os avós, os irmãos e as irmãs, com os tios e tias, sobrinhos e sobrinhas. Crescer em *graça* é descobrir a presença de Deus na vida, a sua ação em tudo que acontece, o seu chamado ao longo dos anos da vida, a vocação, a semente de Deus na raiz do próprio ser. Isto se aprende na comunidade de fé, nas celebrações, na família, no silêncio, na contemplação, na oração, na luta de cada dia, nas contradições da vida e, em tantas outras oportunidades".[6]

Kenosis — o Milagre da Encarnação

Os diferentes aspectos desses condicionamentos da vida de Jesus, inclusive o seu crescimento, como bem observaram Figueira e Junqueira, só se tornaram possíveis devido a sua identificação plena com a raça humana. Em outras palavras, para alcançar a humanidade, Jesus, o Filho de Deus, se fez homem como os demais. Ele nasceu e cresceu à semelhança dos demais humanos! Todavia ao assim fazer, Ele não deixou de ser Deus, nem tampouco perdeu os seus atributos. Ele, portanto, abriu mão daqueles privilégios que lhes pertenciam por ser Filho de Deus. A teologia cristã denomina essa importante doutrina bíblica de *kenosis.*[7]

Paulo, o apóstolo, lançou luz sobre essa importante verdade em sua carta aos Filipenses:

> "De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai" (Fp 2.5-11).

Ao analisar este texto, o teólogo Heber Carlos de Campos comenta:

> "Quando dizemos que ele se 'esvaziou' não podemos dizer que ele deixou de ser o que era — Deus — mas que se colocou numa posição de alguém que ficou, por algum tempo, sem a honra devida neste mundo. Ele foi tratado entre os homens como alguém que não era visto no fulgor da glória divina. Embora ele tivesse, mesmo aqui neste mundo, todos os atributos próprios de sua divindade, sua divindade não foi manifestada de modo que todos os seus atributos fossem *vistos* pelos homens de maneira inequívoca."[8]

Esse esvaziamento humilhante na vida de Jesus, observa Campos, não foi algo fictício, mas real. Jesus não representou nada quando se humilhou perante Deus e os homens. Ele de fato tomou a condição de ser-

vo e dessa forma viveu. Foi como servo que ele foi reconhecido em figura humana, pois somente os homens podem assumir a natureza de servo.

Concluindo, diz ainda Heber Campos, "Paulo usa duas expressões que são hebraísmos: 'tornando-se semelhança de homens' e 'reconhecido em figura humana'. Essas duas expressões apontam para o fato de o Redentor ser real e verdadeiramente homem. Embora a natureza humana tenha sido honrada pelos privilégios de estar unida à divindade do Redentor, a condição em que o Verbo assumiu a nossa humanidade era de humilhação. Ele a assumiu com todas as características resultantes da nossa pecaminosidade. O seu sofrimento e as suas dores não foram fictícios, mas reais, porque a sua humanidade era real. Ainda que, segundo a sua divindade, o Redentor não pudesse ser contido pelo universo, pois a sua divindade é semelhante à daquele que está acima e além do universo, não obstante, quando ele encarnou, passou a fazer parte da criação, sendo um homem como todos nós, tendo todas as propriedades que nós temos, inclusive tomando a nossa forma física. Ele não era um fantasma, com apenas uma aparência de homem, mas era de fato um ser humano com todos os outros que vieram da família de Adão, embora não tivesse sido contado como culpado."[9]

Entendendo o *estado de esvaziamento* e *humilhação* de Jesus passamos a compreender os condicionamentos que ele assumiu quando aqui viveu.[10] Jesus, por exemplo, aprendeu a viver nos limites de suas dimensões: corporal; social; psicológica e espiritual.

A Dimensão Corporal e Social de Jesus

Como todos os seres humanos, Jesus também possuía uma dimensão corporal. Ele aprendeu a viver nos limites dessa dimensão como, por exemplo, quando se cansava e procurava o descanso necessário (Mt 8.24; Mc 6.31; Lc 23.56). "Jesus possuía um corpo humano igual ao nosso. O sangue corria nas suas veias enquanto um coração bombeava, sustentando assim a vida humana em seu corpo. Hebreus 2.1-18 claramente indica este fato. Nessa poderosa passagem, temos que a existência do corpo de Jesus na Terra possibilitou recebermos a expiação. Por ser Ele carne e sangue, sua morte poderia derrotar a morte e nos levar a Deus. O corpo de Jesus, na encarnação, era exatamente como o de cada um de nós. Seu corpo humano foi colocado num túmulo depois da sua morte (Mc 15.43-47)."[11]

Tudo o que vivemos na vida, suas alegrias como as suas tristezas, seus acertos como também seus erros, seu presente como seu passado, só são possíveis devido à existência de nossa dimensão corporal. Possuímos um corpo que está sujeito às limitações do espaço e do tempo. Aqui debaixo do sol não deveríamos esquecer que nosso corpo possui essa dimensão temporal. Por isso o que seremos amanhã depende muito do que fazemos com o nosso corpo agora.

Pus em destaque em um outro livro de minha autoria, que a Escritura não vê nosso corpo como sendo algo mau ou ruim. Não, pelo contrário, a Bíblia mostra que a nossa dimensão temporal é tão importante quanto a espiritual (1 Co 6.19,20). Jesus soube cuidar bem do seu corpo. Devemos, pois cuidar do nosso corpo e fazer uso dele para a glória de Deus.[12]

A real importância da dimensão corporal do homem não tem sido bem entendida na nossa cultura ocidental. Isso se deve à influência da cultura grega que herdamos. Para os gregos, que se valiam de métodos metafísicos nas suas análises antropológicas, a parte mais importante do homem era a sua alma e não o seu corpo. Para eles a alma seria a mais perfeita, portanto, a causa da existência e não o corpo que seria o seu efeito. Todavia os judeus, tendo em Filo de Alexandria o seu expoente maior, e o cristianismo paulino já viam o homem nas dimensões: somática (corpo); psíquica (alma) e espiritual (espírito).

O filósofo Battista Mondin mostra a importância da nossa dimensão corporal, pois sem um corpo: Não podemos nos alimentar; não podemos nos reproduzir; não podemos aprender; não podemos nos comunicar e não podemos nos divertir. Ainda de acordo com esse filósofo italiano, é mediante o corpo que o homem é um ser social. Os fantasmas nos assustam porque não tem corpo. É mediante o corpo que o homem é um ser no mundo.[13]

Acrescenta-se a essa dimensão corporal, uma outra – a social. Jesus, com um homem, também aprendeu a viver nos limites dessa dimensão social. Como galileu e residente em Nazaré, ele aprendeu a conviver com o povo dali. Possui até mesmo o sotaque dos galileus. "Nazaré era um povoado pequeno, destaca Sérgio Junqueira, onde todo mundo conhecia todo mundo. O povo de lá conhecia Jesus e a sua família (Mc 6.3). Jesus conhecia o povo (cf. Jo 2.24,25). Nessa convivência de trinta anos, aprendeu as inúmeras coisas que todos nós aprendemos, como que naturalmente, ao longo dos anos da vida: as tradições, os costumes, as festas, os cânticos, os

tabus, as histórias, os medos, os poderes, as doenças, os remédios. Quando Jesus, a partir da sua experiência de Deus como Pai, começou a agir e a falar diferente do que sempre havia sido ensinado, o povo de Nazaré estranhou, não gostou nem acreditou (Mc 6.4-6). E quando, numa reunião da comunidade, Jesus começou a ligar a Bíblia com a vida deles (Lc 4.21), a briga foi tanta que quiseram mata-lo" (Lc 4.23-30).[14]

As Dimensões Psíquica e Espiritual de Jesus

Por fim Jesus também possuía as dimensões psíquica e espiritual. David Nichols sublinha que foi Jesus mesmo quem reconheceu sua dimensão psicológica quando empregou a palavra grega *psichê* (alma) para descrever o que ocorria no seu interior quando agonizava no Getsêmani. Jesus, portanto, teve consciência de suas emoções quando externou em diferentes momentos de sua vida sentimentos de alegria e tristeza. "Então, chegou Jesus com eles a um lugar chamado Getsêmani e disse a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto vou além orar. E, levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se muito. Então, lhes disse: A minha alma está cheia de tristeza até à morte; ficai aqui e vigiai comigo" (Mt 26.36-38).[15]

Por outro lado, observa Nichols, Jesus também tinha consciência de sua dimensão espiritual. Lucas nos informa que Jesus mesmo usou o termo grego *pneuma*, traduzido em português como *espírito*, quando expirou na cruz do calvário (Lc 23.46). Nichols destaca que no contexto do evangelho de Lucas, a palavra "espírito" (*pneuma*) sem sombra de dúvidas indica a dimensão da existência humana que continuará na eternidade depois da morte. Esse é um fato relevante porque demonstra que foi como um ser humano, de carne e osso, que Jesus morreu.

Capacitado pelo Espírito

Desde o primeiro capítulo deste livro chamo a atenção para a teologia carismática de Lucas. Jesus foi capacitado pelo Espírito Santo para realizar as obras de Deus. Talvez em nenhum outro ponto ela é mais clara quanto no contexto da *kenosis* de nosso Senhor. Jesus como homem, vivendo as limitações que a encarnação lhe proporcionou, dependeu durante todo o seu ministério da ação do Espírito Santo. Esse é um fato observado por todos os manuais de teologia sistemática.[16]

Heber Campos, por exemplo, destaca que o Filho, em si mesmo, não precisava de suporte ou da ajuda do Espírito Santo, mas quando o Verbo se fez carne, assumindo a nossa humanidade, ele se colocou na condição de Servo necessitando do socorro do Espírito Santo para exercer o seu ministério. Por essa razão, citando a passagem de Isaías 61, Jesus diz de si mesmo: "O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos" (Lc 4.18). Jesus precisou, por causa de sua humanidade, do suporte do Espírito Santo para realizar o seu ministério. Deus não quebra as suas leis nem mesmo com o seu Filho. Ao encarnar, Ele se tornou como um de nós, carente da ação do Alto para poder realizar sua missão entre os homens.[17]

NOTAS

[1] Em seu livro *Jesus Viveu na Índia* – a desconhecida história de Cristo antes e depois da crucificação, o escritor Holger Kersten defende a tese de que Jesus no início da adolescência rumou para a Índia, onde foi iniciado no budismo por monges. Afirma ainda que a morte de Jesus na cruz teria sido apenas a aparente. Após a Crucificação, socorrido por discípulos, Cristo regressou para o Oriente, onde viveu até a velhice. (25ª Ed., Editora Best Seller: Rio de Janeiro, 2009).

[2] Nazaré no tempo de Jesus era uma pequena aldeia agrícola com menos de 500 habitantes, cuja paisagem é pontuada por casas pobres de chão de terra batida, teto de extrato de madeira cobertos com palha, muros de pedras coladas com argamassa de barro, lama ou até de uma mistura de esterco para proteger os moradores da variação da temperatura local (*As Aventuras na História – as reportagens fundamentais, 10 anos).* Editora Abril.

[3] GONÇALVES, José. *Defendendo o Verdadeiro Evangelho.* Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

[4] Evangelho Árabe da Infância in *Apócrifos – os proscritos da Bíblia.* São Paulo: Ed. Mercúrio, pg. 166,167.

[5] FIGUEIRA, Eulálio & JUNQUEIRA, Eulálio. *Teologia e Educação – educar para a caridade e a solidariedade.* São Paulo: Editora Paulinas, 2012.

[6] FIGUEIRA, Eulálio & JUNQUEIRA, Eulálio. *Teologia e Educação – educar para a caridade e a solidariedade.* Editora Paulinas, 2012, São Paulo, SP.

[7] Palavra derivada do grego que significa esvaziamento, e que se traduz em Filipenses 2.7 como "a si mesmo se esvaziou". No século XVIII e, particularmente no XIX, essa mensagem de Filipenses veio a ser a base de uma interpretação cristológica que buscava explicar a possibilidade da encarnação afirmando que o Verbo ou Palavra eterna de Deus se esvaziou a si próprio dos atributos que são incompatíveis com o ser humano (onipotência, onisciência etc.) com a finalidade de poder encarnar-se (GONZALEZ, Justo. *Breve Dicionário de Teologia.* São Paulo: Ed. Hagnos, 2009).

[8] CAMPOS, Heber Carlos. A *Humilhação do Redentor – a encarnação e sofrimento.* São Paulo: Editora Cultura Cristã.

[9] CAMPOS, Heber Carlos. *A Humilhação do Redentor. Op.cit.*

[10] Oscal Cullmann observa: "o que se manifesta precisamente no fato de haver-se "despojado", vale dizer que resolver tornar-se *um homem e incorporar-se à humanidade decaída da semelhança de Deus* (*Cristologia no Novo Testamento.* São Paulo: Editora Hagnos, p.233).

[11] HORTON, Stanley M. org. *Teologia Sistemática – uma perspectiva pentecostal.* Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

[12] GONÇALVES, José. *Sábios Conselhos para um Viver Vitorioso.* Rio de Janeiro: CPAD.

[13] MONDIN, Battista. *O Homem, quem é Ele? – Elementos de Antropologia Filosófica.* Editora Paulinas.

[14] FIQGUEIRA, Eulálio & JUNQUEIRA, Sérgio. *Teologia e Educação – educar para a caridade.* Editora Paulinas.

[15] NICHOLS, David R. *in Teologia Sistemática – na perspectiva pentecostal.* Rio de Janeiro: CPAD.

[16] Dizer que Jesus se humilhou ao assumir a forma de servo, tornando-se dessa forma um homem semelhante a nós e que por isso mes-

mo dependeu do Espírito Santo para realizar as obras de Deus, é uma verdade bíblica inconteste. Todavia afirmar que graças a esse fato, nós podemos ser encarnações de Deus como o foi Jesus de Nazaré, é uma heresia grotesca. Esse mesmo Espírito que capacitou Jesus posteriormente foi derramado sobre os crentes, mas não para torná-los deuses em suas naturezas, mas para revesti-los de poder, capacitando-os assim a continuar fazendo as obras de Deus que tiveram início com Jesus de Nazaré.

[17] CAMPOS, Heber. A *Humilhação do Redentor – encarnação e sofrimento.* Editora Cultura Cristã.

Capítulo 4

A Tentação de Jesus

Cercas para a Tentação

No final dos anos 80 eu cursava Teologia no Seminário Batista de Teresina. Na cadeira de Antigo Testamento nós tínhamos um professor muito divertido e que demonstrava sempre estar de bom humor. Ele costumava ilustrar suas aulas com lições práticas do cotidiano e quase sempre extraía dos alunos largas gargalhadas. Era uma forma bem didática de fazer com que os seus alunos pudessem assimilar as lições dadas.

Pois bem, uma dessas 'histórias' que ele nos contou e que eu não consegui esquecer era relacionada à realidade da tentação. Toda vez que passo essa estória à frente logo percebo que os ouvintes imediatamente assimilam a "moral" da mesma.

A estória é a seguinte: "Um nobre e abastado homem que viveu em um pequeno lugarejo medieval e, que teve muitos problemas com sua natureza adâmica, sofrendo muitas tentações, idealizou algo até então inusitado. Projetou que quando gerasse um filho homem este seria livre de toda tentação e não sofreria dos mesmos desejos que o atormentaram a vida toda. Seu filho, diferentemente dele, jamais iria pecar! Acreditava firmemente nas suas convicções porque, segundo dizia, seu filho jamais iria ter contato algum com algo pecaminoso. Dessa forma ele estaria livre de toda e qualquer tentação.

O tempo passou e como ele havia imaginado, o primeiro fruto de seu casamento foi um belo e saudável menino! Ele não perdeu tempo! Imediatamente entregou a criança a uma clausura, algo parecido com um convento, prometendo aos responsáveis pelo lugar que só voltaria lá novamente vinte anos depois! A criança viveria totalmente confinada nesse período, não lhe sendo permitido ver qualquer imagem do mundo exterior. O único mundo que ela conheceria, portanto, seria

dos muros para dentro. Enquanto isso, imaginava o abnegado pai, ele lutaria com suas tentações lá fora, mas o filho estaria protegido das mesmas lá dentro.

Os anos passaram e vinte anos depois, aquele pai voltou para buscar o seu filho! Agora não era mais uma criança, mas um jovem de porte atlético e bela aparência. O pai estava ansioso para saber como seu filho se comportaria ao contemplar o mundo lá fora, já que ele jamais havia entrado em contado com o mesmo. Mas antes de colocar seu filho na rua, ele tratou de ter certeza junto aos responsáveis pela clausura que o seu filho jamais teria visto o mundo exterior. Todas as garantias lhe foram dadas!

A hora havia chegado! Os enormes portões foram abertos! Os primeiros passos do jovem rumo a um mundo desconhecido foram dados! As primeiras imagens do mundo arrancaram do jovem um olhar de fascinação! Seus olhos se enchiam com as primeiras e belas imagens do mundo à sua volta. O pai acompanhava atento todos os gestos do filho e como ele reagiria a tudo isso. As perguntas se tornaram inevitáveis e se multiplicavam à medida que o jovem se distanciava da clausura.

Foi então que algo inesperado aconteceu! De repente uma bela e linda moça, de corpo escultural e uma beleza ímpar, cruzou o caminho do estonteado jovem! Com nunca tinha visto uma garota, o jovem perguntou: 'Papai o que é aquilo?' O pai apavorado com a pergunta do filho, e mais temeroso ainda qual seria a reação do filho à sua resposta, disse bruscamente: 'Meu filho aquilo é o Diabo!' O jovem, com os olhos brilhando, comentou: 'Papai, oh Diabinho bonito!'"

Essa estória, embora seja engraçada, nos traz uma lição muito clara – a tentação é uma realidade bem presente na vida de cada ser humano! Não há ninguém que não esteja sujeito à tentação. Numa linguagem mais popular, podemos dizer que ainda não foi inventada uma vacina para a tentação! Todos são tentados, desde os mais jovens até os mais velhos. Até mesmo, Jesus, o Homem Perfeito, também foi tentado.

Há algum tempo lembro ter lido uma história que aconteceu com David Du Plessis (1905-1987), pioneiro pentecostal sul-africano. Após sair exausto de uma Conferência, onde ministrou para milhares de pessoas, um jovem aparentando ter 18 anos de idade o procurou. Ainda ofegante, o jovem lhe perguntou: "Irmão Du Plessis, o que o senhor faz para não ter problemas com a tentação?" Du Plessis franziu a testa enrugada pelo peso de seus quase 80 anos e respondeu: "quando eu

tiver idade para não ter problemas com a tentação, eu lhe procuro para informar". Mesmo já velho, Du Plessis demonstrou que continuava sujeito à tentação!

Vitórias e Derrotas de um Homem de Deus

Quando comentei as *Lições Bíblicas de Jovens e Adultos em 2009, chamei a atenção para a tentação do rei Davi e suas consequências.*[1] Destaquei ali que ninguém pode negar que a tentação é uma realidade bem presente na vida dos humanos. Todos somos ou seremos tentados de alguma forma. Ninguém é imune à tentação. A tentação em si não é pecado e ninguém deve se culpar por ser tentado, todavia o cristão deve manter-se vigilante, pois a tentação uma vez consumada costuma produzir frutos amargos. Todos nós, homens e mulheres, somos possuidores de desejos e inclinações. Portanto, a resposta à tentação não é negar quem nós somos (Rm 8.5). Somos seres tentáveis e deveríamos estar conscientes desse fato. A resposta adequada a essa inclinação encontra-se na Palavra de Deus, que nos proporciona recursos para lidarmos com a tentação (1 Co 10.13).

Por certo Davi, como um hebreu educado nos valores judaicos, estava consciente da realidade do pecado. Todavia, demonstrou indiferença diante do perigo que o circulava. O certo é que a tentação já era tentação nos dias de Davi e seu *modus operandi não se diferencia muito do de hoje. O alerta está dado por toda a Escritura e mesmo no Antigo Testamento Deus já havia criado mecanismos para proteger seu povo do pecado. Nas tábuas da Lei estava dito que não era permitido ao povo de Deus cobiçar aquilo que era do próximo (Êx 20.14,17), e no Novo Testamento esse alerta contra a impureza continua de uma forma mais contundente (1 Co 6.18; 1 Ts 4.3).*

Tentação no Deserto

Pois bem, voltemos ao assunto principal deste capítulo que é a Tentação de Jesus, nosso Senhor. Todos os evangelhos sinóticos registram esse fato ocorrido com Jesus, e aqui nós analisaremos o registro de Lucas:

> "Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto. E quarenta dias foi tentado pelo diabo, e, naqueles dias, não comeu coisa alguma, e, terminados eles, teve fome. E disse-lhe o diabo: Se tu és o Filho de Deus, dize a esta pedra que se transforme em pão. E Jesus lhe respon-

deu, dizendo: Escrito está que nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra de Deus. E o diabo, levando-o a um alto monte, mostrou-lhe, num momento de tempo, todos os reinos do mundo. E disse-lhe o diabo: Dar-te-ei a ti todo este poder e a sua glória, porque a mim me foi entregue, e dou-o a quem quero. Portanto, se tu me adorares, tudo será teu. E Jesus, respondendo, disse-lhe: Vai-te, Satanás, porque está escrito: Adorarás o Senhor, teu Deus, e só a ele servirás. Levou-o também a Jerusalém, e pô-lo sobre o pináculo do templo, e disse-lhe: Se tu és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo, porque está escrito: Mandará aos seus anjos, acerca de ti, que te guardem e que te sustenham nas mãos, para que nunca tropeces com o teu pé em alguma pedra. E Jesus, respondendo, disse-lhe: Dito está: Não tentarás ao Senhor, teu Deus. E, acabando o diabo toda a tentação, ausentou-se dele por algum tempo" (Lc 4.1-13).

Tentado e Testado

A palavra grega peirasmos (Lc 4.2), dependendo do contexto, pode significar "tentação" ou "prova". Quando usada em um contexto onde Deus está por trás da ação, então nesse caso o crente está sendo provado. Por outro lado, quando é o Diabo quem está induzindo ao mal, então o crente está sendo tentado. Em palavras mais simples, Deus prova-nos e o Diabo nos tenta. Deus testa-nos para aperfeiçoar-nos enquanto o Diabo nos tenta para nos derrubar. Aqui em Lucas 4.1-3, assim como Gênesis 22, onde a Septuaginta usa a mesma raiz grega de peirasmos, Jesus é enviado pelo Espírito ao deserto para ser testado. É nessa mesma ocasião que recebe a visita do Diabo para ser tentado.

Na Esfera do Espírito

O papel do Espírito Santo, como Lucas faz em outros lugares, também recebe destaque especial no evento da Tentação. Roger Stronstad comenta que cada um dos evangelistas sinóticos conecta a tentação de Jesus com sua recepção do Espírito Santo. Depois do seu batismo o Espírito Santo leva (Mt 4.1, Lc 4.1) ou impulsiona (Mc 1.12) Jesus a ir ao deserto para um período de provas com o Diabo. "A oração para ser tentado pelo Diabo", observa o exegeta Genival C. Silva, meu ex-pro-

fessor de exegese e grego no Seminário Batista de Teresina, "na língua grega em que foi escrito este texto, trata-se de uma oração reduzida de infinito subordinada adverbial consecutiva. O termo grego *peirasthenai*, exprime uma consequência ou resultado e não uma ideia final, como se acha traduzida. Portanto, a tradução deve ser esta: 'A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto de modo que foi tentado pelo Diabo'. Numa tradução livre a ideia é: e como consequência lá foi tentado pelo Diabo, exprimindo assim uma consequência ou resultado".[2] Por outro lado, destaca Stronstad "somente Lucas qualifica Jesus de 'cheio do Espírito Santo' (Lc 4.1). Em seu comentário sobre o Evangelho de Lucas, Alfred Plummer observa que se havia dotado a Jesus com o poder sobrenatural; e foi tentado a usá-lo para promover seus próprios interesses sem considerar a vontade do Pai... Foi ao deserto de acordo com o impulso do Espírito. O que foi testado ali foi o propósito divino a fim de prepará-lo para sua tarefa.[3]

Jesus e a Tentação

Há um longo debate teológico em torno da Tentação de Jesus há muito discutido nos meios acadêmicos. A opinião dos teólogos, mesmos os mais conservadores, não são unânimes sobre esse assunto. A questão diz respeito à realidade ou não da Tentação de Jesus. A Tentação foi ou não real? Jesus poderia ceder ou não à Tentação? As respostas a essas perguntas não são consensuais entre os estudiosos, porque em última análise se referem à pecabilidade ou impecabilidade do Redentor![4] Não há, portanto, resposta fácil para esse assunto. Até mesmo os teólogos cuja erudição e conservadorismo são inquestionáveis reconhecem esse fato. Como diz Millard J. Erickson: "Aqui nos defrontamos com um dos grandes mistérios da fé".[5]

Foge do propósito desse capítulo analisar os paradoxos e aporias existentes nesse debate teológico e também entrar no mérito das questões cristológicas relativas à natureza da Tentação de Jesus. Todavia parto do princípio de que a Tentação de Jesus foi real e que uma análise do texto revelará que ela foi decisiva na vida de Jesus. Feito isso verificaremos que a prova pela qual Jesus passou serve de modelo e parâmetro para todos os cristãos em todos os tempos. William Barclay comenta: "Vimos que havia certos marcos na vida de Jesus, e aqui temos outro dos mais importantes. No tempo quando tinha doze anos,

havia chegado à convicção de que Deus era seu Pai de maneira única e exclusiva. Com o surgimento de João Batista veio a hora de Jesus, e em seu batismo recebeu a aprovação de Deus. Nesta ocasião Jesus está a ponto de iniciar sua campanha. Antes de iniciar uma campanha, se há de escolher os métodos. A passagem da Tentação nos apresenta Jesus elegendo, de forma definitiva, o método com o qual se proporia ganhar os homens para Deus. Vemos Jesus rejeitando o caminho do poder e da glória, e aceitando o caminho do sofrimento e da cruz".[6]

Pedras e Pães

A primeira tentação é uma tentativa de fazer com que Jesus transforme pedras em pães. Satanás sabia por certo que Jesus, após quarenta dias de jejum, encontrava-se com fome. Todavia há algo muito mais sutil por trás da artimanha do Diabo. A intenção é fazer com que Jesus ponha as coisas materiais em primeiro lugar, e uma forma que Satanás via como eficaz era apelar para os apetites. Os desejos não são pecaminosos em si mesmos. Não há nada de errado com o desejo de se alimentar. Todavia, quando esses desejos ou apetites quebram algum princípio estipulado pelo Criador, então se convertem em algo mal. Jesus venceu Satanás citando a Palavra de Deus que se encontra em Deuteronômio 8.3.

William Barclay observa que era como se o Diabo dissesse: "Se você quer que o povo lhe siga, usa teus poderes para dar-lhes coisas materiais". De fato o foco da tentação está na centralização das coisas materiais. Ainda hoje essa continua sendo a artimanha do Diabo. O apelo ao ego, ao desejo de consumo e outras guloseimas espirituais continua sendo a tentação de homens, mulheres e crianças. Na cultura pós-moderna o consumismo é um deus que não se apieda de ninguém. Por ele os homens roubam, por ele os homens matam!

Reinos e Tronos

Tendo fracassado no primeiro ataque, o Diabo volta com uma proposta ainda mais tentadora. Na segunda tentação do Diabo, ele: "Mostrou-lhe, num momento, todos os reinos do mundo. Disse-lhe o diabo: Dar-te-ei toda essa autoridade e a glória destes reinos, porque ela me foi entregue, e a dou a quem eu quiser" (Lc 4.6).

O teólogo Ivo Storniolo denomina essa tentação de a "tentação do poder e da riqueza". Não há dúvida de que este mundo, como um sistema caído, foi entregue ao Diabo. Foi o próprio Jesus quem disse que o Diabo é príncipe deste mundo (Jo 12.31). Storniolo observa que o poder e a riqueza se convertem em coisas pecaminosas porque são contrárias ao projeto de Deus. Isso acontece porque o poder se constrói às custas das liberdades humanas. E a riqueza se constrói graças ao roubo e acúmulo dos bens que deveriam ser partilhados entre todos. Neste aspecto uns enriquecem às custas da miséria dos outros.[7] Jesus rechaça essa tentação citando Deuteronômio 6.13.

Holofotes e Celebridades

Na terceira tentação, a exemplo da primeira, Satanás usa a expressão: "se tu és o filho de Deus" (Lc 4.3,9). No meu livro Defendendo o Verdadeiro Evangelho, mostro que o "se" que aparece nesse tipo de expressão no original grego tem a sua tradução dependente da estrutura gramatical na qual ele está inserido. Esse "Se", como uma cláusula condicional, pode expressar dúvida e às vezes, dependendo do contexto, até mesmo certeza.[8]

Satanás já sabia que Jesus era o Filho de Deus: "Bem sei que és, o Santo de Deus" (Lc 4.34) e quer que Jesus faça uso dos seus atributos divinos. Vimos quando comentamos a *kenosis*, isto é, o esvaziamento de Jesus por ocasião da sua encarnação, que Ele não perdeu os seus atributos, mas que como homem não fez uso dos mesmos. Aqui Satanás, astutamente, quer que Jesus faça uma demonstração sensacionalista de sua divindade. Quer que Ele renuncie a sua condição de homem e aja como Deus. Os estudiosos imaginam que Jesus se encontrava no Pináculo do Templo que se unia ao Pórtico de Salomão e o Pórtico Real. Desde que Jesus se jogasse dali, haveria uma queda livre de 150 metros até o fundo do ribeiro de Cedron. Sem dúvida Satanás queria que Jesus fizesse um espetáculo.

Não existem dúvidas de que a tentação de ser visto, celebrado e admirado continua sendo o que mais atrai os homens! Está na moda hoje o evangelho "ostentação" e os cantores, pregadores e pastores que se renderam ao mesmo estão fazendo o jogo do Diabo.

Jesus venceu essa tentação com Deuteronômio 6.16!

NOTAS

[1] GONÇALVES, José. *In Davi: vitórias e derrotas de um homem de Deus.* Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

[2] SILVA, Genival Costa. *Exegese Gramatical do Novo Testamento.* Edições do Autor.

[3] STRONSTAD, Roger. *La Teologia Carismática de Lucas. Op.cit.*

[4] O teólogo reformado Heber Carlos de Campos, escreve: "Embora [Jesus] tenha sido perfeitamente homem, ele manteve o seu atributo divino da santidade. Esse atributo o fazia forte bastante para assegurar não somente que ele poderia evitar o pecado, mas também que ele nunca poderia pecar. A vontade divina pertencente a Cristo era determinante. A natureza santa e a vontade do Verbo impediam que o Redentor pecasse" (CAMPOS, Heber Carlos. *A União das Naturezas do Redentor.* Editora Cultura Cristã. São Paulo, SP). Por outro lado, o renomado escritor e teólogo A.W.Tozer, diz: "Não posso aceitar a premissa de que o Senhor Jesus Cristo não podia pecar. Se ele não pudesse pecar, então a tentação no deserto teria sido uma farsa, e Deus estaria fazendo parte dela. Não. Como ser humano ele podia ter pecado, mas o fato de que ele não pecou demonstrou que ele era o Homem santo que foi. Não é incapacidade de pecar que torna alguém santo, mas sim a sua condição de não querer pecar. Uma pessoa santa não é alguém que não pode pecar, mas é alguém que não vai pecar. Uma pessoa de confiança não é alguém que não pode falar. É antes alguém que pode falar e que poderia menti, mas que não vai mentir. Uma pessoa honesta não é alguém que está numa prisão, onde não tem como ser desonesta com ninguém. Uma pessoa honesta é alguém que tem toda a liberdade para ser desonesta, mas que não vai ser desonesta" (*TOZER, A.W. A Tragédia da Igreja – a ausência de dons.* Rio de Janeiro: Editora Danprewan, 1999). *Há ainda uma outra posição que busca o meio termo:* "Mas será que Jesus poderia ter pecado? As Escrituras nos dizem que Deus não faz o mal e não pode ser tentado (Tg 1.13). Teria sido, portanto, de fato possível que Jesus, embora seja Deus, pecasse? E, se não, sua tentação foi genuína? Aqui nos defrontamos com um dos grandes mistérios da fé,

a relação entre as duas naturezas de Jesus. Contudo, cabe-nos destacar, que embora pudesse pecar, era certo que não pecaria. Houve lutas e tentações genuínas, mas o resultado sempre era certo" (ERICKSON, Milard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova).

[5] ERICSKSON, Millard. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova.

[6] BARCLAY, William. *Comentario Al Nuevo Testamento. 17 tomos em 1, obra completa*. Editorial CLIE, Barcelona, Espanha.

[7] STORNIOLO, Ivo. *Como Ler o Evangelho de Lucas*. São Paulo: Editora Paulus, 1992.

[8] Quando o "se" está numa sentença condicional de primeira classe, como é o caso aqui, então ele expressa certeza e não dúvida. É como se Satanás estivesse dizendo: "Se tu és o filho de Deus, como eu sei que tu és, então joga-te daqui para baixo". Essa mesma estrutura gramatical ocorre em Jo 15.20 onde temos o "se" mais o indicativo. "Se eles me perseguiram, eles também perseguirão a vós". A sentença introduzida por *"se" (gr. ei), e o indicativo pode expressar algumas vezes a verdade ou a realidade. A sentença anterior assume que Jesus foi realmente perseguido. Na verdade Jesus estava dizendo: "Se eles me perseguiram, como de fato aconteceu, então eles também perseguirão a vós. Veja mais detalhes em meu livro Defendendo o Verdadeiro Evangelho*. CPAD, Rio de Janeiro, 2009.

Capítulo 5

Jesus Escolhe seus Discípulos

Religiões em Movimento

Em 2013 a editora Vozes lançou o livro Religiões em Movimento – o censo de 2010. O livro, que conta com a participação de vários especialistas, se propõe a fazer uma leitura analítica dos dados do último Censo do IBGE de 2010. A obra contou com as participações do teólogo e pesquisador do CNPq Faustino Teixeira e da antropóloga Renata Menezes como organizadores. Até o presente momento, considero essa obra literária a melhor interpretação dos dados do Censo de 2010.

O livro, portanto, analisa a presença do fenômeno religioso em solo brasileiro e como o mesmo tem se comportado ao longo dos anos. Dentro desse contexto os pesquisadores observaram que os números revelaram o declínio da religião tradicional; a consolidação das novas tendências no universo da fé; o decréscimo do catolicismo e dos "evangélicos de missão", esta última expressão usada para se referir às igrejas protestantes tradicionais; o fenômeno do pentecostalismo com as suas diferentes matizes incluindo as igrejas pertencentes ao pentecostalismo clássico e ao neopentecostalismo. Dentro da vertente pentecostal clássica ou histórica observou-se o crescimento isolado das Assembleias de Deus e o declínio das igrejas neopentecostais, tais como Universal do Reino de Deus e Evangelho Quadrangular.

O "Boom" Evangélico!

Faustino Teixeira põe em destaque o que ele denomina de crescimento evidente dos evangélicos. Nas últimas décadas esse crescimento teve um salto de 6.6% em 1980 para 22,2% da população geral em 2010.

Numa população brasileira de 190.755.799 milhões de habitantes, os evangélicos somam 42.275.440. Faustino observa ainda que esse crescimento não ocorreu entre os evangélicos de missão (igrejas tradicionais), que permanecem estacionados no percentual de 4%, mas sobretudo aos pentecostais que, segundo os números, correspondem a 13.3 % da população brasileira, o que perfaz um total de 25.370.484 milhões de fiéis. Isso significa que nos últimos dez anos cerca de 4.408 novos crentes foram acrescidos por dia ao arraial evangélico; entre os pentecostais o número de adesões diárias sobe para 2.124, sendo que as Assembleias de Deus receberam diariamente em suas fileiras 1.067 novas pessoas.[1]

Os números referentes ao crescimento dos evangélicos são de fato impressionantes! Por outro lado, os analistas se depararam com um fenômeno até então não detectado nos dados do IBGE – a presença de uma nova categoria de evangélicos, rotulada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de "Evangélica não determinada". É exatamente a existência dessa nova categoria que mais tem intrigado os pesquisadores. Quem são? O que os números dizem sobre ela?

Faustino Teixeira comenta:

> "A dificuldade de precisão analítica na apreensão correta dos dados sobre os evangélicos deve-se, em parte, ao significativo número de fiéis evangélicos classificados na categoria de "evangélicos não determinados". Nada menos do que 9.2 milhões de pessoas, perfazendo 21,8 % de todo o contingente evangélico, num patamar que envolve 5% de toda a população brasileira. Alguns analistas os identificam como "evangélicos genéricos" ou "evangélicos sem igreja", indicando a afirmação de uma diversidade interna no campo evangélico, seja mediante caminhos diversificados de assunção da pertença evangélica, seja o exercício de crença fora das instituições, ou na múltipla pertença evangélica".[2]

Evangélicos não Determinados

O antropólogo e professor de pós-graduação da UFJF Marcelo Ayres Camurça também fez uma análise sobre a nova configuração religiosa no Brasil a partir dos dados do Censo de 2010. No capítulo intitulado de: O *Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendência e perplexidades*, comenta sobre esse aparecimento do que ele considera

como um fenômeno dentro do universo evangélico, o expressivo contingente de *evangélicos não determinados*. Como já foi sublinhado essa nova categoria, em termos percentuais, já é superior aos evangélicos tradicionais e somam um número de 9.2 milhões de pessoas.

Pois bem, Camurça analisa as implicações que esses números têm dentro do arraial evangélico. Ele diz:

> "Um fenômeno novo que veio a ser detectado nesse Censo foi a declaração recorrente de um segmento da população que passa a se identificar apenas como 'evangélica', saindo de 1,7 milhão, que correspondia a 1% dos evangélicos no Censo de 2000, para 9.2 milhões, ou seja, 4,8% no Censo atual, fenômeno que a classificação do IBGE denomina *'evangélico não determinado'*. Do total do grupo evangélico, 22,2%, este segmento já ultrapassa os "evangélicos de missão" (na classificação do IBGE identificando as igrejas protestantes históricas) com 4,8% em relação aos 4,0% dos últimos, superado apenas pelos pentecostais com 13,3%. Uma linha de interpretação associou este tipo a uma "parcela não praticante" no grupo evangélico, uma característica de religião estabelecida e de maioria, que, no tipo de dinâmica descrita por Paul Freston, aparece "quando uma religião cresce e fica parecida com a sociedade na qual está inserida", o que nos evoca a categoria 'igreja' em oposição a "seita" na tipologia de Ernst Troelstch. Na análise do sociólogo Ricardo Mariano, especialista numa sociologia do protestantismo e do pentecostalismo, o crescimento deste tipo no meio evangélico representa um indicador de 'privatização religiosa', ou seja, o desenvolvimento de uma crença evangélica 'por fora das instituições', com a consequente diminuição do 'compromisso religioso' e a assunção da "autonomia" e 'individualismo' (*Folha de São Paulo, 30/06/2012*). Aqui, uma contaminação no meio evangélico da tendência (pós-) moderna da desfiliação religiosa e religião do *self*. Embora Mariano tenha falado em diminuição do compromisso religioso, penso isto significar mais o fim da *pertença exclusiva* do que a tendência a uma vinculação apenas *nominal* a uma religião que vai se tornando majoritária. Isto porque este *evangélico genérico* desenvolve uma atividade intensa e uma mobilização em torno de um estoque variado de opções que o universo evangélico – agora

transmutado em 'mercado de bens simbólicos' evangélicos de estilo moderno – oferece. Este novo *evangélico geral* se coloca na contramão da cultura histórica do denominacionalismo que caracterizou o protestantismo histórico."[3]

Desinstitucionalização

Por outro lado, o antropólogo e professor da UFMG, Pierri Sanchis vê o fenômeno dos evangélicos genéricos, não determinados ou desigrejados como sendo uma consequência da desinstitucionalização crescente. Ele destaca que as estruturas sólidas que fundavam, enquadravam, regulavam o universo das experiências religiosas, conferindo-lhes distinção, identidade e conteúdo, não o fazem mais com o mesmo rigor, e até quando se reafirmam com renovado vigor, não o fazem com a mesma abrangência. Nesse aspecto ele observa que as instituições religiosas sofrerão cada vez mais com falta de identidade de seus fiéis para com elas. Mesmo que a identidade religiosa permaneça, todavia os seus significados e conteúdos se amoldarão à nova realidade.[4]

Em 2012 escrevi em meu livro *Prosperidade à Luz da Bíblia* sobre a existência desses crentes migratórios. Destaquei que as bênçãos de Deus, quer seja de prosperidade ou saúde, acontecem dentro da esfera da igreja local. Os Institutos de Pesquisas têm detectado um fenômeno entre os evangélicos brasileiros – a existência de uma geração de crentes migratórios. Esses novos evangélicos não firmam raiz com igreja alguma, mas vivem sempre a se lançar à caça de uma nova igreja que lhe garanta uma bênção sem muito esforço. Esse entendimento é fundamentado numa falsa compreensão do que seja servir a Deus. Nesses casos, o crente acredita que a sua participação em uma das dezenas de corrente de prosperidade ou o cumprimento de certos rituais exigidos lhe garantirão o favor de Deus sobre a sua vida. O relacionamento com Deus e o vínculo com uma comunidade local é totalmente esquecido. Para essas pessoas, muitas vezes, o problema está com as igrejas que mal frequentam e não com eles mesmos.[5]

Office-Boy

Em 2004, a revista *Superinteressante* trouxe uma ampla matéria sobre o crescimento dos evangélicos no Brasil. A revista destacava, naquela

época, que um em cada seis brasileiros pertencia a alguma denominação evangélica. Todavia a matéria chamava a atenção para o perfil desses novos crentes. "Para resumir, o neopentecostalismo quer dizer que Monique Evans, Gretchen e Marcelinho Carioca podem agora se considerar 'crentes'. Para isso, algumas adaptações aconteceram: saem os homens de terno e as mulheres de pelos nas pernas, entram pessoas que se vestem com roupas comuns e não se animam a seguir normas rígidas de conduta. A primeira inovação foi riscar do mapa o ascetismo, o sectarismo e a crença de que a melhor parte da vida está reservada para o Paraiso. 'A preocupação dos neopentecostais é com esta vida. O que interessa é o aqui e o agora', afirma o sociólogo Ricardo Mariano, autor de *Neopentecostais – Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*". [6]

Sem Sal

Citando o escritor Paulo Romeiro, destacado cientista da religião, a revista chamava a atenção para as consequências que essa nova teologia gerava nos conversos. "A teologia da prosperidade faz o fiel encarar Deus como um *office-boy*. O crente dá ordens e determina o que pretende. Não há qualquer reconhecimento das fragilidades humanas e de suas necessidades em relação a um Deus superior." A revista destacou as igrejas Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra e Internacional de Deus como as principais representantes desse segmento. Essa "nova teologia" acabou por diluir a identidade historicamente construída pelos evangélicos no mundo. A reportagem entrevistou o pastor Joaquim Andrade, pesquisador da AGIR (Agência de Informações da Religião). De acordo com Andrade, há uma verdadeira perda de identidade no movimento evangélico mundial. O pentecostalismo flexibilizou suas exigências comportamentais, e até os protestantes históricos passaram aceitar a participação mais ativa do fiel no culto e algumas manifestações sobrenaturais.

Concluindo a matéria, quase que em um tom profético, a *Superinteressante* destacou:

"Um indício de que a conversão do mundo evangélico significa um arrefecimento do fervor religioso é o fato de que as neopentecostais exigem poucas mudanças nos fiéis. O resultado é que, *quanto mais crescem, menos os evangélicos mudam a cara do País* – bem ao contrário da revolução que ocorreu na Europa com as ideias de Lutero e Calvino.

Prova disso é a programação de determinada rede de televisão, comprada por uma igreja usando o dinheiro dos dízimos, que pouco difere das concorrentes".[7] (Grifos meus).

É lastimável, mas é a verdade!

A Graça Barata!

Não há dúvidas de que há um "boom" no crescimento evangélico! Mas esse não é um crescimento sadio, mas um crescimento com inchaços! Na verdade os números revelam mais um inchamento do que um crescimento de fato. Como observou a matéria da *Superinteressante*, quanto mais crescem, menos os evangélicos mudam a cara do país. O que há de errado, então, com essa explosão da população evangélica?

Escrevi em outro texto que o verdadeiro evangelho tem custo! A salvação é de graça, mas o discipulado custa caro! Dietrich Bonhoeffer, mártir alemão durante a Segunda Guerra Mundial, escreveu que: "a graça barata é a inimiga mortal de nossa Igreja. A nossa luta trava-se hoje em torno da graça preciosa. Graça barata é graça como refugo, perdão malbaratado, consolo malbaratado, sacramento malbaratado; é graça como inesgotável tesouro da Igreja, distribuído diariamente com mãos levianas, sem pensar e sem limites; a graça sem preço, sem custo (...) graça barata significa justificação do pecado, e não do pecador; é a pregação do perdão sem o arrependimento."[8]

A razão, portanto, da existência de tantos desigrejados, cristãos indeterminados ou genéricos, está na ausência de um discipulado bíblico que permitisse esses crentes terem um crescimento natural e sadio. São cristãos que não estabeleceram vínculo nenhum com a igreja local e pouco ou quase nada sabem sobre o senhorio de Jesus.

Um programa de discipulado bíblico, nos moldes do recrutamento que Jesus fez com seus discípulos, precisa levar em conta alguns princípios. No Evangelho de Lucas vemos como isso se deu. Primeiramente observamos que o Mestre serviu de modelo aos seus liderados, além do fato de os moldar de acordo com seus ensinos! Dentro desse processo, observamos, em segundo lugar, que o chamado ao discipulado não acontece de qualquer forma, mas há métodos que devem ser seguidos e custos que devem ser avaliados. Em terceiro lugar, uma atenção especial deve ser dada ao treinamento desses discípulos, o

que exige uma mudança de cosmovisão e também de valores. Por último o envio em uma missão especifica, que consiste em pregar os valores do Reino de Deus e curar uma sociedade que se encontra doente. Um discípulo, é portanto, alguém que é capaz de reproduzir aquilo que aprendeu.

O Discipulado de Jesus

Em sua exaustiva obra: *Um Judeu Marginal – repensando o Jesus histórico*, o escritor John P. Meier põe em relevo o discipulado de Jesus.

> "O Jesus adulto surge pela primeira vez quando se junta a determinado grupo escatológico, caracterizado pelo batismo e arrependimento, chefiado por um estranho indivíduo chamado João Batista. Arrebatando alguns indivíduos desse grupo, Jesus logo seguiu seu próprio caminho com uma nova mensagem do iminente, e, no entanto, presente, reino de Deus, mensagem essa dirigida a todo Israel. Indo de cidade em cidade em um ministério itinerante, Jesus atraiu círculos mais próximos e mais afastados de seguidores entre seus correligionários judeus... Participou de debates religiosos com outros judeus devotos e tomou a liberdade de ensinar a seus correligionários como a Lei mosaica devia ser seguida corretamente. Em seu próprio círculo ensinava a seus discípulos formas especiais de orações, observâncias e crenças que os caracterizavam como um grupo distinto dentro do judaísmo da Palestina no século I."[9]

Lucas registra:

> "Ora, ia com ele uma grande multidão; e, voltando-se, disse-lhe: Se alguém vier a mim e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E qualquer que não levar a sua cruz e não vier após mim não pode ser meu discípulo. Pois qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabar? Para que não aconteça que, depois de haver posto os alicerces e não a podendo acabar, todos os que a virem comecem a escarnecer dele, dizendo: Este homem começou a edificar e não pôde acabar. Ou

qual é o rei que, indo à guerra a pelejar contra outro rei, não se assenta primeiro a tomar conselho sobre se com dez mil pode sair ao encontro do que vem contra ele com vinte mil? De outra maneira, estando o outro ainda longe, manda embaixadores e pede condições de paz. Assim, pois, qualquer de vós que não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo. Bom é o sal, mas, se ele degenerar, com que se adubará? Nem presta para a terra, nem para o monturo; lançam-no fora. Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça" (Lc 14.25-35).

O Custo do Discipulado

No texto: A *Educação no Antigo Israel e no Tempo de Jesus* encontramos uma excelente exposição sobre o processo do chamado de Jesus. O texto põe em evidência alguns desses princípios. É dada atenção para o fato de que o chamado de Jesus não é algo que vem pronto e acabado, mas se constrói através de repetidas idas e vindas, de avanços e recuos. Tem início na beira do mar da Galileia (Mc 1.16), e termina com a ascensão (Mt 28.18-20). Depois da ressurreição começa de novo à beira do mesmo lago (Jo 21.2-17). É um recomeçar sempre![10]

O Recrutamento

A forma como Jesus chama as pessoas é bastante simples e variada. Muitas vezes Jesus toma iniciativa no chamado. Ele vê as pessoas e as chama (Mc 1.16-20). Mas em outros casos este chamado se dá através da rede de entrelaçamento familiar quando um membro da família conduz algum parente ou amigo até Jesus (Jo 1.40-42; 45-46). João, o batista, também tem participação nesse chamado quando orienta seus discípulos a seguir o Mestre (Jo 1.35-39). Em outros casos as pessoas decidem espontaneamente seguir Jesus (Lc 9.57,58; 61,62).[11]

A Natureza do Chamado

Uma outra coisa posta em destaque diz respeito à natureza do chamado de Jesus. Esse chamado é de graça e não tem nenhum custo a mais. Todavia, o grau de compromisso dessa decisão é muito alto. Jesus não engana ninguém nem camufla as implicações envolvidas no seu chamado. É um chamado que deve ser aceito de forma consciente por aquele que o abraça (Mc 1.15).

Nesse aspecto o chamado é começar tudo de novo (Jo 3.3-8). O compromisso com o Reino e o chamado deve estar acima de qualquer vínculo familiar (Lc 9.60). Quem o acolheu não pode mais voltar atrás (Lc 9.62). É uma pérola preciosa e quem a achou deve se desprender de tudo para tê-la. Enfim quem o aceita deve se desprender de tudo para se dedicar a Ele (Mt 13.44-46).

O Perfil dos Chamados

É interessante também o perfil dos chamados por Jesus. Figueira e Junqueira põe em evidência esses perfis. Eram humanos, limitados e imperfeitos.

Os exemplos:

Pedro – era generoso e entusiasta (Mc 14.29,31), mas, na hora do perigo e da decisão, o seu coração encolhia e ele voltava atrás (Mt 14.30; Mc 14.66-72).

Tiago e João – estavam dispostos a sofrer por Jesus (Mc 10.39), mas queriam ter mais poder que os outros (Mc 10.35-41), e eram temperamentais (Lc 9.54). Jesus deu-lhes o apelido de "filhos do trovão" (Mc 3.17).

Filipe – tinha muito jeito para colocar os outros em contato com Jesus (Jo 1.45,46), mas não era prático em resolver os problemas (Jo 6.5-7; 12.20-22). Jesus certa vez o censurou (Jo 14.8,9).

Natanael – era bairrista (Jo 1.46), mas diante da evidência reconhece que Jesus é o Messias (Jo 1.49).

André – era mais prático. Foi ele que encontrou o menino com cinco pães e dois peixes (Jo 6.8,9).

Tomé – era generoso, disposto a morrer com Jesus (Jo 11.16). Mas também era cabeçudo e teimoso, capaz de sustentar a sua opinião, uma semana inteira, contra o testemunho de todos os outros (Jo 20.24,25).

Mateus – era publicano e como tal era excluído da religião judaica.

Simão – era Cananeu ou Zelote (Mc 3.18). Fazia parte de um partido dos *zelotes* que se opunha ao governo romano.

Judas – guardava o dinheiro do grupo (Jo 12.6; 13.29).

Joana – era esposa de Cusa, procurador de Herodes, que governava a Galileia. Junto com Susana e outras mulheres, ela seguia a Jesus e o servia com seus bens (Lc 8.2-3).

Maria Madalena – era nascida na cidade de Magdala. Jesus libertou-a de sete demônios (Lc 8.2).

Marta e Maria – eram irmãs, que junto com Lázaro, o irmão delas, viviam em Betânia, perto de Jerusalém (Jo 11.1).

Nicodemos – Era membro do Sinédrio, o Supremo Tribunal da época.[12]

As Dimensões do Chamado

Ainda segundo o pensamento desses autores o discipulado de Jesus possui três dimensões:

- *Tomar o Mestre como Exemplo*

Jesus se torna o referencial na vida do discípulo (Jo 13.13-15).

- *Ter participação na cruz*

Seguir Jesus estava muito longe de algo meramente teórico. Seguir Jesus era sofrer com Ele, era participar de suas provações (Lc 22.28) e perseguições (Jo 15.20; Mt 10.24,25). Era se sujeitar a viver sob o peso da cruz e até mesmo morrer com Jesus (Mc 8.34,35; Jo 11.16).

- *Viver a vida de Jesus*

Essa nova dimensão vem logo após a ressurreição de Jesus e a vinda do Espírito Santo. Seus discípulos estão convictos de que Jesus vive neles através do Espírito Santo: "Vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive em mim" (Gl 2.20). Como seus seguidores, cheios do Espírito, e com a presença de Jesus no meio deles, agora continuam a obra que Jesus começou entre eles. Entregam-se totalmente à palavra de Deus e à oração.[13]

Marta e Maria

Esse discipulado de Jesus fica em destaque nas vidas de Marta e Maria. Há algumas lições que podemos extrair desse relato.

"E aconteceu que, indo eles de caminho, entrou numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa. E tinha esta uma irmã, chamada Maria, a qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra. Marta, porém, andava distraída em muitos serviços e, aproximando-se, disse: Senhor, não te importas que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe, pois, que me ajude. E, respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada" (Lc 10.38-42).

A forma como o Senhor discípula Marta e Maria, conforme mostra essa narrativa, é de fato muito interessante. Observamos que:

1. **É possível hospedar Jesus e ainda assim não possuir nenhum relacionamento com Ele** — "Recebeu (hospedou) em sua casa" (v. 38). Não basta ter Jesus como hóspede, é necessário que Ele habite na casa. Um dos problemas graves do discipulado contemporâneo é que ele não consegue firmar vínculo com Jesus. Jesus não é o dono nem tampouco o Senhor da casa, mas um mero hóspede. A palavra grega *upodechomai*, traduzida como "recebeu" ou "hospedou", possui o sentido de "receber como um convidado". Não é um residente. Uma vida transformada necessita ter Jesus como residente nela e não apenas como um convidado.

2. **É possível possuir algum parentesco com alguém piedoso e mesmo assim não ter uma vida piedosa** — "E tinha esta uma irmã, chamada Maria, a qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra" (v. 39).
   Marta era irmã de Maria. Maria era uma crente piedosa que queria sempre aprender aos pés do Mestre. Por outro lado, Marta não era tão piedosa quanto a irmã. Não tenho dúvidas de que o fracasso do discipulado reside no fato de muitos cristãos possuírem apenas uma fé nominal. Frequentam uma igreja, pertencem a alguma comunidade evangélica, mas não conseguem levar uma vida devocional genuinamente cristã. Vivem sempre à margem da fé. Aproximam-se mais do mundo do que do evangelho.

3. **É possível ter orelhas para escutar e mesmo assim não ouvir o que o Senhor está dizendo** — "Maria... ouvia a Palavra" (v. 39). Maria ficava ao lado do Senhor para melhor ouvir os seus ensinamentos, mas Marta não tinha tempo para isso. A verdadeira adoração não ignora a obrigação nem tampouco esquece a devoção. O trabalhador não deve esquecer que também é um adorador.

4. **É possível estar tão ocupado que até mesmo Deus passa a ser um problema** — "Senhor, não te importas que minha irmã me deixe servir só?" (v. 40).
   Se não podemos afirmar que Marta quis culpar ao Senhor pela falta de cooperação de Maria, no mínimo ela achava que Maria

não estava usando corretamente o seu tempo naquela ocasião. Jesus ali aparece como um problema para Marta. Marta acha que é Ele quem interrompe os afazeres domésticos de Maria, sua irmã. Quando nos envolvemos demais com as coisas dessa vida, até mesmo Deus ou a igreja passam a ser um peso para nós.

5. **É possível estar à sombra do Evangelho e mesmo assim possuir valores invertidos** – "respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada" (v. 41,42).
O problema com Marta foi que ela inverteu as coisas. Pôs suas prioridades em primeiro lugar e não encontrou espaço para as coisas de Deus. Os valores ficaram invertidos. É o uso da lógica inversa àquela do reino de Deus. "Mas buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas" (Mt 6.33). Quando Deus se torna o primeiro, jamais vamos ser os últimos.

Jesus, o Discipulado e o Espírito Santo

Por último, desejo pôr em destaque o papel do Espírito Santo no discipulado. O terceiro evangelho, como faz em outras partes, aqui também põe os carismas do Espírito a serviço do discipulado. "Fiz o primeiro tratado, ó Teófilo, acerca de tudo que Jesus começou, não só a fazer, mas a ensinar, até ao dia em que foi recebido em cima, depois de ter dado mandamentos, pelo Espírito Santo, aos apóstolos que escolhera; aos quais também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas e infalíveis provas, sendo visto por eles por espaço de quarenta dias e falando do que respeita ao Reino de Deus. E, estando com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, que (disse ele) de mim ouvistes. Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias" (At 1.1-5).

Lucas destaca que Jesus deu mandamentos aos apóstolos através do Espírito Santo (At 1.2). O Espírito Santo foi um instrumento eficaz no amoldamento dos discípulos de Jesus. Sem a participação efetiva do Espírito do Senhor nenhum programa de discipulado ou recrutamento cristão será eficaz.

Consigo ainda me lembrar com precisão de uma experiência que aconteceu no primeiro trabalho congregacional que assumi como pastor de tempo integral. Quando estava prestes a assumir aquele trabalho tive uma visão de Deus. Vi uma horta com vários tomates. Havia tomates verdes, maduros e ainda outros cujo formato chamou-me a atenção. Eram tomates compridos! Suas formas se assemelhavam a de uma banana! Fiquei perplexo! O que significava aquilo?

Já empossado como obreiro de tempo integral naquela congregação, comecei a ministrar a Palavra de Deus. Comuniquei à igreja que iria pregar uma série de estudos sobre avivamento, mas tive que desmarcar os estudos porque senti como se o Espírito Santo me dissesse que ainda não era tempo para esse tipo de trabalho. Eu deveria ministrar antes sobre os frutos do Espírito e somente depois pregar sobre os dons do Espírito! Não demorou muito para eu saber o porquê disso. Logo percebi que havia ali muitos crentes vivendo conflituosamente. Eram cristãos deformados à semelhança dos tomates compridos! Naquelas condições não haveria nenhum avivamento. Segui a orientação do Senhor e vi os resultados logo aparecerem. Somos gratos a Deus pela presença do seu Espírito em nosso meio! Aleluia.

NOTAS

[1] TEIXEIRA, Faustino. *Religiões Em Movimento – o Censo de 2010.*

[2] TEIXEIRA, Faustino. *Op.cit.*

[3] CAMURÇA, Marcelo Ayres. *In: Religiões Em Movimento – o Censo de 2010.* Petrópolis: Editora Vozes, 2013, p.75.

[4] SANCHIS, Pierre. *Religiões Em Movimento – O Censo de 2010.*

[5] GONÇALVES, José. *A Prosperidade à Luz da Bíblia.* Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

[6] GWERCMAN, Sérgio. *In: Superinteressante – as 25 reportagens mais surpreendentes, polêmicas e curiosas dos 25 anos da Revisa.* São Paulo: Editora Abril, 2013.

[7] *Superinteressante – as 25 reportagens mais surpreendentes, polêmicas e curiosas dos 25 anos da Revista.* São Paulo: Editora Abril, p 112.

[8] BONHOFFER, Dietrich. *Discipulado.* Editora Sinodal, 2004.

[9] MEIER, John P. *Um Judeu Marginal – repensando o Jesus histórico, volume três, livro 1 - companheiros.* Rio de Janeiro: Editora Imago, 2003.

[10] FIGUEIRA, Eulálio & JUNQUEIRA, Sérgio. *Teologia e Educação – Educar para a caridade e a solidariedade.* São Paulo Ed. Paulinas, 2012.

[11] *Idem.*

[12] FIGUEIRA, Eulálio & JUNQUEIRA, Sérgio. *Teologia e Educação. Op. Cit.*

[13] FIGUEIRA, Eulálio e JUNQUEIRA, Sérgio. *Teologia e Educação. Op.cit.*

Capítulo 6

Mulheres que Ajudaram Jesus

Mulheres em Evidência

Não faz muito tempo fui convidado para ministrar em uma convenção de pastores. A minha palestra versava sobre o valor da apologética cristã no ministério pastoral. Durante os dias que ali passei naquele conclave, pude observar um debate acirrado sobre a ordenação de mulheres para o ministério pastoral. As posições estavam polarizadas e os enfrentamentos se tornaram bastante calorosos! Como não havia sido convidado para esse propósito, não tive participação ativa naquele debate.

Não é meu propósito neste capítulo tratar da ordenação ou não de mulheres ao ministério pastoral. Nem tampouco é meu objetivo entrar no mérito dessa questão emitindo um juízo de valor sobre esse assunto. Isso fugiria completamente do nosso foco aqui que é procurar entender o lugar que as mulheres ocuparam no ministério público de Jesus. Todavia acredito que precisamos conhecer o que a história registrou sobre esse assunto a fim de entendermos melhor como a mulher tem sido tratada ao longo dos anos, quer dentro da cultura judaica, cristã ou secular.

O Catolicismo Medieval e as Mulheres!

Embora o debate em torno da participação feminina nos contextos social e religioso é bastante atual, todavia, como observaram os escritores Bonnidell Cluse e Robert G. Bonnidell, ele não é novo.[1] Bonnnidell faz um excelente apanhado histórico sobre a participação feminina no movimento evangélico através dos séculos. Aqui sintetizarei essa análise.

No contexto católico romano, por exemplo, as mulheres possuem atribuições religiosas bastante limitadas. Isso se deve ao fato da analogia que o catolicismo criou entre o sacerdócio levítico e o sacerdócio católico. Sendo o sacerdócio católico uma adaptação do sacerdócio levítico, inclusive com sua função de mediador, somente homens, como era no antigo judaísmo, poderiam participar do culto. As mulheres estavam excluídas por uma série de razões. Uma delas é que a Lei considerava uma mulher, no período menstrual, cerimonialmente impura para o culto. Dessa forma o catolicismo medieval entendia que as mulheres também estavam excluídas para as atividades religiosas pelas mesmas razões.

Mulheres no Contexto da Reforma

No contexto evangélico ou protestante, no que se refere ao papel das mulheres, os debates têm se restringido à participação ou não das mesmas no ministério pastoral. Em outras palavras, a questão gira em torno da ordenação ou não de mulheres para o exercício pastoral ou para a função de liderança. Robert G. Clouse explica como é vista essa questão nas igrejas protestantes. Na maioria das igrejas, observa ele, a ordenação para o ministério se entende como a eleição de algumas pessoas que vão ocupar posições de autoridade dentro da congregação. Isso as qualifica para pregar, administrar os sacramentos e supervisionar os assuntos da congregação. Devido a importância da pregação nas igrejas protestantes, o tema da ordenação está muito relacionado com essa função.[2]

Com o advento da Reforma Protestante de 1517, a visão bíblica do sacerdócio universal de todos os crentes foi restaurada dentro do contexto evangélico. Seguindo o ensino neotestamentário, Lutero ensinou que o cristão era seu próprio sacerdote (1 Pe 2.9). Isso abolia a figura do sacerdote católico e também tornava desnecessária a figura de um mediador. Apesar de alguns historiadores acharem que Lutero, graças a sua grande influência, deveria ter olhado com mais atenção para a função de liderança das mulheres na igreja, ele não o fez.[3] Mas ele acreditava que sob circunstâncias especiais as mulheres poderiam exercer algumas funções na igreja, como por exemplo, a da pregação.[4] Essa sua posição mais maleável para com as mulheres exerceu influência entre luteranos e reformados, seguidores de João Calvino.[5] Esse ponto

de vista do reformador alemão se fundamentava no relato da criação. Ele acreditava que antes da queda tanto o homem quanto a mulher desfrutavam da mesma posição diante de Deus, mas com a entrada do pecado no mundo esse quadro mudou. O homem passou então a exercer a função de liderança. Por outro lado, João Calvino partia do princípio de que a mulher havia sido criada a partir do homem e como tal deveria ser subordinada a ele.

Os Anabatistas e as Mulheres

A posição dos anabatistas sobre a participação das mulheres na liturgia do culto era muito mais maleável do que a dos reformadores. Os anabatistas radicalizaram mais ainda a Reforma exigindo o batismo de adultos e a participação de leigos no ministério da igreja. Na verdade os anabatistas eram totalmente contra toda forma de elitização clerical. Não há dúvida de que esse posicionamento dos anabatistas fez com que as mulheres tivessem muito mais espaço entre eles. De fato os batistas do século XVII e os Quakers, claramente influenciados pelo movimento anabatista de onde surgiram, permitiram a participação ativa de mulheres em suas liturgias.

As Mulheres e o Movimento Pietista Alemão

Essas e outras controvérsias surgidas por conta da Reforma fez com que as igrejas institucionalizadas procurassem definir seus credos doutrinários de forma muito mais precisa. A consequência natural dessa ortodoxia foi a classificação desses movimentos como sendo de natureza sectária e herética.

Muitos cristãos não ficaram satisfeitos com esse enrijecimento doutrinário da igreja institucional e procuraram um retorno ao fervor bíblico primitivo. Passaram a enfatizar a conversão, a ansiar por uma vida mais santa e uma vida devocional mais dinâmica. Esses crentes foram apelidados de "pietistas". Eles enfatizam a vida interior e não apenas os rituais exteriores. No movimento pietista as mulheres voltaram a ter um papel de destaque.

O Metodismo e as Mulheres

É com o movimento metodista, fundado por John Wesley, que as mulheres vão receber a visibilidade que ainda não possuíam, tanto na In-

glaterra como nos Estados Unidos. Wesley acreditava que as restrições de Paulo quanto à função das mulheres na igreja era uma norma a ser seguida. Todavia, ele cria que Deus havia chamado a todos para a sublime missão de pregar o evangelho. Pensando assim, ele permitiu que leigos e mulheres tivessem participação ativa no seu movimento.

Os Movimentos de Reavivamento e as Mulheres

Entre os anos de 1725 e 1770, os Estados Unidos foram abalados pelo que se chama comumente de "O Grande Avivamento". Tendo origem nas igrejas reformadas holandesas, influenciando posteriormente as igrejas congregacionais da Nova Inglaterra, esse avivamento trouxe conversões em massas e gerou também o famoso pregador Jonathan Edwards. Nesse avivamento, as mulheres tiveram uma participação especial. A mais famosa delas foi Sarah Osborn que desenvolveu um ministério público de pregação. Um outro avivamento, que se seguiu a esse, denominado de "O Segundo Grande Despertamento", ocorreu em meados do século XIX. Cerca de dois terços dos convertidos nesse movimento eram mulheres que em sua grande maioria estavam na casa dos trinta anos. Esse fato fez com que as mulheres também tivessem proeminência dentro desse movimento.

Com o advento do pentecostalismo no início do século XX, o papel da mulher na igreja ganhou muito mais expressão. Todavia, o mesmo fenômeno que ocorreu dentro de outros movimentos evangélicos passados se repetiu dentro do pentecostalismo e a posição de liderança das mulheres ficou outra vez limitada.[6]

Observa-se que embora as mulheres tenham exercido diferentes funções dentro do movimento protestante, o protestantismo se manteve sempre conservador ao restringir a função de liderança eclesiástica ao sexo masculino.

O Movimento Feminista e as Mulheres

No contexto secular o movimento feminista surge com a bandeira que promete acabar com toda e qualquer discriminação que existe contra a mulher.

De acordo com a Enciclopédia Barsa, o movimento feminista defende a igualdade de direitos e status entre homens e mulheres, que devem ter garantida a liberdade de decisão sobre suas próprias carreiras

e padrões de vida.[7] A origem desse movimento está associado à revolução francesa de 1789. Durante esse período de convulsão social o sistema político e social então vigente na França e no resto do Ocidente foi abalado. Ainda de acordo com a *Barsa, esse movimento "encorajou as mulheres a denunciar a sujeição a que eram mantidas e que se manifestava em todas as esferas da existência: jurídica, política, econômica, educacional, etc."*[8]

Como se observa, esse movimento de contestação francês em seu início centrava-se mais na conquista de direitos civis para as mulheres, situação que viria a mudar radicalmente no século XX. O movimento feminista contemporâneo acredita que a mulher vive marginalizada e oprimida pela cultura masculina, descrita por ele como patriarcal e machista. Pensando nisso, o movimento procura denunciar os supostos mecanismos psicológicos e psicossociais que favorecem essa marginalização ao mesmo tempo em que oferece recursos que possibilitem à mulher se livrar dessas amarras. Acreditam que somente assim a mulher se torna livre em seu corpo e em seus desejos! Fundamentado nessa tese, reivindica a interrupção voluntária da gravidez (aborto) a radical igualdade nos salários e o acesso a postos de responsabilidade.[9] Em muitos países esse movimento tem se tornado radical entrando constantemente em confronto com as autoridades constituídas.[10]

Jesus, o Judaísmo e as Mulheres

Pois bem, tendo dado essa visão panorâmica sobre como foi tratado o sexo feminino ao longo dos séculos, é nosso objetivo agora voltar para a Palestina do primeiro século a fim de entendermos como Jesus tratou as mulheres.

Tem causado espanto em muitos pesquisadores o relato dos evangelhos sobre a participação feminina no ministério público de Jesus. Essa admiração existe em razão da atenção que os evangelistas, especialmente Lucas, dão às mulheres.[11] O relato lucano mostra que as mulheres tiveram participação ativa no ministério de Jesus. "E aconteceu, depois disso, que andava de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do Reino de Deus; e os doze iam com ele, e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios; e Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, e Suzana, e muitas outras que o serviam com suas fazendas" (Lc 8.1-3).

O escritor José A. Pagola destaca essa atenção especial que o terceiro evangelho dispensa às mulheres. "Em seu relato aparecem personagens femininos de uma força extraordinária: Maria mãe de Jesus, Isabel, Ana, a viúva de Naim, a pecadora na casa de Simão, suas amigas Marta e Maria, Maria de Magdala, uma mulher anônima que tece elogios à sua mãe... Lucas tem um interesse especial em apresentar Jesus curando mulheres enfermas —a sogra de Simão, a mulher que sofria de hemorragia, a anciã encurvada, Maria de Magdala, da qual liberta "sete demônios" (8.2). Também sublinha sua compaixão e sua ternura com a mulher pecadora (7.36-50), com a viúva de Naim (7.11-17), com as que saem chorando ao seu encontro no caminho da cruz (23.27-31).[12] Pagola destaca ainda que essas "mulheres são seguidoras de Jesus e acompanham os Doze: Maria Madalena; Joana, mulher de Cuza; Susana e 'muitas outras que o serviam com seus bens' (8.1-3). Quando os varões abandonaram Jesus, elas permanecem fiéis até o fim junto à cruz (23.49). São elas as primeiras a anunciar a ressurreição de Jesus, embora os discípulos não acreditem nelas (24.22). O Evangelho de Lucas nos ajudará a olhar a mulher como Jesus a olhava, para defender sua dignidade e para fazer com que elas ocupem em sua comunidade o lugar que lhes corresponde".[13]

Essa forma de enxergar a mulher, não a tratando como objeto como fazia, por exemplo, o antigo judaísmo, era totalmente inusitada na Palestina dos dias de Jesus. Jesus, portanto, mudou o paradigma que via as mulheres como "coisa" e não como um ser especial formado por Deus.

Assim como Pagola, outros teólogos têm procurado também entender o papel desempenhado pelas mulheres nas comunidades da Palestina dos dias de Jesus. Dentre eles estão J. Jeremias, John P. Meier, Gerd Theissen e os escritores Ekkehard e Wolfgang Stegemann. A obra desses autores procura reconstruir a vida cotidiana das mulheres nos dias bíblicos.[14] John P. Meier, por exemplo, em sua obra *Um Judeu Marginal* observa que embora Lucas não use o substantivo *mathetes* ou a sua forma feminina equivalente *mathetria* para se referir a uma discípula, todavia o substantivo masculino em sua forma plural *hoi mathetai* pode ser usado em referência tanto para homens como para mulheres.

O que pode ser afirmado, diz Meier, com razoável probabilidade sobre a existência ou a natureza de discípulas em torno do Jesus histórico? Para começar, havia seguidoras? E, se havia mulheres seguindo Jesus

em um sentido literal e físico, eram elas chamadas ou consideradas "discípulas" durante a vida de Jesus? Tais questões, embora pareçam simples, são surpreendentemente difíceis de responder. Na verdade, quando várias passagens do Evangelho falam em geral de grupos de "discípulos" com Jesus, sem maiores especificações sobre a composição do grupo, é lícito assinalar que o substantivo masculino plural *hoi mathetai* pode ser entendido inclusivamente, pois pelo menos alguns substantivos masculinos plurais em grego eram entendidos assim (p. ex., o masculino plural *hoi goneis* para "pai [pai e mãe]"). Ao contrário da tendência contemporânea do uso no inglês dos Estados Unidos, o masculino plural em grego admite uma interpretação inclusiva se o contexto não dá outra indicação. Portanto, a forma gramatical *hoi mathetai* poderia se referir a discípulos masculinos e também femininos. Pode-se montar um argumento para mostrar que Lucas em particular interpreta o plural dessa maneira, embora ele nunca use clara e diretamente *mathetai* apenas para um grupo de mulheres.[15]

O fato de um grupo de mulheres serem citadas como seguidoras de Jesus tem chamado a atenção dos estudiosos. Isso mostra que a missão do Filho do Homem não se limitou aos excluídos economicamente, mas também aquelas que haviam sido excluídas socialmente. É possível observar que essas mulheres, embora discípulas de Jesus, não se sentiram constrangidas a renunciar os seus bens. Como bem observou Meier, se assim tivessem feito não poderiam servir de forma contínua a Jesus e a seus apóstolos (Lc 8.1-3).

O contraste existente, portanto, entre o tratamento que Jesus deu às mulheres e aquele que elas recebiam da sociedade de seus dias é de fato enorme. Na verdade, Jesus promoveu uma verdadeira "inversão" de valores naqueles dias. O objeto passou a ser sujeito! Os escritores Ekkehard e Wolfgang Stegemann na obra *História Social do Protocristianismo,* fizeram resgate histórico sobre a participação feminina nas culturas do mundo mediterrâneo. Citando o escritor judeu Filo de Alexandria, contemporâneo de Jesus, eles resumem o pensamento que se tinha sobre as mulheres no judaísmo do primeiro século.

"Praças, reuniões do conselho, tribunais, associações, ajuntamentos de grandes massas e o relacionamento cotidiano a céu aberto, por meio da palavra e da ação, na guerra e na paz, são apropriados apenas aos homens; o sexo feminino, em contrapartida, deve cuidar do lar e permanecer em casa; mais exatamente, as virgens devem (ficar) nos aposentos

mais retirados e encarar as portas de acesso como seu limite; as mulheres casadas, por sua vez, as portas da casa. Pois há dois tipos de complexos urbanos, casas (*oikíai*); destes dois, com base na divisão, os homens têm a direção dos maiores, que constitui a administração da cidade (*politeia*), e as mulheres dirigem os menores, as chamadas economias domésticas (*oikonomía*). A mulher, portanto, não deve se preocupar com qualquer coisa que vá além das obrigações da economia doméstica."[16]

Por outro lado, as culturas gregas e romanas eram muito mais flexíveis com a participação das mulheres na vida pública. Mas, de uma forma geral, a cultura oriental era bastante rígida com a participação feminina na coletividade. Ainda sobre a presença feminina na vida pública na Palestina nos dias de Jesus, o escritor e historiador J. Jeremias destaca que as mulheres não podiam sair de casa sem terem seus rostos cobertos por uma espécie de burca. Dessa forma não era possível nem mesmo reconhecer seu rosto. É conhecido o caso de um sacerdote que mandou acoitar a própria mãe porque não a reconheceu por causa da indumentária que ela vestia! Jeremias destaca que a mulher que saía de casa sem ter a cabeça coberta, que dizer, sem o véu que ocultava o rosto, faltava de tal modo aos bons costumes que o marido tinha o direito, até mais, tinha o dever de despedi-la sem ser obrigado a pagar a quantia que, no caso de divórcio, pertencia à esposa, em virtude do contrato matrimonial.[17]

As regras do decoro, observa ainda J. Jeremias, proibiam encontrar-se sozinho com uma mulher, olhar para uma mulher casada, e até mesmo cumprimentá-la. Seria vergonhoso para um aluno de escriba falar com uma mulher na rua. Aquela que conversasse com alguém na rua ou ficasse do lado de fora de sua casa podia ser repudiada sem receber o pagamento previsto no contrato de casamento.[18] Isso nos permite entender outros textos dos Evangelhos onde Jesus aparece conversando com mulheres! No Evangelho de Lucas, por exemplo, vemos Jesus dialogando com as irmãs Marta e Maria e no Evangelho de João a clássica história da samaritana. Até mesmo os apóstolos, que acompanhavam Jesus de perto, admiraram-se dessa ousadia do Mestre.

Mulheres que tiveram um Encontro Pessoal com Jesus

Aprecio o esboço feito pela escritora Wanda de Assumpção sobre as mulheres que tiveram um encontro pessoal com Jesus. Ela divide em quatro grupos todas as mulheres que de alguma forma se encontra-

ram com Jesus. No grupo das que tiveram Jesus como seu sustento e consolo, estão: Ana, a profetisa, a viúva de Naim e a viúva pobre. No grupo das mulheres que tiveram Jesus como a sua justificação, estão: a pecadora que ungiu os pés de Jesus e a mulher adúltera. No grupo das que tiveram Jesus como a cura, estão: a sogra de Pedro, a mulher com hemorragia, a mulher curvada por enfermidade, a mulher siro-fenícia e Maria Madalena. Por último, no grupo das mulheres que tiveram Jesus como a água viva que sacia a sede, encontram-se: a mulher samaritana, Marta, Maria de Betânia, a mãe de Tiago e João e Maria, a mãe de Jesus.[19]

De todas essas histórias, a narrativa sobre a mulher pecadora que ungiu os pés de Jesus se mostra como uma das mais belas e fascinantes. Ela mostra que Jesus valorizou as mulheres e devolveu-lhes a dignidade perdida.

"E rogou-lhe um dos fariseus que comesse com ele; e, entrando em casa do fariseu, assentou-se à mesa. E eis que uma mulher da cidade, uma pecadora, sabendo que ele estava à mesa em casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento. E, estando por detrás, aos seus pés, chorando, começou a regar-lhe os pés com lágrimas, e enxugava-lhos com os cabelos da sua cabeça e beijava-lhe os pés, e ungia-lhos com o unguento. Quando isso viu o fariseu que o tinha convidado, falava consigo, dizendo: Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, pois é uma pecadora. E, respondendo, Jesus disse-lhe: Simão, uma coisa tenho a dizer-te. E ele disse: Dize-a, Mestre. Um certo credor tinha dois devedores; um devia- lhe quinhentos dinheiros, e outro, cinquenta. E, não tendo eles com que pagar, perdoou-lhes a ambos. Dize, pois: qual deles o amará mais? E Simão, respondendo, disse: Tenho para mim que é aquele a quem mais perdoou. E ele lhe disse: Julgaste bem. E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês tu esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; mas esta regou-me os pés com lágrimas e mos enxugou com os seus cabelos. Não me deste ósculo, mas esta, desde que entrou, não tem cessado de me beijar os pés. Não me ungiste a cabeça com óleo, mas esta ungiu-me os pés com unguento. Por isso, te digo que os seus muitos pecados lhe são perdoados, porque muito amou; mas aquele a quem pouco é perdoado pouco ama. E disse a ela: Os teus pecados te são perdoados. E os que estavam à mesa começaram a dizer entre si: Quem é este, que até perdoa pecados? E disse à mulher: A tua fé te salvou; vai-te em paz" (Lc 7.36-50).

Algumas deduções são possíveis a partir desse texto:

1. **A mulher pecadora era "cobiçada" pelos homens, mas não se sentia amada por Deus.**
   Essa mulher que ungiu os pés de Jesus, que não deve ser confundida com uma outra mulher citada no capítulo 12 do evangelho de João, trazia o estigma de ser "pecadora". Esse adjetivo significava que ela era uma mulher de vida "livre" ou mais popularmente uma "prostituta". Isso a excluía da vida religiosa e da vida em sociedade. Não há dúvida de que essa mulher, sempre disponível para os homens, sendo cobiçada por eles, não se sentia uma mulher amada.
   É somente quando ela encontra o Senhor Jesus que ela de fato vai saber o que é se sentir realmente amada. Jesus fez com que a mulher pecadora se sentisse perdoada por Deus.

2. **A mulher pecadora levava consigo um frasco de perfume, mas não conseguia encobrir o fedor do seu passado.**
   O fariseu que convidou Jesus, ao observar a cena da mulher ungindo o Senhor, pensou: "Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, pois é uma pecadora". Esse fariseu tinha o olfato refinado para sentir o cheiro do "pecado". Pela lei, aquela mulher de fato era uma pecadora! O fariseu e todos os presentes ali sabiam disso. Parece que aquela mulher fedia a pecado.
   Foi somente quando teve o contado com o Mestre que o seu pecado e consequente o seu passado foram esquecidos diante de Deus. Agora ela não fedia mais a pecado, mas tornara-se o bom perfume de Cristo (2 Co 2.15).

3. **A mulher pecadora vendia o seu corpo, mas não conseguia comprar a paz.**
   O que de fato essa mulher procurava e buscava com intensidade era encontrar a paz! Ela tinha os homens à sua volta, ganhava dinheiro com seu corpo, mas não conseguia encontrar a paz. Jesus mostra-lhe que ser amada por Deus e perdoada por Ele é o que importa. A paz vem quando o perdão de Deus é derramado em seu coração.

4. **A mulher pecadora derramou diante de Jesus tudo o que tinha para que Deus juntasse o que havia sobrado dela.**
   O relato lucano diz que ela ungia o Senhor. Ela derramou tudo o que possuía de mais precioso sobre o Senhor. O seu gesto de entrega e de arrependimento possibilitou o Senhor restaurá-la por completo. A sua vida, que se encontrava fragmentada em retalhos foi totalmente reconstruída.

5. **A mulher pecadora aprendeu que a Lei condena, mas a graça perdoa!**
   A Lei puniu aquela mulher, a graça a perdoou! A Lei a excluía, a graça a abraçou! A Lei foi dada através de Moisés, a graça e a verdade vieram através de Jesus Cristo (Jo 1.17).

NOTAS

[1] CLUSE, Bonnidell & CLOUSE, Robert G. eds. *Mujeres En El Ministerio – cuatro pontos de vista.* Editorial CLIE, Barcelona, Espanha.

[2] CLUSE, Bonnidell & CLOUSE, Robert G. eds. *Mujeres En El Ministerio – cuatro pontos de vista.* Editorial CLIE, Barcelona, Espanha.

[3] LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas, volumes 1 ao 10.* Rio Grande do Sul: Editoras Sinodal/Concórdia/Ulbra, 2004.

[4] "A Bíblia não é contra as mulheres serem pregadoras do Evangelho. Jesus ensina a todos, inclusive as mulheres. Na Bíblia há vários exemplos claros de mulheres usadas por Deus na pregação da Palavra. O Espírito Santo distribui soberanamente Seus dons para o bem comum da igreja e estes não são condicionados pelo sexo, 1 Co 12:1-11; 141. Vemos, no Sl 68.11, a citação de uma grande companhia que anuncia as boas-novas, sem citar o gênero, portanto as mulheres estão incluídas. O profeta Joel, na promessa do derramamento do Espírito, destaca que "as **filhas** profetizarão" e as **"servas"** receberão o Espírito, isto é, anunciarão a Palavra do Senhor, 2.28,29". (SCHIMIDT, Alaid Schiavone. *Pequena Enciclopédia de Temas Femininos.* São Paulo: Arte Editorial, 2007).

[5] *Idem*, pp.18-19. 6Para um estudo mais aprofundado veja a obra: *Mujeres Em El Ministerio – cuatro ponto de vista (Mulheres no Ministério – quatro pontos de vistas.* Editorial CLIE, Barcelona, Espanha.

[7] *Barsa Planeta Internacional.*

[8] *Idem.* p.222.

[9] *Barsa, p.224.*

[10] A revista IstoÉ, periódico semanal da editora Três, trouxe uma matéria intitulada: "O *Movimento das Antifeministas" (13/8/2014).* A *matéria destaca que "para um número cada vez maior de mulheres jovens, o feminismo é um movimento ultrapassado, cheio de ideias equivocadas". O movimento antifeminista é formado por mulheres de 18 a 24 anos que, por meio de sites e redes sociais, defendem ideais contrárias ao feminismo. Consideram as ideologias feministas contraditórias. São várias essas comunidades: "Mulheres Contra o Feminismo", "Filosofia Feminista", "Antifeminismo", "Resistência Antifeminismo Marxista" e "Moça, Não Sou Obrigada a Ser Feminista". A bandeira do antifeminismo defende que a mulher pode ser livre independentemente do feminismo; que uma mulher tem o direito de optar por atividades domésticas; para uma mulher ser plenamente feliz, ela pode ter opiniões contrárias ao feminismo; ser feminista é lutar contra as falácias feministas e que a mulher pode lutar por igualdade sem ser feminista.*

[11] Podemos perceber também a teologia carismática de Lucas nas referências ao Espírito Santo nas vidas de Maria, mãe de Jesus, e Isabel. Lucas registra, por exemplo, que "Isabel ficou *possuída pelo Espírito Santo" (Lc 1.41). Por outro lado, o anjo de Deus disse a Maria: "Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do altíssimo te envolverá com sua sombra" (Lc 1.35).*

[12] PAGOLA, Antônio José. *Lucas – o caminho aberto por Jesus.* Petrópolis: Editora Vozes.

[13] *Idem.* p.19.

[14] Isso não significa que estou endossando aqui tudo o que esses autores afirmam em suas obras sobre os Evangelhos e a pessoa de Jesus. É clara, por exemplo, a influência do secularismo liberal sobre as obras desses autores quando tratam sobre a questão do "Jesus histórico". Baseados em critérios totalmente subjetivos e arbitrários, esses autores decidem quais textos dos evangelhos são de natureza histórica e quais não são.

[15] MEIER, John P. *Um Judeu Marginal – repensando o Jesus histórico, volume três, livro um.* Rio de Janeiro: Editora Imago.

[16] STEGEMANN, W. & STEGEMANN, Wolfgang. *História Social do Protocristianismo – os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo.* Editora Paulus/Sinodal. 2004.

[17] JEREMIAS, J. *Jerusalém no Tempo de Jesus – pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário.* Edições Paulinas, São Paulo.

[18] *Idem.* p.475.

[19] ASSUMPÇÃO, Wanda. *Mulheres que Tiveram um Encontro Pessoal com Jesus.* São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

Capítulo 7

Poder sobre as Doenças e a Morte

A Secularização da Fé

"É impossível usar a luz elétrica e o telégrafo sem fio, e beneficiar-se das modernas descobertas médicas e cirúrgicas, e ao mesmo tempo acreditar no mundo de (...) milagres do Novo Testamento".[1] Estas palavras não foram ditas por um ateu, mas por um dos mais conceituados teólogos liberais da Alemanha, Rudolf Bultmann (1884-1976).

Bultmann não está sozinho na sua posição. Dezenas de outros teólogos também compartilham de seu pensamento. Recentemente o teólogo liberal Jonh Shely Spong escreveu:

"Partindo do princípio de que não considero Deus um "ser", não posso também interpretar Jesus como a encarnação desse Deus sobrenatural, nem posso assumir com credibilidade que ele possua poder divino suficiente para fazer coisas tão miraculosas quanto acalmar as águas do mar, expulsar demônios, andar sobre a água ou multiplicar cinco pães para alimentar cinco mil pessoas. Se tivermos que reivindicar a natureza divina desse Jesus, terá que ser sobre outras bases. Milagres da natureza, estou convencido, dizem muito sobre o poder que as pessoas atribuíram a Jesus, mas não dizem nada sobre o que ocorreu literalmente."

"Não creio que Jesus", continua Spong, "pudesse ressuscitar os mortos, curar pessoas cuja paralisia já fora diagnosticada pela medicina, restaurar a visão dos cegos de nascença ou daqueles que perderam a visão por outra causa, nem acredito que ele tenha feito literalmente tudo isso. Também não creio que ele fez ouvir alguém surdo e mudo de nascença. Histórias de cura podem ser vistas de diversas formas. Considerá-las sobrenaturais ou milagrosas, em minha opinião, é a possibilidade de menor credibilidade".[2]

As obras de Bultmann e Spong procuram provar que milagres não existem. Para entendermos o pensamento desses teólogos liberais será preciso recuarmos no tempo, mais precisamente aos séculos XVII e XVIII. Foi durante esse período da história que a cultura ocidental experimentou o que os filósofos denominam de mudança de paradigma. A visão de mundo aceita até então, era aquela dada pelo catolicismo medieval. As explicações para os fenômenos cosmológicos não eram dadas por físicos e matemáticos, mas pelos teólogos da Escolástica.[3]

As novas descobertas nos campos da física e da matemática passaram a se contrastar com a cosmovisão católica. Em 1637, o matemático Rene Descartes (1596-1650) lançou a sua famosa obra intitulada: *Discurso do Método*. Nesse livro, Descartes propunha um novo método de investigação dos fenômenos naturais que fosse muito além do que ele considerava como meras especulações teológicas. Descartes elegeu a dúvida como seu método de investigação. Ele passou a duvidar de tudo e somente aquilo que não admitisse mais dúvida, depois de acurada investigação, deveria ser aceito como verdade absoluta.

Essa nova visão de mundo idealizada por Descartes, também denominada de *cartesianismo* ou *cientificismo*, marcou o fim da cosmovisão medieval e o início da *Modernidade*. Com as descobertas das leis físicas que regem o Universo feitas por Isaac Newton (1642-1727), o paradigma moderno se consolidou. No século XVIII, um movimento cultural europeu denominado de *Iluminismo* tomou para si como dogma essa nova concepção de mundo. A partir dessa nova visão de mundo, somente o que poderia ser explicado racionalmente, isto é, o que pudesse ser objeto de pesquisa e mensurado empiricamente deveria ser aceito como verdade absoluta. Nada que não passasse pelo crivo da razão podia ser aceito como verdade. Dentro desse contexto as narrativas religiosas ou bíblicas, por não se enquadrarem nesse novo modelo, não deveriam ser tidas como verdades absolutas. Estava aberta a porta para o criticismo bíblico!

Como vimos, essa visão de mundo teve um impacto enorme sobre as igrejas europeias, especialmente as protestantes. Através das academias e seminários teológicos, uma onda de incredulidade varreu as igrejas europeias e posteriormente as americanas. O cristianismo secularizado passou a usar a razão para explicar as narrativas bíblicas e não a fé como mostram os Evangelhos. Voltarei a tratar com mais detalhes sobre esse modelo cultural no capítulo 13.

Milagres Existem?

Em seu livro *Um Judeu Marginal*, o teólogo John Meier faz uma excelente apologia em favor da ocorrência de milagres nos dias atuais.[4] Para Meier há três formas de se conceituar um milagre: 1) um evento incomum, surpreendente ou extraordinário que, em princípio, é perceptível a qualquer observador interessado e imparcial; 2) um evento que não encontra explicação razoável nas habilidades humanas ou em outras forças conhecidas que agem em nosso mundo de tempo e espaço, e 3) um evento resultante de um ato especial de Deus, fazendo o que nenhum poder humano consegue fazer.[5]

Meier evita o conceito de milagre como sendo um evento que ultrapassa, transgride, viola ou contradiz "as leis da natureza" ou a "lei natural". Isso ele faz acertadamente para evitar cair no mesmo erro no qual incorreram os teólogos liberais. Como filha legítima do Iluminismo alemão, a teologia liberal também abraçou a ideia de que o Universo era regido por leis naturais fixas e invioláveis. De acordo com essa visão de mundo, um milagre é algo impossível de acontecer porque Deus não iria quebrar leis que Ele próprio criou. Milagres, portanto, não existiriam.

Meier escreve:

> "A noção filosófica de que o curso suave da 'natureza' é regulado por leis imanentes não encontra paralelo direto na vasta maioria dos livros do AT escritos em hebraico. A partir do primeiro capítulo do Gênesis, o mundo criado emerge do caos e o tempo todo para lá tende a retornar. Somente o poder criativo de Deus, e não as leis 'naturais' inerentes às realidades de tempo e espaço, impede que o mundo volte a cair na desordem. Deus dá ou impõe leis às suas criaturas; tais leis não surgem 'naturalmente' das criaturas, por causa de sua própria essência."[6]

Meier observa ainda que essa concepção de uma "natureza" (*phisis*) autônoma que governa o universo é uma ideia herdada do platonismo e incorporada posteriormente à teologia cristã. No entanto, observa ele, "mesmo em Filon de Alexandria, que refletia o platonismo grego, a 'natureza' é entendida à luz da tradição do AT, ou seja, como 'criação', que é feita e governada pela palavra e sabedoria de Deus. A natureza não é uma realidade autossuficiente que funciona de acordo com suas próprias leis inerentes e invioláveis, não uma realidade identificável, em última análise, com o próprio Deus".[7]

Foi fundamentado na concepção de mundo mecanicista e não na Bíblia que Rudolf Bultmann e mais recentemente John Sheley Spong construíram suas teologias acerca dos milagres. Com o advento da física quântica e seu *princípio da incerteza* de Werner Heisenberg essa concepção de mundo, que vê o universo apenas como uma máquina, vem sendo abandonada pela comunidade científica. As descobertas da física quântica mostram que as leis fixas do universo são válidas para o macrocosmo mas não para o microcosmo do mundo subatômico. Em palavras mais simples, o universo não pode mais ser explicado somente a partir de leis fixas e imutáveis como apregoavam os filósofos do Iluminismo.[8] A mesma ciência que armou os teólogos liberais com a física mecanicista agora os desarma com a física quântica. Trocando isso em miúdos – a ciência contemporânea não pode afirmar nem tampouco negar a existência de um milagre. Isso é competência da teologia!

Uma Resposta ao Secularismo

O movimento pentecostal surge em um contexto onde os crentes mais devotos, insatisfeitos com a secularização do cristianismo institucional, buscam novamente o fervor dos primitivos cristãos. Muitos movimentos periféricos passaram a apregoar a necessidade de uma vida mais profunda. Dentre eles se destaca o *Movimento Holiness* (Santidade) que atingiu as igrejas norte-americanas em torno de 1880.

Foi oriundo desse Movimento de restauração que veio Charles Fox Parham e William J. Saymour. Posteriormente Daniel Berg e Gunnar Vingren, que haviam aderido ao movimento em 1906. Eles trouxeram a mensagem pentecostal para o Brasil. Os milagres vieram juntos.

Milagre no Seringal

Atualmente o pastor José Veras Fontinele pastoreia a igreja Assembleia de Deus na cidade de Piripiri (PI). Ele é um dos poucos herdeiros ainda vivo desse pentecostalismo clássico. Seus cabelos brancos, voz rouca e pele enrugada são sinais físicos de longos anos de dedicação ao ministério pastoral. Na casa dos oitenta anos, o pastor Fontinele, como é conhecido entre os amigos, é um homem que demonstra muita lucidez.

Conheci o pastor Fontinele há mais de vinte anos e desde então aprendi a admirá-lo e respeitá-lo como um dos líderes mais honrados de nosso estado. Homem de caráter e reputação ilibada que sempre

procurou viver sem mascaramentos o evangelho de Jesus. Suas poucas palavras, porém carregadas de sabedoria, fizeram com que os seus pares sempre parassem para ouvi-lo.

Pois bem, a história desse pioneiro do pentecostalismo piauiense é marcada por uma série de fatos miraculosos, mas um deles me chamou a atenção – a cura de uma doença incurável que ele havia contraído ainda na sua mocidade. A história me foi passada por um amigo e desde então eu aguardava uma ocasião própria para ouvi-la da sua própria boca.

Certa vez nos encontrávamos em um conclave de pastores em uma das cidades piauienses do sul do estado. Ao vê-lo e cumprimentá-lo expus o meu desejo de ouvir a história que terceiros me haviam repassado. Sem demonstrar enfado ou cansaço, nem tampouco se sentir incomodado, ele narrou o que se segue.

Contou-me que ainda muito jovem e ainda não convertido ao evangelho, adoeceu e quando um médico foi consultado, o diagnóstico não poderia ser mais devastador – ele havia contraído tuberculose. Nessa época, próximo dos anos cinquenta, observou ele, era constrangedor possuir um "tuberculoso" na família. Mesmo sendo bem jovem, mas não querendo ser um embaraço para a família, ele resolveu então secretamente sair de casa e migrar para a região Norte do país. O estado escolhido foi o Acre, onde iria tentar trabalhar no seringal.

Chegando ao seringal foi morar em uma vila onde a principal cultura era o extrativismo da borracha. Ali chegando, a doença começou a dar sinais mais fortes de sua presença, sendo que alguns sintomas, dentre eles a tosse passou a se manifestar de forma mais aguda. A comunidade ficou ciente da sua doença. Foi então que certa vez, quando ele se encontrava em um comércio local que uma senhora o interpelou: "Fontinele, porque você não faz um voto com Jesus para que ele o cure dessa doença?" E completando, disse: "Quando Ele te curar, então você o recebe como Salvador de sua vida."

O pastor me informou na sequência que aquela mulher fazia parte de uma igreja evangélica pentecostal do povoado e que os pentecostais tinham por hábito fazerem três cultos domésticos em suas residências. Foi para participar de uma dessas reuniões que ele fora convidado por aquela simpática senhora. Quando recebeu o convite, o pastor se limitou a pensar com incredulidade como poderia uns pecadores daqueles curarem alguém. Mas não tendo nada a perder, aceitou o convite.

Chegando à residência para onde fora convidado e adentrando no recinto, encontrou algumas pessoas de joelhos e orando em alta voz. A

sua presença logo foi percebida pela dona da casa, a mesma que o havia convidado. Interrompendo a reunião, ela informou a razão da presença daquele jovem à reunião deles. Disse também que Fontinele havia se comprometido que tão logo ficasse bom, serviria ao Senhor Jesus. Demonstrando muita ousadia, confiança e fé, aquela senhora perguntou quantos dos presentes acreditavam que Jesus iria curar o jovem! Todos responderam em uníssono que criam na sua cura.

"Quando aquela mulher orou por mim", contou-me o veterano pastor, "vi línguas de fogo saindo de sua boca". Foi então que ele passou a perceber a presença de um ser angélico vestido de branco aproximar-se dele. Aquele varão trazia na mão um vasilhame cheio de azeite quente. Ao tocar-lhe, o ser de branco fez com que ele ficasse reclinado a fim de que o azeite pudesse ser despejado em sua boca. Ao abrir a boca, Fontinele sentiu o azeite descendo pela sua garganta e à medida que o óleo quente entrava em seu interior ele começou a transpirar por todos os poros!

Quando aquela senhora terminou a oração, ele se sentiu totalmente curado! Com os olhos marejando em lágrimas, o pastor Fontinele contou-me que no dia seguinte todos os sintomas da doença haviam desaparecido. Meio século já se passou desde aquela cura milagrosa e ele continua ainda curado!

Jesus e o Poder sobre as Doenças e a Morte

No Evangelho de Lucas encontramos vários relatos de curas milagrosas e de pessoas sendo ressuscitadas. Não há por parte do evangelista a preocupação de provar que milagres existem. As fontes as quais ele pesquisou e as pessoas as quais consultou detalharam o que ouviram e viram Jesus fazer. Jesus não curava e ressuscitava as pessoas de entre os mortos para provar alguma coisa. Antes ele as curava por ser o filho de Deus.

Missão Messiânica

Lucas parte do princípio de que Jesus é o Messias prometido nas Sagradas Escrituras e que Ele havia sido capacitado pelo Espírito Santo para realizar as obras de Deus (Lc 4.16-18; Is 61.1,2). Mais uma vez a teologia carismática de Lucas fica em destaque. Na cura do paralítico de Cafarnaum, Lucas destaca que "o poder do Senhor estava com ele para curar" (Lc 5.17). O poder do Senhor é um sinônimo para a un-

ção do Espírito Santo (At 10.38). Por outro lado, na ressurreição do filho da viúva de Naim, Lucas observa que o povo exclamou: "Grande profeta se levantou entre nós; e: Deus visitou o seu povo" (Lc 7.16). Não há dúvida de que esse grande profeta é uma referência messiânica encontrada em Deuteronômio: "Suscitar-lhe-ei um profeta do meio de seus irmãos, semelhante a ti, em cuja boca porei as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar" (Dt 18.15-19).

As curas e milagres de ressurreição de mortos efetuados por Jesus, portanto, faziam parte da sua revelação messiânica e a demonstração da compaixão e do amor de Deus. "E aconteceu, pouco depois, ir ele à cidade chamada Naim, e com ele iam muitos dos seus discípulos e uma grande multidão. E, quando chegou perto da porta da cidade, eis que levavam um defunto, filho único de sua mãe, que era viúva; e com ela ia uma grande multidão da cidade. E, vendo-a, o Senhor moveu-se de íntima compaixão por ela e disse-lhe: Não chores. E, chegando-se, tocou o esquife (e os que o levavam pararam) e disse: Jovem, eu te digo: Levanta-te. E o defunto assentou-se e começou a falar. E entregou-o à sua mãe. E de todos se apoderou o temor, e glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta se levantou entre nós, e Deus visitou o seu povo" (Lc 7.11-16).

A Manifestação do Reino de Deus

Os milagres de Jesus na perspectiva lucana devem ser também entendidos como a manifestação da vinda do reino de Deus. Em Lucas, a expressão "Reino de Deus" deve ser entendida como sendo o domínio de Deus (Lc 17.20,21). Ao curar os enfermos e ressuscitar os mortos, Jesus demonstrava que o Reino de Deus havia chegado: "Também os enviou a pregar o reino de Deus e curar os enfermos" (Lc 9.2); "Falava-lhes a respeito do reino de Deus e socorria os que tinham necessidade de cura" (Lc 9.11). No Evangelho de Mateus essa mensagem acerca do reino de Deus, além da cura dos enfermos envolve também a ressurreição dos mortos (Mt 10.8).

É uma verdade bíblica que as doenças e a morte existem por causa da entrada do pecado no mundo. Isso não significa dizer que toda e qualquer doença fosse resultante de um pecado pessoal. Os evangelhos mostram que haviam doenças que poderiam advir como consequência de um pecado pessoal, como no caso da cura do paralítico no tanque de Betesda (Jo 5.14, veja também 1 Co 11.27-31). Mas nem todas as enfermidades e doenças estavam necessariamente associadas a algum tipo de pecado ou

punição pessoal (Jo 9.1-3). No caso do cego do capítulo nove do Evangelho de João, Jesus afirmou que nem o doente nem seus pais haviam pecado para que ele nascesse cego! Em outras palavras, a lei de causa e efeito do pecado e suas consequências não pode ser aplicada aqui para explicar a razão da cegueira daquele homem. O certo é que a sua cegueira existia, não como consequência de um pecado pessoal, mas em razão da queda! O relato da cura do paralítico de Cafarnaum é emblemático no evangelho de Lucas (Lc 5.17-26).

"E aconteceu que, em um daqueles dias, estava ensinando, e estavam ali assentados fariseus e doutores da lei que tinham vindo de todas as aldeias da Galileia, e da Judeia, e de Jerusalém. E a virtude do Senhor estava com ele para curar. E eis que uns homens transportaram numa cama um homem que estava paralítico e procuravam fazê-lo entrar e pô-lo diante dele. E, não achando por onde o pudessem levar, por causa da multidão, subiram ao telhado e, por entre as telhas, o baixaram com a cama até ao meio, diante de Jesus. E, vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralítico: Homem, os teus pecados te são perdoados. E os escribas e os fariseus começaram a arrazoar, dizendo: Quem é este que diz blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, senão Deus? Jesus, porém, conhecendo os seus pensamentos, respondeu e disse-lhes: Que arrazoais em vosso coração? Qual é mais fácil? Dizer: Os teus pecados te são perdoados, ou dizer: Levanta-te e anda? Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra poder de perdoar pecados (disse ao paralítico), eu te digo: Levanta-te, toma a tua cama e vai para tua casa. E, levantando-se logo diante deles e tomando a cama em que estava deitado, foi para sua casa glorificando a Deus. E todos ficaram maravilhados, e glorificaram a Deus, e ficaram cheios de temor, dizendo: Hoje, vimos prodígios" (Lc 5.17-26).

Antes de tratar do problema físico do paralítico, Jesus primeiramente tratou da sua alma. O texto não nos permite deduzir que esse homem encontrava-se assim em razão de algum pecado pessoal. Mas por outro lado, o contexto não deixa dúvidas de que aquele pobre moribundo, além da doença física também carregava consigo a culpa. De outra forma não teria sentido as palavras que Jesus dirigiu a ele: "Os teus pecados te são perdoados" (Lc 5.23). O seu estado demonstrava que a sua necessidade imediata era de cura e não de perdão, mas o Senhor não o viu assim. Antes resolveu o problema da culpa, dando-lhe uma palavra de perdão e somente depois cuidou também de curar o seu corpo: "Levanta-te, toma a tua cama e vai para tua casa" (Lc 5.23).

A Cura e a Expiação

Esses milagres efetuados por Jesus durante o seu ministério público estavam, sem dúvida alguma, associados à sua missão vicária. Dizendo isso de uma outra forma, o testemunho dos Evangelhos é que Jesus levou sobre si as nossas doenças e enfermidades. Isso significa dizer que a cura faz parte da expiação (Mt 8.16-17). "E, chegada à tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados, e ele, com a sua palavra, expulsou deles os espíritos e curou todos os que estavam enfermos, para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías, que diz: Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças" (Mt 8.16,17).[9]

Ao afirmar que a cura faz parte da expiação, não significa dizer que todos serão curados. Da mesma forma, nem todos vão ser salvos embora a salvação também faça parte da expiação. A santidade do crente também foi conquistada na cruz. Ela, portanto, faz parte da expiação, embora nem todos vivam santamente. É paradoxal, mas é bíblico. A doutrina da expiação de Cristo nos dá uma base segura para crermos na salvação da nossa alma e na cura de nosso corpo. Todas as bênçãos de Deus para nós, providas por Cristo, foram possíveis através de seu sacrifício vicário. Não há bênção fora da expiação!

NOTAS

[1] BULTMANN, Rudolf. *New Testament and Mythology.*

[2] SPONG, John Sheley. *Um Novo Cristianismo Para Um Novo Mundo – a fé além dos dogmas.* Verus Editora.

[3] Escolástica ou escolasticismo (do latim *scholasticus, e este por sua vez do grego* σχολαστικός *[que pertence à escola, instruído])* foi o método de pensamento crítico dominante no ensino nas universidades medievais europeias de cerca de 1100 a 1500. Não tanto uma filosofia ou uma teologia, como um método de aprendizagem, a escolástica nasceu nas escolas monásticas cristãs, de modo a conciliar a fé cristã com um sistema de pensamento racional, especialmente o da filosofia grega. Colocava uma forte ênfase na dialética para ampliar o conhecimento por

inferência e resolver contradições. A obra-prima de Tomás de Aquino, Summa Theologica, é frequentemente vista como exemplo maior da escolástica *(Wikipedia).*

[4] Como já disse em outro capítulo, os livros de Meier são uma excelente fonte de pesquisa histórica sobre como era a vida das primeiras comunidades do mediterrâneo do século I. Todavia Meier demonstra não ter conseguido superar de todo o criticismo bíblico do Iluminismo alemão quando põe em xeque narrativas bíblicas. Meier, por exemplo, acredita que algumas narrativas dos Evangelhos sejam interpolações feitas posteriormente e que algumas palavras atribuídas a Jesus pelos evangelistas não foram de fato ditas por ele. Ele também segue o mito que faz separação entre o "Jesus Histórico" e o "Jesus da Fé". Além disso, Meier atribui atualmente a Maria, mãe de Jesus, a realização de vários milagres dentro do catolicismo. A Bíblia, ao contrário, só conhece um Jesus, aquele registrado nos Evangelhos, que é o Filho do Deus bendito e que é o único mediador entre Deus e os homens.

[5] MEIER, John P. *Um Judeu Marginal – Repensando o Jesus Histórico, volume dois, livro três - milagres.* Imago Editora.

[6] MEIER, John P. *Um Judeu Marginal – repensando o Jesus histórico. Op. Cit. Pp17,18.*

[7] *Idem.*

[8] Voltaire, por exemplo, via Deus como o supremo artífice, que havia construído o universo físico como uma máquina. Ele cria que Deus após dotar o universo de leis imutáveis para assegurar a sua harmonia, ele o deixou funcionando de acordo com essas leis. A ocorrência de um milagre seria um contrassenso porque faria com que Deus quebrasse essa harmonia.

[9] Para um comentário mais aprofundado sobre a cura na expiação, veja o livro de minha autoria *Defendendo o Verdadeiro Evangelho* (CPAD, 2009).

Capítulo 8

Poder sobre a Natureza e os Demônios

"E navegaram para a terra dos gadarenos, que está defronte da Galileia. E, quando desceu para terra, saiu-lhe ao encontro, vindo da cidade, um homem que, desde muito tempo, estava possesso de demônios e não andava vestido nem habitava em qualquer casa, mas nos sepulcros. E, quando viu a Jesus, prostrou-se diante dele, exclamando e dizendo com alta voz: Que tenho eu contigo Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Peço-te que não me atormentes. Porque tinha ordenado ao espírito imundo que saísse daquele homem; pois já havia muito tempo que o arrebatava.

E guardavam-no preso com grilhões e cadeias; mas, quebrando as prisões, era impelido pelo demônio para os desertos. E perguntou-lhe Jesus, dizendo: Qual é o teu nome? E ele disse: Legião; porque tinham entrado nele muitos demônios. E rogavam-lhe que os não mandasse para o abismo. E andava pastando ali no monte uma manada de muitos porcos; e rogaram-lhe que lhes concedesse entrar neles; e concedeu-lho. E, tendo saído os demônios do homem, entraram nos porcos, e a manada precipitou-se de um despenhadeiro no lago e afogou-se. E aqueles que os guardavam, vendo o que acontecera, fugiram e foram anunciá-lo na cidade e nos campos. E saíram a ver o que tinha acontecido e vieram ter com Jesus. Acharam, então, o homem de quem haviam saído os demônios, vestido e em seu juízo, assentado aos pés de Jesus; e temeram. E os que tinham visto contaram-lhes também como fora salvo aquele endemoninhado. E toda a multidão da terra dos gadarenos ao redor lhe rogou que se retirasse deles, porque estavam possuídos de grande temor. E, entrando ele no barco, voltou. E aquele homem de quem haviam saído os demônios rogou-lhe que o deixasse estar com ele; mas Jesus o despediu, dizendo: Torna para tua casa e conta quão

grandes coisas te fez Deus. E ele foi apregoando por toda a cidade quão grandes coisas Jesus lhe tinha feito"(Lc 8.26-39).

Na Terra do Gadareno

Em outubro de 2013 comandei uma caravana para Israel. No roteiro da viagem estava incluso um *tour* pela Jordânia, país que faz fronteira com Israel. Na Jordânia, conhecemos o monte Nebo, local onde Moisés contemplou a Terra Prometida antes da sua morte (Dt 34.5); passamos pelo Vau de Jaboque, local onde Jacó lutou com o anjo de Deus (Gn 32.28); conhecemos o local apontado pela arqueologia onde Jesus de fato fora batizado e também conhecemos Gerasa, também denominada de Gadara (Mt 8.28), local onde Jesus libertou o endemoninhado.

Ali chegando, pude logo perceber porque os evangelistas usam de forma intercambiável os termos "Gadara" e "Gerasa" para se referirem ao local onde se deu a libertação do endemoninhado. Na verdade, Gadara e Gerasa faziam parte de um complexo de cidades conhecidas como "Decápolis", isto é, um conjunto de dez cidades. Foi ali na região da *Decápolis* que fiquei espantado com as maravilhas da arquitetura romana, presente por toda parte, principalmente em Gerasa onde as ruínas da cidade continuam testemunhando todo o esplendor do que fora o Império Romano. Ali vi o arco de Adriano, feito em homenagem a esse imperador romano.

Atravessando o Mar

Os meus olhos se enchiam com todas aquelas belezas arquitetônicas, mas a minha mente procurava fazer a reconstituição da passagem que Jesus tivera por Gerasa. "Meu Deus!" pensei eu, "o Senhor cruzou o Mar da Galileia, enfrentou uma tempestade sem precedentes simplesmente para ir atrás de um homem endemoninhado. Um moribundo, um homem considerado louco pela sociedade." Mas era exatamente isso o que o texto mostra. De fato Lucas registra:

"E aconteceu que, num daqueles dias, entrou num barco com seus discípulos e disse-lhes: Passemos para a outra banda do lago. E partiram. E, navegando eles, adormeceu; e sobreveio uma tempestade de vento no lago, e o barco enchia-se de água, estando eles em perigo. E, chegando-se a ele, o despertaram, dizendo: Mestre, Mestre, estamos

perecendo. E ele, levantando-se, repreendeu o vento e a fúria da água; e cessaram, e fez-se bonança. E disse-lhes: Onde está a vossa fé? E eles, temendo, maravilharam-se, dizendo uns aos outros: Quem é este, que até aos ventos e à água manda, e lhe obedecem? *E navegaram para a terra dos gadarenos*, que está defronte da Galileia" (Lc 9.22-26).

Quando o Senhor se dirigia para confrontar as forças do mal em Gadara, as forças da natureza se levantaram contra ele: "E sobreveio uma tempestade de vento no lago, e o barco enchia-se de água, estando eles em perigo" (Lc 9.23). É interessante que Lucas usa o vocábulo grego *epitimao* (repreender) em relação às forças da natureza da mesma forma que o usa em relação à libertação dos demônios e da cura da sogra de Pedro (Lc 4.35; 4.39). Era como se a natureza, como uma força viva, se levantasse contra Jesus e seus discípulos naquele momento. A natureza, portanto, era uma força a ser detida. Isso não significa dizer que forças impessoais ganham pessoalidade nem tampouco que seres inanimados ganham vida. O fato é que a entrada do pecado no mundo trouxe desequilíbrio e desarmonia ao universo e a natureza também está inclusa (Rm 8.19-22).

Tendo repreendido o vento e a fúria das águas, Jesus chegou a Gadara, seu destino final.

Fazendo o Caminho de Volta

Pois bem, quando ainda me encontrava em Gadara, fiquei a meditar na passagem de Lucas 8.26-39. O final da narrativa desse grande milagre de libertação, diz: "E aquele homem de quem haviam saído os demônios rogou-lhe que o deixasse estar com ele; mas Jesus o despediu, dizendo: Torna para tua casa e conta quão grandes coisas te fez Deus. E ele foi apregoando por toda a cidade quão grandes coisas Jesus lhe tinha feito" (Lc 8.38,39).

O gadareno, agora liberto, queria acompanhar Jesus, mas a orientação do Senhor foi que ele voltasse para a sua terra e anunciasse tudo o que Deus tinha feito com ele. De fato, os Evangelhos registram que ele se tornou o primeiro evangelista na região da Decápolis (Mc 5.20).

Esse texto mostra de forma enfática o poder de Jesus sobre todos os demônios. Todavia revela também como fica o estado daqueles a quem Satanás escraviza.

Em primeiro lugar, o Diabo põe as pessoas na zona de exclusão. "E navegaram para a terra dos gadarenos, que está defronte da Galileia" (Lc 8.26). A frase "defronte da Galileia" é traduzida na Almeida Revista e Atualizada como "fronteira da Galileia". A palavra grega *antiperan,* traduzida como *oposto, na margem oposta, do outro lado,* mantém essa ideia de região fronteiriça. As regiões fronteiriças são distantes de tudo. Em relação ao estado ou nação da qual fazem parte, se tornam uma verdadeira zona de exclusão. O gadareno vivia na fronteira, uma terra de ninguém. Não tenho dúvidas de que o Senhor foi para Gadara com o objetivo único de procurar aquele homem, libertá-lo e fazer com que ele saísse da zona de exclusão.

Em segundo lugar, o Diabo rouba a identidade do homem. O texto diz: "desde muito tempo, estava possesso de demônios" (Lc 8.27) e "como fora salvo o endemoninhado" (Lc 8.36). Em Lucas 8.27 o gadareno aparece como "tendo" (*gr. echo)* demônios e em Lc 8.36, como quem se encontra "possuído" (*gr. daimonizomai)* por demônios.[1] O renomado léxico da língua grega de Walter Bauer traduz *daimonizomai* como "ser possuído por demônios".[2] Em outras palavras, o gadareno encontrava-se totalmente dominado por demônios. Ele não era mais ele, havia perdido por completo a sua identidade. Havia deixado de ser gente para se tornar uma coisa. Todos o evitavam porque ele não era aquela pessoa que haviam conhecido. Jesus o liberta e faz com que ele volte a ser gente como os demais (Lc 8.35).

Em terceiro lugar, o Diabo tira todos os valores. "e não andava vestido" (Lc 8.27). A palavra grega *endidysko* tem o sentido de *vestir, vestir-se, cobrir-se, estar vestido em.* Usada com a negativa "não" mantém o sentido de "estar descoberto". É uma forma de dizer que ele andava sem roupa. Somente alguém que perde a noção de valores éticos-morais consegue andar nu. Mas é isso que o Diabo faz – deixar as pessoas totalmente nuas e despidas de tudo aquilo que as valoriza. Quando Jesus libertou o gadareno, as pessoas o viram "vestido" novamente (Lc 8.35). A missão do Diabo é despir as pessoas, enquanto o Senhor Jesus veste-as e reveste-as com sua graça.

O pastor Jack Haiford, pastor de uma igreja pentecostal na Califórnia, Estados Unidos da América, conta que certa vez uma jovem o procurou para ser aconselhada. Quando a jovem começou a contar a sua história, o pastor Haiford disse que precisou interrompê-la. O Espírito Santo lhe revelara que a jovem não estava contando-lhe o verdadeiro

motivo de o ter procurado. O pastor informou-lhe que o Senhor o havia instruído a dizer uma frase para ela, e que para ele parecia sem sentido, mas que o Senhor dissera-lhe que faria todo o sentido para ela. A jovem então quis saber que frase era. O pastor repetiu a frase que ouvira do Senhor: "Jamais permitirei que alguém veja a sua nudez". Essas palavras tiveram um efeito bombástico naquela jovem. Ela começou a chorar convulsivamente. Depois de se refazer, confidenciou para o pastor. Antes de se converter ela era uma prostituta e quando entregou a sua vida ao Senhor tudo estava indo bem, mas havia seis meses que um pensamento obsessivo parecia querer-lhe dominar a sua mente: "Você vai andar nua novamente". Com aquela palavra de conhecimento liberada pelo pastor Jack Haiford a jovem foi totalmente livre.[3]

Em quarto lugar, o Diabo tira os referenciais. "nem habitava em qualquer casa, mas nos sepulcros" (Lc 8.27). Esse homem não possuía mais uma família. Havia perdido a sua referência social. Havia perdido os seus valores morais e também os sociais. O homem é um ser gregário e como tal necessita viver em sociedade. O Diabo sabe disso e por isso procurou jogar aquele pobre coitado em um total isolamento social. Estava vivo, mas vivia com os mortos. Era um morto vivo. Jesus o libertou e devolveu ao convívio familiar.

Em quinto lugar, o Diabo torna a vida do homem árida. "Era impelido pelo demônio para os desertos" (Lc 8.29). O deserto é o lugar dos extremos. Durante o dia a temperatura é escaldante e durante a noite elas despencam. Vi isso quando estive no deserto do Sinai. Durante o dia, a temperatura no monte Sinai é elevadíssima, sendo possível medir cinquenta graus na sombra. Por outro lado, as madrugadas são geladas, ficando alguns graus abaixo de zero. Devido a esses fenômenos, o deserto é um lugar árido. O Diabo fez com que o deserto fosse a casa do gadareno. A sua vida era, portanto, árida. Foi somente quando Jesus o libertou que ele voltou a viver a vida abundante. As referências que mostram Jesus confrontando o poder de Satanás são abundantes nos evangelhos. No Evangelho de Lucas esse embate ocorre nos primeiros momentos do ministério público de Jesus.

"E desceu a Cafarnaum, cidade da Galileia, e os ensinava nos sábados. E admiravam-se da sua doutrina, porque a sua palavra era com autoridade. E estava na sinagoga um homem que tinha um espírito de um demônio imundo, e este exclamou em alta voz, dizendo: Ah! Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste a destruir-nos? Bem sei

quem és: o Santo de Deus. E Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te e sai dele. E o demônio, lançando-o por terra no meio do povo, saiu dele, sem lhe fazer mal. E veio espanto sobre todos, e falavam uns e outros, dizendo: Que palavra é esta, que até aos espíritos imundos manda com autoridade e poder, e eles saem? E a sua fama divulgava-se por todos os lugares, em redor daquela comarca" (Lc 4.31-37). Como no caso dos milagres, Lucas também não tem a preocupação de provar a existência dos demônios. Isso não era necessário, pois eles estavam por toda parte. A Bíblia mostra o *modus operandi* do Diabo em vários textos. Ele resiste à oração (Dn 10.10-13); influencia a mente (Mt 16.21-23; At 5.3); corrompe a mente (2 Co 11.1-3); opõe-se à pregação do evangelho (At 13.8); procura destruir as vidas (Mc 9.22; Jo 10.10).

O registro dos Evangelhos é que havia muitas pessoas oprimidas e possuídas pelos demônios no antigo Israel. De fato a missão de Jesus, como o Messias prometido, incluía a libertação das pessoas dominadas pelo Diabo. "Chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de sábado, segundo o seu costume, na sinagoga e levantou-se para ler. E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías; e, quando abriu o livro, achou o lugar em que estava escrito: O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados do coração, a *apregoar liberdade aos cativos*, a dar vista aos cegos, a *pôr em liberdade os oprimidos*, a anunciar o ano aceitável do Senhor" (Lc 4.16-19).

Nesses confrontos uma coisa ficou logo evidente — Jesus, durante o seu ministério terreno exerceu autoridade sobre todas as castas de demônios! As pessoas viram isso e admiradas, se perguntavam que poder era aquele, pois Jesus ordenava aos demônios que eles saíssem e eles obedeciam! Até os próprios demônios estavam conscientes do poder de Jesus sobre eles: "Ah! Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para perder-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus!" (Lc 4.34).

Lucas mostra que Jesus não apenas possuía autoridade sobre os demônios como também delegou para seus discípulos essa autoridade. "E voltaram os setenta com alegria, dizendo: Senhor, pelo teu nome, até os demônios se nos sujeitam. E disse-lhes: Eu via Satanás, como raio, cair do céu. Eis que vos dou poder para pisar serpentes, e escorpiões, e toda a força do Inimigo, e nada vos fará dano algum" (Lc 10.17-19).

O cristão, portanto, possui autoridade sobre o reino do mal. Isso se tornou possível porque Jesus conquistou a vitória sobre Satanás na cruz do calvário: "havendo riscado a cédula que era contra nós nas

suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz. E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo" (Cl 2.14-15). Estando em Cristo, o crente agora encontra-se em posição de domínio sobre o poder das trevas: "Que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos e pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro. E sujeitou todas as coisas a seus pés e, sobre todas as coisas, o constituiu como cabeça da igreja" (Ef 1.20-22). "Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou juntamente com ele, e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus" (Ef 2.4-6).

A Peneira do Diabo

Se o cristão tem autoridade sobre o Diabo, como de fato tem, então porque Satanás leva vantagens sobre muitos deles? Primeiramente porque lhe dão lugar (Ef 4.27); não são totalmente convertidos (Lc 22.31) e também possuem uma mente mundana (1 Co 10.21). Algo parecido com o que vivenciou Simão Pedro: "Disse também o Senhor: Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo. Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos. E ele lhe disse: Senhor, estou pronto a ir contigo até à prisão e à morte. Mas ele disse: Digo-te, Pedro, que não cantará hoje o galo antes que três vezes negues que me conheces" (Lc 22.31-34). Pelo menos seis coisas podemos deduzir do comportamento de Pedro revelados nesse texto.

1. **Pedro demonstrou presunção** – "estou pronto para morrer". Isso não passava de presunção, pois quando foi confrontado por ser discípulo de Jesus, ele negou temendo a morte.

2. **Pedro possuía "brechas"** – "Satanás vos reclamou". O Diabo viu áreas no comportamento de Pedro que revelavam que ele não parecia ser aquela pessoa que demonstrava. Ele queria tirar isso a limpo. Não há dúvidas de que havia área na vida de Simão que o Diabo conhecia como sendo vulneráveis.

3. **Pedro possuía vida devocional pobre** – "Roguei por ti" – O Senhor orou por Pedro. O que o texto parece mostrar é que Pedro não vivia uma vida devocional profunda. Quando Jesus orava no Getsêmani, ele logo adormeceu na oração.

4. **Pedro também não demonstrou ser totalmente convertido** – "Quando te converteres". O Senhor não iria dizer essas palavras se Pedro fosse um homem convertido por completo. Eu não sei precisar o que era essa falta de conversão, mas que ele não era ainda convertido por completo, não era.

5. **Pedro demonstrou egoísmo** – "fortalece aos teus irmãos". Pedro sempre aparece como sendo o primeiro em tudo. Era hora do Senhor lembrar que ele precisava pensar em seus companheiros.

Crentes Possessos?

Lucas nada diz sobre a possessão de demônios em cristãos nem em seu evangelho nem tampouco em Atos. Todavia alguns escritores vão além e defendem a possibilidade de um crente ficar possuído pelo Diabo. Eu não compartilho dessa ideia. Estou convencido de que nenhum ensino tem demonstrado ser tão nocivo à Igreja de Jesus Cristo, quanto esse que afirma que o cristão pode ser possuído por demônios. Nos anos 90, esse ensino se tornou como uma praga e era só no que se falava nos meios evangélicos. Em um manual de libertação de autoria do neozelandês Bill Subritzky encontramos a pergunta: "pode um cristão ter demônios? O mesmo autor responde sem rodeios: "a resposta é enfaticamente sim!"[4]

O problema com esta afirmação está no fato da mesma não ser baseada na Bíblia Sagrada, mas na experiência do autor. Tentando fundamentar a sua resposta, ele diz: "Estou ciente do muito que se tem ensinado a respeito de os cristãos não poderem ter demônios. Contudo, através de minha experiência no ministério há quatorze anos, constatei que tal opinião é totalmente incorreta."[5]

Partindo desse princípio a posteriori (fundamentado em sua experiência), Subritzky faz uma exegese falaciosa sobre a "possessão demoníaca" no cristão: "Em primeiro lugar", escreve ele, "precisamos compreender que alguém pode ter um demônio sem estar possuído por ele. A versão King James (Bíblia em Inglês) traduz incorretamente a palavra

'endemoninhado' como 'possuído'. Isso dá as pessoas a impressão de que se um espírito as ataca, ou se apenas possuem um espírito estão consequentemente possuídas por demônios. Não há nada na tradução grega que revele a palavra 'possuído'. Estudiosos insistem no fato de que esta palavra tem amedrontado muitas pessoas, por pensarem que, se possuem um demônio estão 'possuídas'".[6]

Como já escrevi em outro lugar, essa crença que dá amplos poderes aos demônios sobre os cristãos é falsa pelo menos por cinco razões:

1. É a "posteriori", isto é, baseia-se na experiência e não na Bíblia.
2. É fruto de uma teologia errada sobre a segurança do crente.
3. É fundamentado numa concepção equivocada sobre a tricotomia humana.
4. É falho em definir o que seja um "cristão" segundo o modelo do Novo Testamento.
5. É fundamentado na má compreensão da terminologia usada no Novo Testamento para a possessão demoníaca.[7]

Não podemos negar o valor que a experiência tem para nós, cristãos. A vida cristã é experimental. Todavia uma experiência cristã alicerça seus princípios na Palavra de Deus – a Bíblia Sagrada. Uma experiência divorciada das Escrituras não tem valor para a fé genuinamente evangélica. Aqueles que defendem a possessão demoníaca em cristãos não conseguem enquadrar essa experiência no modelo dado no Novo Testamento. A interpretação dada à palavra grega *daimonizomai*, com o sentido de "ter" demônios sem contudo estar possuído por ele, é falha e não conta com o apoio do Novo Testamento grego.[8]

Por outro lado, quando aceitamos a Cristo como nosso Salvador, mudamos de cidadania, de propriedade e consequentemente de reino e senhor (Cl 1.13). Quando pertencemos ao reino de Deus não existe, portanto, a ideia de copropriedade ou ocupação conjunta. Não podemos ser habitados ao mesmo tempo pelo Espírito Santo e por demônios. Neste aspecto, o cristão em comunhão com Deus está guardado e não há porque temer as forças do mal (Rm 8.38,39; Lc 10.18,19; Ef 6.10-18).

NOTAS

[1] Veja uma exposição completa sobre esse texto livro de minha autoria *Por Que Caem os Valentes*, CPAD, 2006. *Ali faço uma exposição detalhada sobre a possibilidade ou não de um crente ficar possesso de demônios.*

[2] BAUER, Walter. *A Greek – English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature.* The University of Chicago Press, 1958.

[3] HAIFORD, Jack. A *Beleza da Linguagem Espiritual.* Editora Quadrangular.

[4] SUBRITZKY, Bill. *Demônios Derrotados.* ADHONEP, 1993.

[5] *Idem.*

[6] *Idem.*

[7] GONÇALVES, José. *Por Que Caem os Valentes.* CPAD, Rio de Janeiro, 2006.

[8] Os principais léxicos gregos como os de Bauer, Thayer, Bullinger e outros traduzem *daimonizomai como "possuído por demônios".*

Capítulo 9

As Limitações dos Discípulos

Tropa de Elite

Por ocasião da morte de Osama Bin Laden em 2011, o mais temido terrorista do mundo islâmico, a revista Época trouxe uma extensa matéria sobre o assunto. Foi dado amplo destaque ao comando militar norte-americano denominado de SEALs como sendo o responsável por essa proeza. De acordo com o jornal inglês *The Telegraph*, a eliminação do terrorista número 1 "foi uma intervenção cirúrgica, levada a cabo por um pequeno grupo treinado para evitar efeitos colaterais".

O grupo, denominado de *SEAL TEAM 6* da Marinha americana, é formado a partir de uma rigorosa seleção e é considerado como o mais bem treinado do mundo. Os seus componentes buscam a perfeição em seus treinamentos a fim de evitar cometerem erros quando são enviados em alguma missão.

De acordo com a revista Época:

> Os *SEALs* são super-soldados, treinados por dois anos além do normal para fuzileiros navais e mantidos pelo governo com um orçamento de US$ 1 bilhão por ano. No treinamento, disparam 3 mil tiros por semana, mais do que os colegas de Forças Armadas disparam em um ano inteiro. O nome é uma corruptela dos atributos especiais da tropa: São capazes de realizar operações no mar ("sea", em inglês), no ar ("air") e na terra ("land"). Estima-se que existam hoje 2,5 mil soldados *SEAL* em atividade.
>
> O *SEAL Team 6* é um grupo dentro dos *SEALs* escolhido pela Marinha para realizar as missões mais difíceis, normalmente em parceria com a *CIA*, a agência de inteligência do governo

americano. Oficialmente, o grupo sequer existe. Um dos antigos membros do *Team 6*, o atirador de elite Howard Wasdin, escreveu um livro sobre seus tempos de combatente, a ser lançado na semana que vem. A primeira frase do livro explica em poucas palavras a importância da tropa: "Quando a Marinha americana precisa de seus melhores homens, envia os *SEALs*. Quando os *SEALs* precisam de seus melhores homens, enviam o *SEAL Team 6*", escreveu Wasdin.

*HELL WEEK*nos últimos cinco dias de treinamento, conhecidos como "Semana Infernal", os postulantes a *SEAL* passam por uma simulação de guerra, com exercícios físicos extenuantes, tiros e explosões. O treinamento dessa equipe é semelhante à formação das principais tropas de elite no mundo. O exemplo brasileiro mais próximo é o do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Rio, o Bope, consagrado no filme *Tropa de Elite*. A diferença é que o regime imposto aos soldados *SEAL* é muito mais longo e extenuante. Segundo o site da revista americana *Newsweek*, os últimos cinco dias de treinamento são conhecidos como "*Hell Week*" ("Semana Infernal", em tradução livre), com simulação de um ambiente de guerra. Os soldados são submetidos a rigorosos testes físicos em meio a tiros e explosões. Assim como acontece no treinamento do Bope, no Rio, quem não resiste à provação pode tocar uma sineta e desistir. Ainda segundo a *Newsweek*, dois em cada três soldados "pedem para sair".[1]

Quando o presidente Barak Obama anunciou a morte de Bin Laden, a mídia imediatamente posicionou suas lentes rumo a esse supercomando. Seus soldados foram ovacionados como heróis nacionais, tornaram-se motivo de orgulho da nação e admiração no mundo inteiro. Que exército não gostaria de ter em suas fileiras homens desse nível?

A Lógica do Reino de Deus

É bastante conhecida a filosofia que afirma que somente os mais aptos sobrevivem; que o mercado é seletivo, escolhendo os melhores e excluindo os piores. Essa é a lógica! Como seres racionais estamos ha-

bituados com os princípios governados pela lógica formal. Todavia, no reino de Deus as coisas nem sempre são assim. Muitas vezes essa "lógica" do reino se apresenta totalmente invertida. Por exemplo, quem não está disposto a perder também não ganha (Fp 3.7-8); quem não dá também não recebe (At 20.35); quem não perdoa também não é perdoado (Mt 6.13); quem não se humilha também não é exaltado (Lc 14.1); quem busca primeiramente as coisas secundárias não receberá as primárias (Mt 6.33); quem quiser ser o maior então deverá se tornar pequeno (Lc 22.26).

Isso pode ser visto com toda clareza no processo de "seleção" feito por Deus. Quem Ele escolhe?

"Porque os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os gregos. Mas, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens. Porque vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados. Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes. E Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são para aniquilar as que são; para que nenhuma carne se glorie perante ele. Mas vós sois dele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção; para que, como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor" (1 Co 1.22-31).

Aqui aparece uma lógica que parece não ter lógica alguma! Paulo fala que Deus escolheu não os melhores, mas escolheu as coisas loucas, fracas, humildes, desprezíveis e que não são! Deus foi até ao lixão da humanidade e dali escolheu as suas escórias. Por outro lado, a sabedoria de Deus transforma em tolo aquele que parecia sábio (vv.19-22); transforma em fraco quem achava que era forte (vv. 22-25) e deu realeza a quem não possuía nenhuma (vv. 26-29).

O expositor bíblico William Barclay destacou esse fato. Tanto os gregos, conhecidos pela sua cultura, como os judeus piedosos, tinham em conta os cristãos como néscios. Paulo faz uma citação livre do Profeta Isaías (Is 29.14 e 33.18) para mostrar que a sabedoria humana havia fracassado. Isso porque o mundo com toda a sua sabedoria não havia

chegado ao conhecimento de Deus e continua buscando e tentando alcançá-la. Essa busca, sem sucesso, foi permitida por Deus para mostrar sua própria incapacidade e preparar o caminho para Jesus, a verdadeira sabedoria.

A mensagem pregada pelos primitivos cristãos (At 2.14-39; 3.12-26; 4.8-12 e 10.36-43), que provocou escândalo entre os judeus e tornou-se loucura para os gregos, pode ser resumida como segue:

1. Consistia no anúncio da chegada do reino de Deus;
2. Era fundamentada no anúncio da morte e ressurreição de Jesus;
3. Demonstrava que o que eles pregavam era cumprimento das profecias;
4. Era de natureza escatológica, isto é, mostra que Jesus voltará outra vez;
5. Chamava as pessoas ao arrependimento, mostrando que dessa forma era recebido o dom do Espírito Santo.[2]

Barclay observa que os judeus se escandalizaram com essa mensagem por várias razões. Primeiramente os judeus não podiam aceitar que alguém que fora morto em uma cruz, instrumento de maldição para eles (Dt 21.23), fosse escolhido por Deus para ser o Messias. Ao contrário de tudo isso, os judeus estavam na expectativa de um Messias político, guerreiro que enfrentaria o Império Romano com a força das armas.

Os gregos, por outro lado, não viam qualquer sentido na mensagem dos apóstolos por outras razões. Os gregos achavam uma falta de bom senso a ideia de um Deus que se fez homem, tornando-se vulnerável como os mortais, sentindo fome e dores. Deus, na concepção deles, era incapaz de possuir os sentimentos tão comuns aos mortais. Era o que eles denominavam de *aphateia.* Para um dos seus principais filósofos, Plutarco, era um insulto a Deus envolvê-lo em assuntos humanos. Portanto, a ideia de Deus se fazendo homem, conhecida na teologia cristã como encarnação, era totalmente repulsiva para os gregos. Não é de admirar que quando o apóstolo Paulo pregou Jesus e a ressurreição em Atenas, os gregos o ridiculizaram. Eles achavam que a "ressurreição", que em grego é uma palavra feminina, seria a esposa de Jesus (At 17.32).

Homens, não Deuses!

Na cultura contemporânea traços dessa mentalidade judaica e grega ainda persistem e contaminaram setores do cristianismo institucional. Mas não são esses os princípios que apreendemos do cristianismo primitivo. Na escolha dos discípulos de Jesus não vemos o mérito sendo usado como critério de seleção. Pelo contrário, vemos a graça de Deus lidando com as imperfeições. Esses homens até mesmo falharam quando esperávamos que acertassem.

Por serem discípulos de Jesus, começamos a imaginar que esses homens eram os melhores em suas áreas. Gostaríamos que os discípulos de Jesus fossem uma espécie de *SEAL TEAM 6*. E mais, por terem aprendido aos pés do maior Mestre da história da humanidade, pensamos que os mesmos chegaram à perfeição. Mas não é isso que descobrimos quando lemos os Evangelhos. As narrativas bíblicas em vez de apresentarem heróis, mostram homens rodeados de imperfeições e limitações. Aprenderam sim com o Mestre e nunca mais foram as mesmas pessoas, mas não deixaram de ser humanos.

Às vezes se tem a ideia de que a fé cristã para ser genuinamente bíblica deve anular todas as fragilidades humanas, eliminar todos as suas limitações. Mas não é assim que a coisa acontece, nem tampouco é isso o que ensinam os Evangelhos. Deus trabalha sim com homens, mas homens imperfeitos, limitados e que constantemente estão dependendo dEle. Esse princípio é valido para todas as áreas da vida cristã. Estão presente na vida do leigo e também do clérigo. São esses princípios que nos tornam humanos ou que revelam a nossa humanidade e consequentemente a nossa carência de Deus.

Decepcionados ao Pé do Monte

Deus é soberano, age, intervém, mas atua respeitando nossas limitações. É o mesmo princípio que encontramos na vida dos discípulos de Jesus.

> "E aconteceu, no dia seguinte, que, descendo eles do monte, lhes saiu ao encontro uma grande multidão. E eis que um homem da multidão clamou, dizendo, Mestre, peço-te que olhes para meu filho, porque é o único que eu tenho. Eis que um espírito o toma, e de repente clama, e o despedaça até espumar; e só o larga depois de o ter quebrantado. E roguei aos

> teus discípulos que o expulsassem, e não puderam. E Jesus, respondendo, disse: Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei ainda convosco e vos sofrerei? Traze-me cá o teu filho. E, quando vinha chegando, o demônio o derribou e convulsionou; porém Jesus repreendeu o espírito imundo, e curou o menino, e o entregou a seu pai" (Lc 9.37-43).

A meu ver esse é um dos textos mais contundentes sobre as limitações dos discípulos de Jesus. É um texto que mostra claramente que os discípulos não eram homens perfeitos nem ilimitados. Eles foram derrotados diante de um possesso de demônio. Um desesperado pai exclama: "Roguei a teus discípulos que o expulsassem, e não puderam!" Não é que eles não tentaram! Tentaram, mas não puderam.E por que não puderam? As razões podem ser muitas. Jesus os censurou denominando-os de "geração incrédula" (Lc 9.41). Eles não apenas faziam parte de uma cultura incrédula, como também assimilaram seus valores. Foram contaminados pela cultura ao seu redor! Essa "contaminação cultural" sempre foi um perigo iminente para o povo de Deus.

Na passagem paralela do Evangelho de Marcos encontramos o texto: "Quando eles se aproximaram dos discípulos, viram numerosa multidão ao redor e que os escribas discutiam com eles" (Mc 9.14). Em vez de expelir o demônio, entraram em divagações teológicas com os escribas. Perderam o foco! Quando se perde o foco, os debates teológicos se tornam mais importantes do que a missão de libertar vidas. Por outro lado, os discípulos aprenderam a viver à sombra do seu Mestre. Acostumaram apenas a assistir Jesus expulsar os demônios e agora que tinha chegado o momento deles mesmos fazerem isso, não fizeram. Jesus também os alertou sobre a necessidade da oração em casos como esse (Mc 9. 29). Em outras palavras, não[3] basta recorrer ao uso de técnicas e fórmulas na solução de coisas espirituais. Antes, é preciso cultivar um relacionamento com Deus. Os discípulos parecem ter esquecido que o ministério de libertação dependia do Espírito Santo. O Evangelho de Mateus associa o Espírito Santo com a expulsão de demônios durante o ministério público de Jesus: "Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deu sobre vós" (Mt 12.28). Esse mesmo texto na teologia carismática de Lucas recebe a seguinte redação: "Se, porém, eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente, é chegado o reino de Deus sobre vós" (Lc 11.20).

Não creio que os discípulos tivessem que passar por esse vexame. Como vimos em outro lugar desse livro, o Senhor deu-lhes autoridade sobre as forças do mal (Lc 10.17-19; Cl 2.14,15; Ef 1.20; 2.6). Essa autoridade, portanto, não acontece fora do senhorio de Jesus nem tampouco vem de forma automática. É fruto de um relacionamento com Deus e do poder do Espírito Santo. Se os princípios do evangelho do reino são seguidos, então não tem como dar errado.

Lembro que no final dos anos 80 e início dos anos 90 eu e mais dois companheiros estávamos fazendo um trabalho evangelístico em um dos bairros da nossa cidade. Quando chegamos à determinada residência, vimos um aglomerado de pessoas naquela casa. Após pedirmos permissão, adentramos no recinto e encontramos uma jovem deitada sobre uma cama, aparentemente sem nenhum sinal de vida. Foi nos informado pelo dono da casa que ela era a rainha de um culto afro-brasileiro e que havia tomado dezessete comprimidos de uma vez na intenção de cometer suicídio. Após recebermos autorização para fazermos uma oração por aquela jovem, desloquei-me em sua direção e impondo minhas mãos sobre ela percebi que forças malignas eram responsáveis por aquela situação.

Ao confrontar as forças do mal no poderoso nome de Jesus, vi aquela moça levantar-se com grande fúria e ficar frente a frente comigo. Falando em voz cavernosa e masculina disse que ia matá-la. Eu retruquei que isso não iria acontecer mais porque eles iriam ter que sair no nome de Jesus. Dito isso a jovem caiu no chão para logo em seguida se levantar. Confessou o Senhor Jesus como Senhor e Salvador e continua servindo a Ele com a sua família até hoje.

Primazia e Exclusivismo

"Levantou-se entre eles uma discussão sobre qual deles seria o maior. Mas Jesus, sabendo o que se lhes passava no coração, tomou uma criança, colocou-a junto a si e lhes disse: Quem receber esta criança em meu nome a mim me recebe; e quem receber a mim recebe aquele que me enviou; porque aquele que entre vós for o menor de todos, esse é que é grande" (Lc 9.46-48).

Bispo de Alexandria

O escritor egípcio Michael Youssef ilustrou como esse desejo por primazia se torna uma poderosa ferramenta nas mãos do Diabo. Youssef con-

ta que no século V, um famoso homem santo costumava passar muito tempo orando no deserto, tal como fez Jesus. Assim como Cristo, esse homem santo sofria tentações. Tão santo era ele, que o Diabo enviou um pelotão inteiro de demônios com o intuito específico de fazê-lo tropeçar e pecar – em suma, fazer o que fosse necessário para que o homem de Deus caísse. Eles utilizaram todos os métodos usuais. Pensamentos lascivos para arrastar seu espírito para baixo. Fadiga, para impedi-lo de orar. Fome, para fazê-lo abandonar seus jejuns. Mas não importava o que eles tentassem, ou quão arduamente trabalhassem, seus esforços sempre eram inúteis. No fim, Satanás estava tão irritado com a incompetência de seus lacaios, que os afastou do projeto e assumiu ele mesmo a operação.

"O motivo do fracasso", ensinava ele a seus seguidores, "é que vocês usaram métodos muitos toscos com aquele homem. Ele não sucumbirá a um ataque direto. Vocês precisam ser sutis e atacá-lo de surpresa. Agora, observem o mestre em ação!"

O Diabo, então, aproximou-se do homem santo de Deus e, muito suavemente, sussurrou estas palavras em seus ouvidos: "Seu irmão foi ordenado Bispo de Alexandria".

Imediatamente, o maxilar do homem de Deus se enrijeceu. Seus olhos se apertaram. Suas narinas se dilataram. O Bispo de Alexandria! Seu irmão! Que ultraje!

Continuando, diz Yosseff, "Bem, isso é uma lenda, não uma história. Mas ela mostra um ponto importante. Observe que os demônios que tentaram o homem santo não chegaram a lugar nenhum usando os grandes pecados morais. Ele podia vê-los chegando a um quilômetro de distância, e conseguia defender-se. Então, o que fez Satanás? Usou um pecado socialmente aceitável. Ele até mesmo o adequou à fraqueza particular daquele homem. Ele sabia que o homem estava vigilante contra a tentação da carne, e que era inútil tentar emboscá-lo daquela maneira. Assim, entrou de forma sutil usando a inveja e orgulho espiritual, e o fez pensar: '*Ei, eu sou o santo da família. Por que o meu irmão está sendo ordenado Bispo de Alexandria e não eu?*'"[4]

Querer ser o primeiro, o maior, o chefe ainda continua sendo uma poderosa tentação para muitos cristãos. Quando acontece no meio da liderança então, os seus efeitos são muito mais catastróficos. Hoje estamos vivenciando uma verdadeira fragmentação da igreja evangélica no Brasil e a causa principal é a disputa pela liderança. Ninguém quer mais ser índio, todos querem virar cacique.

Um Alerta contra o Consumismo

"A seguir, dirigiu-se Jesus a seus discípulos, dizendo: Por isso, eu vos advirto: não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer, nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir.Porque a vida é mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes" (Lc 12.22,23).

Na passagem paralela de Mateus os discípulos são advertidos pelo Senhor a não assumirem o comportamento dos gentios. Os gentios aqui representam uma mentalidade mundana e consumista.

"Por isso, vos digo: não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo, mais do que a vestimenta? Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas? E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura? E, quanto ao vestuário, porque andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham, nem fiam. E eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pequena fé? Não andeis, pois, inquietos, dizendo: Que comeremos ou que beberemos ou com que nos vestiremos? (Porque todas essas coisas os gentios procuram.) Decerto, vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas essas coisas; Mas buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas. Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal" (Mt 6.25.34).

A preocupação demasiada com as coisas desta vida demonstrou a imaturidade dos discípulos que ainda não tinham conseguido adquirir uma mentalidade diferente daquela da cultura à sua volta. Jesus deixou bem claro que os "gentios procuram todas essas coisas" (Mt 6.32). Que coisas?

1. **Os gentios valorizavam mais o corpo do que a alma, mais a estética do que a ética (Mt 6.25).**
   Os gentios, especialmente os gregos, não apenas cuidavam do corpo mas o cultuavam. Havia um verdadeiro culto somático na Grécia antiga. Evidentemente que esse cuidado tinha refle-

xos na escala de valores onde o estético se sobrepunha ao ético. Não é errado cuidar do corpo nem tampouco zelar pela sua aparência, mas isso não constitui essência da existência humana. Hoje há uma preocupação demasiada com a imagem, com o que é visto e tocado. Todavia não há esse mesmo interesse naquilo que parece abstrato, como os valores da alma.

2. **Os gentios entesouravam na terra, mas não possuíam reservas no céu (Mt 6.26).**
   Jesus incentivou o investimento em valores espirituais e não a simples aquisição de coisas materiais. Mais importante do que construir grandes impérios terrenos é a aquisição de tesouros eternos.

3. **Os gentios buscavam as coisas grandes esquecendo-se das pequenas (Mt 6.28-30).**
   A busca pelas coisas grandes acaba por ofuscar a forma como se vê as pequenas. Qual o valor de um passarinho ou uma plantinha? Que lições elas podem nos ensinar? Deus está preocupado com coisas tão pequenas? A ideia que se tem é que Deus tem coisas mais importante para fazer. Todavia, nos ensinos de Cristo, as pequenas coisas são revestidas de um grande valor diante de Deus. Ele se preocupa com elas. Nós, como criaturas feitas pela sua própria mão, somos muito mais importantes.

4. **Os gentios priorizavam a obrigação, mas esqueciam a devoção (Mt 6.33).**
   A lógica prioriza a obrigação, o trabalho, a empresa, os negócios. Não há nada errado em se trabalhar, cumprir horários e buscar o resultado na produção. Isso faz parte da vida. Todavia, na vida cristã, a obrigação e a devoção são como os dois lados da mesma moeda. Na verdade, à luz do Novo Testamento, não existe um dualismo que separa o trabalho da adoração. O nosso culto deve ser racional e, portanto, envolve todas as dimensões do nosso ser. Todavia, quando o reino é sacrificado por conta de uma inversão de valores, colocando-se Deus em segundo plano, então alguma coisa está errada. O reino deve vir em primeiro lugar.

5. **Os gentios preocupavam-se muito com o futuro, mas esqueciam o presente (Mt 6.35).**
Como será o dia de amanhã? Ninguém sabe, senão Deus! Então porque se preocupar tanto com o amanhã? Os gentios não apenas se preocupam com o dia de amanhã ou fazem projetos para isso, mas querem controlá-lo. Somente Deus conhece o futuro e tem o poder de controlá-lo.
Tudo o que escrevi tem a ver com uma cultura de consumo. O consumismo parece ser uma prática humana bem antiga, pois Jesus já advertia seus discípulos para não andarem preocupados com o dia de amanhã. O cuidado com a aparência e o estômago tem sido uma das principais preocupações da sociedade pós-moderna. Zygmunt Bauman observou acertadamente que "em uma sociedade de consumidores é muito difícil ser sujeito (gente) sem primeiro virar mercadoria". É verdade! O desejo pelo bem-estar e a busca desenfreada pelo prazer é uma das principais marcas dessa geração.

NOTAS

[1] *Revista Época de 03.05.2011.* Editora Globo.

[2] BARCLAY, William. *Comentario al Nuevo Testamento, 17 tomos em 1.* Editorial CLIE, Barcelona, Espanha.

[3] Veja um exposição mais detalhada sobre esse assunto no livro de minha autoria: *Porção Dobrada.* Rio de Janeiro: CPAD.

[4] YOUSSEF Michael. *Conheça o Seu Real Inimigo.* Rio de Janeiro: CPAD.

Capítulo 10

Jesus e o Dinheiro

Até bem pouco tempo, ninguém poderia imaginar que o nome "Jesus", o carpinteiro de Nazaré, pudesse se tornar uma mercadoria valiosa. Ninguém poderia imaginar também que ele fosse transformado em uma das marcas mais rentáveis do mundo. Jesus, que já era vendido em lojas de suvenires, foi transformado com grande sucesso em mercadoria literária, podendo ser encontrado praticamente em todas as livrarias.

O comércio da autoajuda é o que mais tem crescido e que mais tem lucrado com esse comércio em torno de Jesus. Tenho em mãos alguns desses títulos: *Jesus, o homem mais sábio que já existiu; Jesus, o maior filósofo que já existiu; Jesus, o maior psicólogo que já existiu; Jesus, o maior líder que já existiu; Jesus, o mestre dos mestres; Jesus, o mestre da sensibilidade; Jesus, o mestre da vida; Jesus, o mestre do amor, Jesus, o mestre inesquecível* e *Jesus, o milionário de Nazaré.*

Quem poderia imaginar, por exemplo, que aquEle que certa feita disse não ter onde pousar a cabeça fosse transformado em o "milionário de Nazaré"? Esta é exatamente a proposta da escritora Catherine Ponder, uma das autoras de autoajuda mais lidas no mundo, quando escreveu o seu livro O *Milionário de Nazaré.*[1] As informações sobre Ponder dão de conta que ela é considerada a mais notável autora sobre prosperidade nos Estados Unidos. É informado também que a mesma escreve sobre o assunto há quase vinte anos, e tem inúmeros livros publicados, incluindo o best-seller As Leis Dinâmicas da Prosperidade. Ela também escreveu a série Os Milionários do Gêneses.

Como Ponder transformou um simples carpinteiro no milionário de Nazaré é explicado ainda na introdução do seu livro. Para ela os Evangelhos estão repletos de ouro! Jesus, portanto, não teria sido apenas um homem que fez milagres e que tinha suas orações respondidas. Pelo contrário, ele também foi um mestre que, depois de compreender

e assimilar as leis mentais e espirituais de prosperidade as usou e ensinou de uma forma nunca vista antes.

De acordo com Ponder, Jesus "parecia saber que parte de sua missão em se tornar o Salvador do mundo seria livrar a humanidade de suas crenças errôneas sobre a limitação financeira, sendo esta uma necessidade espiritual. O fato de ter ousado ensinar os princípios espirituais da verdadeira abundância foi parte de sua grandiosidade".[2] Ainda segundo ela esses princípios foram seguidos pelos primitivos cristãos a ponto de serem os primeiros crentes considerados prósperos. Se hoje essa não é mais a ideia que se tem sobre os cristãos, a culpa é da igreja medieval que impôs a mentalidade da pobreza nos cristãos. Na sua análise a *"verdade próspera é que, como filho de Deus, ser pobre é um pecado. Enriquecer e prosperar são direitos espirituais de todos".*[3]

Catherine Ponder está convencida de que "Jesus certamente não era pobre. Na verdade, ele foi um dos homens mais abastados a pisar em nosso solo, pois sua riqueza estava em seu interior e exterior. Uma mente surpreendente capaz de transformar água em vinho do mais fino sabor, de multiplicar pães e peixes quando desejava para alimentar milhares de pessoas, de ressuscitar os mortos e de curar todos os tipos de males não pode ser considerada pobre – especialmente se tais serviços de valor incalculável fossem prestados nos dias atuais! Se um homem tivesse o dom de fazer surgir dinheiro da boca de peixes para pagar suas contas, ou de fazer surgir grandes cardumes nas redes de pescadores onde antes não havia nada, seria considerado um multimilionário no cenário econômico atual".[4]

As palavras de Jesus: "Eu vim para que tenham vida, e tenham plenamente" (Jo 10.10) recebem novo sentido no entendimento de Ponder – significam que Jesus simbolizava a divindade em todos aqueles que não atingem a pobreza, pois todos os homens são também deuses e filhos do altíssimo (Sl 82.6; Jo 10.34). Ponder argumenta que "o objetivo da natureza de Cristo em Jesus era ser bem-sucedido e descansar na generosidade divina. O objetivo da natureza cristã de toda a humanidade é servir de instrumento para o sucesso e a abundância".[5]

Na análise dessa autora, essa é a principal mensagem do Antigo Testamento e também repetida no Novo Testamento, pois a Bíblia é o livro mais importante que já foi escrito sobre prosperidade. Segundo essa autora "além da salvação, os assuntos mais frequentemente encontrados nas sagradas escrituras são dinheiro, oferendas, liderança e questões financeiras. Podemos ler o termo "ouro" mais de quatrocentas

vezes nas suas páginas. Na sua análise, há entre trezentas e quatrocentas promessas na Bíblia, sendo muitas delas promessas literais de prosperidade. Possivelmente você considera Abraão, Isaque, Jacó, Moisés e Josué os maiores líderes espirituais de seu tempo, o que é verdade. Todos eles tornaram-se milionários, fato que descrevo em meus livros: Os *Milionários do Gênesis, O Milionário Moisés* e O *Milionário Josué*". [6]

A autora está convencida de que os milionários de hoje estão longe de se aproximarem dos milionários da Bíblia com seus enormes rebanhos, gigantescas terras, numerosas famílias, além da infinita quantidade de serviçais. Esses fatos fazem-na acreditar que eles viviam uma vida agradável e repleta de lazer que qualquer pessoa hoje em dia acharia difícil manter com os atuais valores.

Ponder resume então o seu pensamento como Jesus passou de carpinteiro a senhor da plenitude, isto é, o milionário de Nazaré:

1. Jesus não era pobre. Foi um dos pensadores mais prósperos que já existiu! Era um mestre no ensino da prosperidade. Tornou-se o Senhor da Plenitude.

2. A natureza de Cristo presente em Jesus simbolizava a Divindade presente em cada um de nós, e que nunca será pobre para que também possamos nos tornar Senhores da Plenitude.

3. O interesse de Jesus pela prosperidade começou em seu nascimento, prosseguiu ao longo de sua vida e foi demonstrado mesmo após sua ressurreição.

4. O ministério de Jesus começou na cidade portuária de pesca de Cafarnaum. Sendo os peixes símbolo de leis de crescimento, Cafarnaum era considerado um local de prosperidade física e metafísica.

5. Na época de Jesus, os pobres eram desprezados. A pobreza era considerada maldição ao passo que a riqueza era tida como bênção espiritual.

6. Jesus aprova a riqueza obtida honestamente. Não hesitava em usar seus mais profundos poderes para promover a prosperidade na terra.

7. Através de seus diversos ensinamentos de prosperidade, Jesus ressaltava as boas novas sobre a plenitude: que ninguém precisava esperar o futuro para colher as bênçãos da vida; que todos poderiam obtê-las naquele momento.

8. Enfatizava-se bastante a prosperidade nas Igrejas Primitivas. Apenas séculos mais tarde, e por razões políticas, foi pregada às massas a falsa crença que ser pobre significa ser devoto.

9. Jesus nasceu em Nazaré, que representa a trivialidade da mente humana, na qual a Verdade próspera aparece. Jesus, como carpinteiro, simboliza alguém que converte ideias e pensamentos em algo visível conforme a necessidade. Ao conhecermos tais métodos, poderemos vivenciar uma maior abundância e felicidade – exatamente o que o termo "milionário" significa.

10. Eis um dos primeiros segredos do milionário de Nazaré: o nome "Jesus Cristo" tem o poder de moldar a rica substância do universo em bens definidos e visíveis. Ao ser mencionado, move as forças que podem trazer resultados prósperos a nossas vidas.[7]

Qualquer leitor da autoajuda pode notar a grande semelhança existente entre os ensinamentos de Ponder e o que está escrito em O *Poder do Subconsciente* de Joseph Murphy e principalmente em O *Poder do Pensamento Positivo* de Norman Vicent Peale. De fato na biografia de Ponder, lemos que ela é ministra da Igreja não denominacional *Unity* desde 1956 e que também é tida como a versão feminina de Norman Vicent Peale. Peale é considerado uma espécie de guru da autoajuda evangélica americana. Dentre os inúmeros livros escritos por Peale, há também um dedicado a explicar os ensinamentos de Jesus: O *Poder Positivo de Jesus*. Tive contato com esse tipo de gênero literário ainda nos anos 80 quando um amigo me emprestou as obras de Joseph Murphy e Norman Vicent Peale. As mensagens desses livros são de fato fascinantes, recheadas de ilustrações e exemplos de pessoas que deram certo ou que foram até mesmo curadas de doenças incuráveis graças ao poder da mente.

Algumas perguntas são inevitáveis: Jesus era de fato um milionário que Ponder insiste em afirmar que era? Jesus incentivou as pessoas a serem ricas e terem muito dinheiro? Qual de fato foi a relação de Jesus com o dinheiro? Ele era o milionário de Nazaré ou um simples carpinteiro que como os demais camponeses de seu tempo lutaram pela sobrevivência? Não há como não contrastar o "Jesus" da autoajuda com o Jesus, o homem perfeito, apresentado nos evangelhos.

O "Jesus" rico, próspero, milionário capaz de transformar pedra em ouro não surgiu dos ensinos dos evangelhos mas dos ensinos de

Phineas Parkhurst Quimby, um adepto do mesmerismo e um dos primeiros proponentes do Novo Pensamento.

De acordo com a Enciclopédia virtual *Wikipedia*, Quimby era filósofo, hipnólogo e inventor que desenvolveu o ensino de que a doença se desenvolve na mente do homem por falsas crenças, e que a mente aberta para a sabedoria de Deus vence a doença. O princípio se baseava no ensino de que o corpo era uma casa para a mente do homem. Se havia um "inimigo" instalado no corpo, se dava por uma crença errada da mente, mesmo com o desconhecimento do portador, a mente é quem adoecia o homem. Quimby prometia entrar na casa e com o poder da mente, expulsar o intruso, corrigindo a "impressão errada" pelo restabelecimento da "verdade" na mente.[8] Quimby exerceu grande influência sobre Mary Baker, fundadora da *Ciência Cristã*.

A partir dos ensinos de Quimby, o *Novo Pensamento* se espalhou como uma febre pela América do Norte. Influenciou pensadores, filósofos, denominações religiosas e pastores como E. W. Kenyon. Foi através de Kenyon, um pastor da Igreja Batista Nova Aliança, que essa crença teve penetração no arraial protestante. Kenyon é considerado pelos apologistas como o pai da Teologia da Prosperidade e teve enorme influência sobre pastores como Dom Gosset e Kenneth Hagin. Por outro lado, foi através de Hagin que a teologia da prosperidade se propagou no meio pentecostal americano e brasileiro.[9]

Quando vemos, por exemplo, um culto neopentecostal sobre prosperidade financeira e aquilo que ensina O *Novo Pensamento*, não há como não se perceber as semelhanças existentes. Quando um pregador neopentecostal, por exemplo, fala, a voz tem sotaque cristão, mas as palavras são na verdade da *Ciência Cristã*. Dizendo isso de uma outra forma, o "Jesus" pregado por esses ministros religiosos não é aquEle apresentado no Novo Testamento, mas o que teve origem nas filosofias humanistas. A propósito, o sociólogo Ricardo Mariano em seu livro *Neopentecostais – sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, observa que: "A Teologia da Prosperidade, até pelo nome, parece ser o exemplo perfeito da afinidade entre pentecostalismo e sucesso econômico. Mas nada está mais distante do puritanismo calvinista, exemplo-mor desta afinidade, do que a Teologia da Prosperidade. Nas seções ascéticas do protestantismo, a riqueza, quando adquirida no trabalho cotidiano, metódico e racional, constituía, segundo Weber (1991:356), um dos sintomas de comprovação do estado de graça do indivíduo, ou de sua

eleição à vida eterna. A riqueza obtida, porém, era consequência não intencional, não revista, da severa disciplina religiosa do eleito. Disciplina que se manifestava em sua extrema dedicação ao trabalho, que via como vocação divinamente inspirada, e em sua conduta diária, baseada na abstinência dos prazeres e das paixões deste mundo e no desinteresse pelas coisas materiais. Na ótica weberiana, a acumulação primitiva do capital resulta, entre outros fatores, justamente da ética puritana, que interditava ao fiel qualquer modalidade de consumo supérfluo. No neopentecostalismo, o crente não procura a riqueza para comprovar seu estado de graça. Não se trata disso. Como todos os demais, crentes e incréus, ele quer enriquecer para consumir e usufruir de suas posses nesse mundo. Sua motivação consumista, notadamente mundana, foge totalmente ao espírito do protestantismo ascético, sobretudo de vertente calvinista."[10]

Esse Jesus endinheirado não foi gerado, portanto, do Deus da Bíblia, mas da mente de homens divorciados de princípios cristãos.

Lucas apresenta Jesus, o carpinteiro de Nazaré, não como um milionário, mas como alguém que dependia de donativos de terceiros para poder exercer seu ministério público (Lc 8.1-3). O Jesus bíblico, longe de estimular a aquisição de bens materiais como fonte de satisfação, exortava a se desfazer deles. "Vendei vossos bens e daí esmola; fazei para vós outros bolsas que não desgastam" (Lc 12.33).

Uma Visão Cristã e Secular sobre Bens e Posses

O cristianismo por ser uma crença de natureza escatológica não estimulava a aquisição de posses materiais. Os primitivos cristãos, incluindo os apóstolos, mantinham a expectativa de que Jesus poderia voltar ainda na sua geração. Isso fazia com que a preocupação com a propagação da mensagem do reino se tornasse sua principal fonte de motivação e não o acúmulo de bens terrestres. Acusar as gerações posteriores de cristãos de terem implantado uma mentalidade de pobreza na igreja não condiz com os fatos históricos.

Essa sedução pela riqueza que acabou contaminando a teologia cristã provém de ensinos pagãos e até mesmo de técnicas xamãs e não dos ensinos do Novo Testamento. O apologista Davi Hunt denunciou o que denominou de tentação pelo poder:

"O feiticeiro mascara sua rebelião postulando em lugar do Deus pessoal da Bíblia, diante de quem somos moralmente responsáveis e

cuja vontade temos que obedecer, uma "Força" metafísica impessoal que pode ser "cientificamente" manipulada como se explora a energia do átomo. Muitas vezes sem perceber, crentes sinceros aceitam a mesma ideia básica apresentada em terminologia psicológica e pseudocristã. A confissão positiva, bem como o pensamento positivo e o pensamento da possibilidade são exemplos adicionais. Em seu livro mais vendido, *O Poder do Pensamento Positivo, que vendeu mais de 3 milhões de cópias, Norman Vicent Peale revela o fato de que todo o seu sistema é baseado nesse mesmo alicerce. Ele declara, por exemplo:*

> "O poder da oração é uma manifestação de energia. Assim como existem técnicas científicas para a liberação da energia atômica, existem também procedimentos científicos para a liberação de energia espiritual por meio do mecanismo da oração. Demonstrações espetaculares dessa força energizante são evidentes...
> É importante perceber que você está lidando com o mais tremendo poder do mundo quando ora... Técnicas espirituais novas estão sendo constantemente descobertas... faça experiências com o poder da oração...".[11]

Hunt conclui:

> "Muitos que alegam querer conhecer a Deus frequentemente não querem conhecer o Deus verdadeiro, mas um deus cujo poder possam usar para seus próprios fins. Os próprios títulos de livros como *O Poder Criativo de Deus Trabalhará Por Você*, de Charles Capps, *e Como Conseguir o que Quiser com Deus*, de Kenneth Hagin, parecem dar um tom que se ajusta à fraqueza do homem, não importa quanto material benéfico possa existir neles. Nossa ambição egoísta nos cega para o fato de que Deus não é um "gênio da garrafa", que existe para cumprir nossos desejos sempre que o convocarmos, mas é o Criador de todas as coisas, Ele nos chama para deixarmos de lado nossa insensatez e nos submetermos à sua vontade".[12]

Ricos e Pobres

No livro de minha autoria A *Prosperidade à Luz da Bíblia*, procurei mostrar como era formado o conceito de prosperidade no antigo Israel. Esses conceitos estavam em vigor nos dias de Jesus. Eram duas as ideias

mais comuns, porém equivocadas, sobre a natureza das riquezas. A primeira delas associava a riqueza como uma dádiva de Deus a alguém merecedor, e a pobreza como uma marca do julgamento divino. Uma segunda associava a riqueza com a maldade e a pobreza com a piedade. Essa forma de pensar está presente também no mundo do Novo Testamento. Todavia as causas para a pobreza não podem ser vistas de forma tão simples assim.

O historiador William L. Coleman (1991, p. 165) mostra que um estudo criterioso sobre a pobreza no mundo bíblico deve levar em conta alguns fatores determinantes. Com acerto, ele diz:

"Eram vários os principais fatores que contribuíam para a existência de um grande número de pobres em Israel. É claro que havia muitas variáveis. Mas para entendermos bem o quadro geral, precisamos considerar alguns dos obstáculos com que eles se defrontavam.

1. **Impostos.** O sistema de impostos constituía um grande peso para muitas famílias, para os pequenos agricultores e negociantes. Durante toda a história da nação, os governos impuseram pesadas taxas ao povo em geral, com o objetivo de realizar seus projetos de construção ou cobrir os custos de suas operações militares. E foi justamente o excesso de impostos baixados pelo rei Salomão que ocasionou a divisão do reino.

2. **Desemprego.** Nas áreas rurais, a presença de escravos não afetava muito a economia, mas nas cidades sim, pois gerava forte desequilíbrio nos mercados de empregos. Como o preço dos escravos era muito baixo, os ricos chegavam a ter um servo simplesmente para conduzir o seu cavalo. Por isso o homem livre tinha que aprender um ofício, se quisesse conseguir um bom salário.

3. **A morte do chefe da família.** A perda do chefe da casa, que podia ser causada por enfermidade, acidente ou guerra, geralmente deixava a família na pobreza, principalmente se os filhos fossem pequenos.

4. **Seca e fome.** Às vezes a própria natureza destruía rapidamente toda a colheita de uma temporada. A seca, o excesso de pragas, ou chuva em demasia fora de época, bem como outras calamidades naturais acabavam com todo o sustento de uma família de uma hora para outra (Sl 32.4).

5. **Agiotagem.** Pela lei, era proibido cobrar juros de empréstimos feitos a pobres (Êx 22.25). Mas apesar dessa recomendação divina, muitos credores tinham atitudes impiedosas, cobrando juros exorbitantes e empregando métodos cruéis para receber o pagamento da dívida. Isso sempre foi um problema grave para os Israelitas, durante toda a sua história, e vários escritores bíblicos denunciaram esses excessos."[13]

Com tantos limites não era de admirar que os pobres se tornassem presas fáceis dos mais ricos. Para se justificarem, os mais abastados costumavam fazer doações, algumas delas bastantes generosas, mas o objetivo não era de fato amenizar a situação do pobre, mas barganhar com Deus. A religião, em vez de cultivar os valores da alma, fomentava apenas um legalismo exterior.

Jesus denunciou essa religiosidade farisaica. Em seu livro *Jesus e o Dinheiro,* o escritor José Antonio Pagola comenta sobe esse fato. Embora o seu livro reflita traços de um evangelho social, de esquerda, todavia seus comentários são pertinentes:

> "Temos que recuperar no cristianismo um dado de suma importância. O primeiro olhar de Jesus não se dirige ao pecado do ser humano, mas ao seu sofrimento. O contraste entre Jesus e o Profeta João, o Batista, é esclarecedor. Toda atividade do Batista gira em torno do pecado: ele denuncia os pecados do povo, chama os pecadores à penitência e oferece aos que acorrem ao Jordão um batismo de conversão de perdão. O Batista não se aproxima dos enfermos, nem toca a pele dos leprosos, não abraça as crianças da rua, não se senta para comer com pecadores, excluídos e pessoas indesejáveis. O Batista não se aproxima do sofrimento das pessoas, não se dedica a fazer a vida mais humana. Não sai de sua missão estritamente religiosa. Para Jesus, ao contrário, a primeira preocupação é o sofrimento das pessoas enfermas e desnutridas da Galileia, a defesa dos camponeses explorados pelos poderosos latifundiários, ou a acolhida a pecadores e prostitutas, excluídos pela religião. Para Jesus, o grande pecado contra o projeto de Deus consiste sobretudo em resistirmos a tomar parte no sofrimento dos outros encerrando-nos em nosso próprio bem-estar".[14]

NOTAS

[1] PONDER, Catherine. O *Milionário de Nazaré – seus segredos de prosperidade*. São Paulo: Editora Novo Século, 2013.

[2] PONDER, Catherine. O *Milionário de Nazaré – seus segredos de prosperidade*. São Paulo: Editora Novo Século, 2013.

[3] PONDER, Catherine. O *Milionário de Nazaré – seus segredos de prosperidade*. São Paulo: Editora Novo Século, 2013.

[4] *Idem*.

[5] *Idem, ibide*

[6] PONDER, Catherine. *Op.cit.*

[7] PONDER, Catherine. O *Milionário de Nazaré – seus segredos de prosperidade, pp 38-39*. São Paulo: Editora Novo Século, 2013.

[8] *http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Novo_Pensamento. Acesso 26.08.2014.*

[9] A obra *The New International Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements (Novo Dicionário dos Movimentos Pentecostal e Carismático) destaca que "embora ele (Hagin) tenha sido criticado como líder dos movimentos "Palavra da Fé" e "Confissão Positiva" (Hunt, 1987, 56; McConnell, passim), sua mensagem enfatiza a necessidade de orar somente de acordo com os princípios de Deus encontrados nas Escrituras Judaico-cristãs" (p.687, BURGESS, Stanley M. org.).*

[10] Conforme citado em GONÇALVES, *José. A Prosperidade à Luz da Bíblia*. CPAD.

[11] HUNT, Dave & MACMAHON, T.A. *A Sedução do Cristianismo – discernimento espiritual dos últimos dias*. Porto Alegre: Editora Chamada da Meia Noite.

[12] *A Sedução do Cristianismo. Op.cit.*

[13] GONÇALVES, José. *A Prosperidade à Luz da Bíblia*. Rio de Janeiro: CPAD.

[14] PAGOLA, Antonio José. *Jesus e o Dinheiro*. Petrópolis: Editora Vozes.

Capítulo 11
A Última Ceia

A Instituição da Páscoa

O real sentido da última Ceia celebrada por Jesus narrada em Lucas 22.19,20, só é totalmente compreendida quando analisada à luz da Páscoa judaica (hb. *Pessach*). Essa festa, que era uma das mais grandiosas do antigo judaísmo, era celebrada pelos judeus como o "tempo de sua liberdade". Era, sem dúvida, o mais querido de todos os dias santificados pelos judeus. O sentido simbólico desse rito está associado com a ideia de liberdade conforme expressado no livro de Êxodo capítulo 12.

"Falou o SENHOR a Moisés e a Arão na terra do Egito, dizendo: Este mesmo mês vos será o princípio dos meses; este vos será o primeiro dos meses do ano. Falai a toda a congregação de Israel, dizendo: Aos dez deste mês, tome cada um para si um cordeiro, segundo as casas dos pais, um cordeiro para cada casa. Mas, se a família for pequena para um cordeiro, então, tome um só com seu vizinho perto de sua casa, conforme o número das almas; conforme o comer de cada um, fareis a conta para o cordeiro. O cordeiro, ou cabrito, será sem mácula, um macho de um ano, o qual tomareis das ovelhas ou das cabras e o guardareis até ao décimo quarto dia deste mês, e todo o ajuntamento da congregação de Israel o sacrificará à tarde. E tomarão do sangue e pô-lo-ão em ambas as ombreiras e na verga da porta, nas casas em que o comerem. E naquela noite comerão a carne assada no fogo, com pães *asmos*; com ervas amargosas a comerão. Não comereis dele nada cru, nem cozido em água, senão assado ao fogo; a cabeça com os pés e com a fressura. E nada dele deixareis até pela manhã; mas o que dele ficar até pela manhã, queimareis no fogo. Assim, pois, o comereis: os vossos lombos cingidos, os vossos sapatos nos pés, e o vosso cajado na

mão; e o comereis apressadamente; esta é a Páscoa do SENHOR. E eu passarei pela terra do Egito esta noite e ferirei todo primogênito na terra do Egito, desde os homens até aos animais; e sobre todos os deuses do Egito farei juízos. Eu sou o SENHOR. E aquele sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; vendo eu sangue, passarei por cima de vós, e não haverá entre vós praga de mortandade, quando eu ferir a terra do Egito. E este dia vos será por memória, e celebrá-lo-eis por festa ao SENHOR; nas vossas gerações o celebrareis por estatuto perpétuo. Sete dias comereis pães asmos; ao primeiro dia, tirareis o fermento das vossas casas; porque qualquer que comer pão levedado, desde o primeiro até ao sétimo dia, aquela alma será cortada de Israel. E, ao primeiro dia, haverá santa convocação; também, ao sétimo dia, tereis santa convocação; nenhuma obra se fará neles, senão o que cada alma houver de comer; isso somente aprontareis para vós. Guardai, pois, a Festa dos Pães Asmos, porque naquele mesmo dia tirei vossos exércitos da terra do Egito; pelo que guardareis este dia nas vossas gerações por estatuto perpétuo. No primeiro mês, aos catorze dias do mês, à tarde, comereis pães asmos até vinte e um do mês à tarde. Por sete dias não se ache nenhum fermento nas vossas casas; porque qualquer que comer pão levedado, aquela alma será cortada da congregação de Israel, assim o estrangeiro como o natural da terra. Nenhuma coisa levedada comereis; em todas as vossas habitações comereis pães asmos. Chamou, pois, Moisés a todos os anciãos de Israel e disse-lhes: Escolhei, e tomai vós cordeiros para vossas famílias, e sacrificai a Páscoa. Então, tomai um molho de hissopo, e molhai-o no sangue que estiver na bacia, e lançai na verga da porta, e em ambas as ombreiras, do sangue que estiver na bacia; porém nenhum de vós saia da porta da sua casa até à manhã. Porque o SENHOR passará para ferir aos egípcios, porém, quando vir o sangue na verga da porta e em ambas as ombreiras, o SENHOR passará aquela porta e não deixará ao destruidor entrar em vossas casas para vos ferir. Portanto, guardai isto por estatuto para vós e para vossos filhos, para sempre. E acontecerá que, quando entrardes na terra que o SENHOR vos dará, como tem dito, guardareis este culto. E acontecerá que, quando vossos filhos vos disserem: Que culto é este vosso? Então, direis: Este é o sacrifício da Páscoa ao SENHOR, que passou as casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu aos egípcios e livrou as nossas casas. Então, o povo inclinou-se e adorou" (Êx 12.1-27).

A Celebração da Páscoa no Judaísmo

Ainda no final do século I o Patriarca judeu Raban Gamaliel destaca que a Páscoa não era um ritual a ser vivido apenas por uma geração, mas por todos os judeus ao longo da história: "Em cada geração cada um deve encarar-se a si próprio como se também ele houvesse saído do Egito. Não foram só os nossos antepassados que o Santificado redimiu naquela ocasião, mas através deles, a nós todos".[1]

E é exatamente isso o que a história testemunha. "A lembrança do cativeiro egípcio, observa a *Enciclopédia Judaica*, embora esse fato tenha ocorrido pelo menos há trinta e dois séculos, continua como uma ferida aberta a doer na consciência macerada do judeu. Na realidade, ele nunca considerou – a não ser na Idade de Ouro da grandeza de seu povo na Terra de Israel – que o Cativeiro jamais tivesse chegado ao fim. Essa ideia é expressa de maneira tocante na oração aramaica do *Seder* (serviço doméstico que inicia a celebração do *Pessach*); ela apresenta o tema do dia santificado como se fora o coro de abertura de uma tragédia grega. Quando o chefe da casa, envolto no *kitel* branco e o solidéu à cabeça, cumprindo o papel que lhe cabe nessa ocasião, de sacerdote oficiante, eleva gravemente a bandeja com as três *matzot* cerimoniais e as mostra aos presentes reunidos, ele entoa no tom menor adequando às vicissitudes muito presentes na memória: 'Vejam! Este é como o pão da aflição que nossos pais comeram na terra do Egito'".[2]

Essa forma de celebrar a Páscoa, como demonstrou a citada Enciclopédia, reflete o costume dos judeus logo após a destruição de Jerusalém pelos romanos no ano 70 d.C. Embora a cerimônia tenha sofrido alterações em suas formas litúrgicas ao longo dos séculos, todavia a sua essência continua a mesma – manter na mente do devoto a ideia de libertação.[3] Na idade média, por exemplo, a celebração da páscoa era envolta em muita melancolia, mesmo com a presença das festivas canções de ações de graças. O celebrante, que em geral era o chefe da família, levantava um dos quatro cálices usados durante o ritual e dizia: "Não foi uma só, uma vez, a se levantar contra nós para nos destruir, mas em todas as gerações se levantaram contra nós para nos destruir. O Santificado – abençoado seja Ele – porém, sempre nos liberta das mãos deles".[4]

O Bedikat Chametz — a Busca pelo Fermento!

Uma outra celebração observada cuidadosamente pelos judeus era a festa dos pães asmos. Assim como a Páscoa, o ritual dos pães sem fer-

mento era rigorosamente observado pelos Judeus. Ao longo dos anos foi associada à mesma um extremo rigorismo ético.[5]

De acordo com a *Enciclopédia Judaica*, na noite precedente da Páscoa, é exigido de todo lar judeu que observe o que denominam de cerimônia do *Bedikat Chametz*, isto é, a "A Busca do Fermento".

O ritual extremamente meticuloso orienta o chefe da família a andar por toda a casa a procura de pedacinhos de pão fermentado – o "*chametz*", durante os dias que dura a cerimônia pascal. O propósito de tal rito é certificar-se de que somente o "*matzar*", isto é, o pão sem fermento pode ser comido.

O cerimonial detalha ainda que aquele que foi encarregado dessa missão deve munir-se de uma vela, uma colher de pau, e um espanador de penas de galinha ou de ganso para que caso encontre algum resíduo de pão possa espanar para dentro da colher. Tendo feito isso então ele pronuncia a bênção: "Abençoado seja tu, (...) que ordenaste que removêssemos o fermento".

No dia seguinte ele queima o fermento encontrado! Se porventura alguém fosse encontrado com fermento durante esse período era punido com a pena de 39 chicotadas! O ritual, portanto, era em extremo rigoroso no antigo judaísmo a ponto dos utensílios da cozinha serem banhados em água fervente, ou vigorosamente esfregados na areia.

Embora essa tradição hebraica revele vários aspectos de um judaísmo posterior, e que em muitos aspectos difira dos costumes adotados pelo cerimonial mosaico (Êx 12), todavia mostra como o povo judeu ao longo do tempo levou a sério a simbologia por trás do uso do fermento em suas cerimônias religiosas.

Essa simbologia é usada pelo apóstolo Paulo quando instrui os cristãos de Corinto. Ao reprovar o mau comportamento de um membro daquela igreja, Paulo aconselha os crentes a se livrarem do "velho fermento" e a se revestirem com os "asmos da sinceridade".

"Geralmente, se ouve que há entre vós fornicação e fornicação tal, qual nem ainda entre os gentios, como é haver quem abuse da mulher de seu pai. Estais inchados e nem ao menos vos entristecestes, por não ter sido dentre vós tirado quem cometeu tal ação. Eu, na verdade, ainda que ausente no corpo, mas presente no espírito, já determinei, como se estivesse presente, que o que tal ato praticou, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, juntos vós e o meu espírito, pelo poder de nosso Senhor Jesus Cristo, seja entregue a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no Dia do Senhor Jesus. Não é boa a vossa jactância.

Não sabeis que um pouco de fermento faz levedar toda a massa? Alimpai-vos, pois, do fermento velho, para que sejais uma nova massa, assim como estais sem fermento. Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós. Pelo que façamos festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da maldade e da malícia, mas com os asmos da sinceridade e da verdade. Já por carta vos tenho escrito que não vos associeis com os que se prostituem; isso não quer dizer absolutamente com os devassos deste mundo, ou com os avarentos, ou com os roubadores, ou com os idólatras; porque então vos seria necessário sair do mundo. Mas, agora, escrevi que não vos associeis com aquele que, dizendo-se irmão, for devasso, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberrão, ou roubador; com o tal nem ainda comais. Porque que tenho eu em julgar também os que estão de fora? Não julgais vós os que estão dentro? Mas Deus julga os que estão de fora. Tirai, pois, dentre vós a esse iníquo" (1 Co 5.1-13).

A Última Ceia

A Páscoa judaica era apenas um tipo do qual Jesus era o antítipo. Paulo disse isso quando escreveu: "Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós" (1 Co 5.7). O escritor Gerad Von Groningen destaca que: "O cordeiro da Páscoa, em si mesmo, tem significação messiânica como tipo. Seu caráter e qualidade tinha de ser sem mancha ou defeito. Nenhuma das evidências dos efeitos ruinosos do pecado e seus resultados poderia estar presente. O próprio cordeiro tinha de ser perfeito para ser aceitável a Yahweh como um substituto para o povo oprimido a sofrer sobre o cativeiro egípcio. Ele tinha de ser completamente consumido, sem que seus ossos fossem quebrados, para indicar a extrema necessidade de uma total libertação e integral submissão a este requisito".[6]

Ainda de acordo com Groningen o cordeiro da Páscoa também possuía um aspecto escatológico definido. Ele devia ser morto, não somente no tempo do êxodo, mas anualmente. Yahweh, falando por meio de Moisés, ordenou que a cada ano o cordeiro da Páscoa fosse selecionado, morto e consumido (12.14) em cada família. Assim, as famílias deveriam considerar, retrospectivamente, sua libertação. Isto, por sua vez, falava prospectivamente de uma libertação plena, total, que viria por meio de um Cordeiro Pascal cuja morte sacrificial, uma vez cumprida na história, traria completa redenção e, portanto, tornaria desnecessário qualquer novo derramamento de sangue do cordeiro pascal".[7]

A Instituição da Santa Ceia

Quando Jesus pediu aos seus discípulos que preparassem a Páscoa não há dúvida de que tinha em mente esses fatos.[8]

> "Estava, pois, perto a Festa dos Pães Asmos, chamada de Páscoa. E os principais dos sacerdotes e os escribas andavam procurando como o matariam, porque temiam o povo. Entrou, porém, Satanás em Judas, que tinha por sobrenome Iscariotes, o qual era do número dos doze. E foi e falou com os principais dos sacerdotes e com os capitães de como lho entregaria, os quais se alegraram e convieram em lhe dar dinheiro. E ele concordou e buscava oportunidade para lho entregar sem alvoroço. Chegou, porém, o dia da Festa dos Pães Asmos, em que importava sacrificar a Páscoa. E mandou a Pedro e a João, dizendo: Ide, preparai-nos a Páscoa, para que a comamos. E eles lhe perguntaram: Onde queres que a preparemos? E ele lhes disse: Eis que, quando entrardes na cidade, encontrareis um homem levando um cântaro de água; segui-o até à casa em que ele entrar. E direis ao pai de família da casa: O mestre te diz: Onde está o aposento em que hei de comer a Páscoa com os meus discípulos? Então, ele vos mostrará um grande cenáculo mobilado; aí fazei os preparativos. E, indo eles, acharam como lhes havia sido dito; e prepararam a Páscoa. E, chegada a hora, pôs-se à mesa, e, com ele, os doze apóstolos. E disse-lhes: Desejei muito comer convosco esta Páscoa, antes que padeça, porque vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no Reino de Deus. E, tomando o cálice e havendo dado graças, disse: Tomai-o e reparti- o entre vós, porque vos digo que já não beberei do fruto da vide, até que venha o Reino de Deus. E, tomando o pão e havendo dado graças, partiu- o e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isso em memória de mim. Semelhantemente, tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue, que é derramado por vós" (Lc 22.1-20).

Jesus tinha consciência de que Ele era o Cordeiro de Deus que tiraria o pecado do mundo, conforme dissera o Batista (Jo 1.29). Por isso,

disse a seus discípulos: "Desejei muito comer convosco esta Páscoa, antes que padeça" (Lc 19. 15).

A Santa Ceia no Ensino de Paulo

No Novo Testamento encontramos o apóstolo Paulo dando lições precisas sobre a ceia do Senhor.

> "Nisto, porém, que vou dizer-vos, não vos louvo, porquanto vos ajuntais, não para melhor, senão para pior. Porque, antes de tudo, ouço que, quando vos ajuntais na igreja, há entre vós dissensões; e em parte o creio. E até importa que haja entre vós heresias, para que os que são sinceros se manifestem entre vós. De sorte que, quando vos ajuntais num lugar, não é para comer a Ceia do Senhor. Porque, comendo, cada um toma antecipadamente a sua própria ceia; e assim um tem fome, e outro embriaga-se. Não tendes, porventura, casas para comer e para beber? Ou desprezais a igreja de Deus e envergonhais os que nada têm? Que vos direi? Louvar-vos-ei? Nisso não vos louvo. Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim. Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor, até que venha. Portanto, qualquer que comer este pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão, e beba deste cálice. Porque o que come e bebe indignamente come e bebe para sua própria condenação, não discernindo o corpo do Senhor. Por causa disso, há entre vós muitos fracos e doentes e muitos que dormem. Porque, se nós nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas, quando somos julgados, somos repreendidos pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo.

> Portanto, meus irmãos, quando vos ajuntais para comer, esperai uns pelos outros. Mas, se algum tiver fome, coma em casa, para que vos não ajunteis para condenação. Quanto às demais coisas, ordená-las-ei quando for ter convosco" (1 Co 11.17-34).

Elogios e Reprovações

O propósito de Paulo quando deu instruções sobre a Ceia do Senhor à igreja de Corinto foi corrigir alguns abusos que estavam acontecendo durante a celebração. O contexto é bastante claro em dizer que havia individualismo, egoísmo e até mesmo quem se embriagasse durante a cerimônia. Os coríntios não estavam discernindo o propósito da Ceia. Participavam como se estivessem participando de uma refeição qualquer.

O escritor Warren Wiersbe observa que ao participar da Ceia, o cristão deve olhar em quatro direções.[9] Primeiramente ele deve olhar para trás. Esse olhar nos fará lembrar o motivo de sua morte – carregar os nossos pecados. Lembrar também que ele morreu de forma voluntária, demonstrando assim o seu amor por nós. Em segundo lugar, o crente deve olhar para frente. Ao olhar para frente ele lembrará do sacrifício do Senhor "até que ele venha". Esse é um olhar escatológico, rumo ao futuro da igreja. Em terceiro lugar, o crente deve olhar ao seu redor. Esse olhar fará com que ele enxergue o outro e não seja um egoísta espiritual. De fato esse é o verdadeiro propósito da Ceia que é celebrar uma festa em família. Em quarto lugar, o cristão deve olhar para dentro. Esse olhar para dentro fará com que ele se examine a si mesmo. "Examine-se a si mesmo" (v.28).

Ao fazer esse olhar introspectivo o crente deve ter o cuidado para não se abster desnecessariamente da Ceia do Senhor. Muitos crentes deixam de participar da Ceia por motivos banais. Essa não é a atitude correta.

Na verdade o que tem levado muitos crentes a procederem dessa forma é a má interpretação que eles fazem das instruções dadas pelo apóstolo em 1 Coríntios 11.29: "Porque o que come e bebe indignamente come e bebe para sua própria condenação, não discernindo o corpo do Senhor".

No livro de minha autoria *Defendendo o Verdadeiro Evangelho*, fiz uma exegese desse texto à luz do texto grego. Mostrei que a palavra grega *anaksiôs*, traduzida em português como "indignamente" é um advérbio e não um adjetivo. Como sabemos, os advérbios indicam "modo" ou "maneira", enquanto os adjetivos indicam "estado" ou "qualidade". Se

Paulo em lugar do advérbio "indignamente" (*anaksiôs*) tivesse usado o adjetivo "indigno" (*anaksiôs*), então ninguém de fato poderia participar da Ceia do Senhor, pois ninguém é ou será digno.[10] A salvação é pela graça e não por meio de nosso mérito ou dignidade. Da mesma forma, a participação da Ceia do Senhor por parte dos crentes é também uma manifestação da graça de Deus.

Voltando ao texto, o advérbio "indignamente" (*anaksiôs*) mostra que Paulo estava se referindo ao modo irreverente dos coríntios ao celebrarem a Ceia do Senhor, isto é, enquanto alguns se embriagavam durante a reunião, outros comiam demais, além do fato de não esperarem uns pelos outros. Esta maneira de celebrar a Ceia do Senhor não estava correta, precisava da correção por parte do apóstolo.

Os escritores Guy P. Duffield e Nathaniel M. Van Cleave dizem isso com outras palavras:

"Há necessidade de uma explicação sobre a advertência contra "comer ou beber indignamente" (1 Co 11.27-29). Muitos crentes, por não entenderem bem essas advertências, abstiveram-se desnecessariamente da Ceia do Senhor. Deve ser notado que "indignamente" é um advérbio que modifica os verbos "comer" e "beber", e está ligado à "maneira" de participar, e não à indignidade das pessoas. A advertência referia-se à atitude ávida e descontrolada dos coríntios, descrita em 1 Coríntios 11.20-22. Ninguém é digno, por si mesmo, de ter comunhão com Jesus, mas possuímos esse privilégio em virtude da obra expiatória que os elementos simbolizam. Todavia, os participantes precisam examinar a si mesmos com relação ao modo como tomam a ceia e à sua atitude para com os outros crentes; além disso, devem verificar se estão discernindo o corpo do Senhor, sem demonstrar irreverência ou frivolidade em suas maneiras. A participação com fé pode resultar em grandes bênçãos e até na cura espiritual e física (1 Co 11.29,30).[11]

NOTAS

[1] *Enciclopédia Judaica, 10 volumes,* Rio de Janeiro.

[2] KOOGAN, A. *Enciclopédia Judaica, 10 volumes,* Rio de Janeiro.

[3] A cerimônia que consiste em beber os Quatro Cálices para demonstrar alegria foi arbitrariamente introduzida pelos Sábios Rabínicos. Eles justificavam o número de cálices citando quatro verbos hebraicos que aparecem no Êxodo 6.6,7 em que é descrita a libertação dos israelitas do Cativeiro no Egito: "retirar", "libertar", "resgatar" e "tirar". (*Enciclopédia Judaica, vol. 6, pg.663).*

[4] *Enciclopédia Judaica, op.cit. vol. 6,* pp.656 a 665.

[5] A palavra fermento vem do latim "fermentum" (fermento) e que traduz o termo grego "zimé". Por outro lado, o hebraico possui os termos "hamets", que significa "aquilo que é fermentado"; "homets", que quer dizer vinagre, azedo; e "mahmetset", que refere-se a qualquer coisa fermentada.

[6] GRONINGEN, Gerad Van. *Revelação Messiânica no Antigo Testamento – a origem divina do conceito messiânico e seu desdobramento progressivo.* Editora Cultura Cristã, São Paulo.

[7] GRONINGEN, Gerad Van. *Revelação Messiânica no Antigo Testamento – a origem divina do conceito messiânico e seu desdobramento progressivo.* São Paulo: Editora Cultura Cristã.

[8] Os biblistas estão de acordo que foi durante a celebração da última Páscoa que Jesus instituiu o que a igreja cristã chamaria de Ceia do Senhor.

[9] WIERSBE, Warren. *Comentário Bíblico Expositivo – Novo Testamento, volume1.* Rio de Janeiro: Editora Central Gospel.

[10] No texto grego a diferença léxica entre esses termos é dada pelo alongamento da vogal *omicron*, por esse motivo que em nossa transliteração o primeiro termo traz um acento circunflexo, enquanto o segundo traz um acendo agudo.

[11] DUFFIELD, Guy P & CLEAVE, Nathaniel M.Van. *Fundamentos da Teologia Pentecostal. Vol I e II.* Editora Quadrangular, São Paulo, 1991.

Capítulo 12

A Morte de Jesus

A Cruz de Cristo — o Centro do Evangelho

A Cruz de Cristo é o centro do Evangelho! Sem a cruz hão haveria salvação e as bênçãos dela advindas. Precisamos com urgência voltar a pregar a mensagem da Cruz. O apóstolo Paulo disse que "aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação" (1 Co 1.21). Uma tradução mais fiel ao texto seria: "Aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura do que é pregado". É o conteúdo da mensagem da cruz, Cristo, que traz salvação. Não é qualquer mensagem ou qualquer coisa que se diga sobre o cristianismo que produz salvação. Já vi um pregador dizer que se pega peixe até mesmo com esterco e que da mesma forma alguém pode ser salvo com qualquer tipo de mensagem. Não é de admirar que haja tantas igrejas com gente doente. A salvação vem quando se prega a Cristo, o conteúdo da mensagem da cruz e não uma mensagem corrompida. O que era pregado pelos apóstolos? Paulo responde: "nós pregamos a Cristo crucificado" (1 Co 1.23). Paulo ainda diz que "longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo" (Gl 6.14).

A cruz é o único lugar onde morrer significa viver. Ao comentar o capítulo 11 da primeira carta de Paulo aos coríntios, o escritor Warren Wiersbe observou que "é impressionante o desejo de Jesus de que seus seguidores lembrem de sua morte. A maioria de nós procura esquecer os detalhes sobre a morte de nossos entes queridos, mas Jesus deseja que lembremos como Ele morreu. Isto porque sua morte é o cerne de tudo o que temos como cristãos.

Devemos lembrar, continua Wiersbe, o fato de haver morrido, pois a sua morte faz parte da mensagem do evangelho: "Cristo morreu [...] foi sepultado" (1 Co 15.3,4). Não é a vida de Cristo nem seus ensinamentos que salvam os pecadores, mas sua morte. Portanto, devemos nos lembrar do motivo de ter morrido: Cristo morreu por nossos pecados; foi nosso substituto (Is 53.6; 1 Pe 2.24), quitando uma dívida que

jamais poderíamos pagar".[1] O evangelho de Lucas dá amplo destaque à morte de Jesus na cruz do Calvário.

"E, levantando-se toda a multidão deles, o levaram a Pilatos. E começaram a acusá-lo, dizendo: Havemos achado este pervertendo a nossa nação, proibindo dar o tributo a César e dizendo que ele mesmo é Cristo, o rei. E Pilatos perguntou-lhe, dizendo: Tu és o Rei dos judeus? E ele, respondendo, disse-lhe: Tu o dizes. E disse Pilatos aos principais dos sacerdotes e à multidão: Não acho culpa alguma neste homem. Mas eles insistiam cada vez mais, dizendo: Alvoroça o povo ensinando por toda a Judéia, começando desde a Galileia até aqui. Então, Pilatos, ouvindo falar da Galileia, perguntou se aquele homem era galileu. E, sabendo que era da jurisdição de Herodes, remeteu-o a Herodes, que também, naqueles dias, estava em Jerusalém. E Herodes, quando viu a Jesus, alegrou-se muito, porque havia muito que desejava vê-lo, por ter ouvido dele muitas coisas; e esperava que lhe veria fazer algum sinal. E interrogava-o com muitas palavras, mas ele nada lhe respondia. E estavam os principais dos sacerdotes e os escribas acusando-o com grande veemência. E Herodes, com os seus soldados, desprezou-o, e, escarnecendo dele, vestiu-o de uma roupa resplandecente, e tornou a enviá-lo a Pilatos. E, no mesmo dia, Pilatos e Herodes, entre si, se fizeram amigos; pois, dantes, andavam em inimizade um com o outro. E, convocando Pilatos os principais dos sacerdotes, e os magistrados, e o povo, disse-lhes: Haveis-me apresentado este homem como pervertedor do povo; e eis que, examinando-o na vossa presença, nenhuma culpa, das de que o acusais, acho neste homem. Nem mesmo Herodes, porque a ele vos remeti, e eis que não tem feito coisa alguma digna de morte. Castigá-lo-ei, pois, e soltá-lo-ei. E era-lhe necessário soltar-lhes um detento por ocasião da festa. Mas toda a multidão clamou à uma, dizendo: Fora daqui com este e solta-nos Barrabás. Barrabás fora lançado na prisão por causa de uma sedição feita na cidade e de um homicídio. Falou, pois, outra vez Pilatos, querendo soltar a Jesus. Mas eles clamavam em contrário, dizendo: Crucifica- o! Crucifica-o! Então, ele, pela terceira vez, lhes disse: Mas que mal fez este? Não acho nele culpa alguma de morte. Castigá-lo-ei, pois, e soltá-lo-ei. Mas eles instavam com grandes gritos, pedindo que fosse crucificado. E os seus gritos e os dos principais dos sacerdotes redobravam. Então, Pilatos julgou que devia fazer o que eles pediam. E soltou-lhes o que fora lançado na prisão por uma sedição e homicídio, que era o que pediam; mas entregou Jesus à vontade deles. E, quando o iam levando, tomaram um certo Simão, cireneu, que vinha do campo, e puseram-lhe a cruz

às costas, para que a levasse após Jesus. E seguia-o grande multidão de povo e de mulheres, as quais batiam nos peitos e o lamentavam. Porém Jesus, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos. Porque eis que hão de vir dias em que dirão: Bem-aventuradas as estéreis, e os ventres que não geraram, e os peitos que não amamentaram! Então, começarão a dizer aos montes: Caí sobre nós! E aos outeiros: Cobri-nos! Porque, se ao madeiro verde fazem isso, que se fará ao seco? E também conduziram outros dois, que eram malfeitores, para com ele serem mortos. E, quando chegaram ao lugar chamado a Caveira, ali o crucificaram e aos malfeitores, um, à direita, e outro, à esquerda. E dizia Jesus: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. E, repartindo as suas vestes, lançaram sortes. E o povo estava olhando. E também os príncipes zombavam dele, dizendo: Aos outros salvou; salve-se a si mesmo, se este é o Cristo, o escolhido de Deus. E também os soldados escarneciam dele, chegando-se a ele, e apresentando-lhe vinagre, e dizendo: Se tu és o Rei dos judeus, salva-te a ti mesmo. E também, por cima dele, estava um título, escrito em letras gregas, romanas e hebraicas: ESTE É O REI DOS JUDEUS. E um dos malfeitores que estavam pendurados blasfemava dele, dizendo: Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós. Respondendo, porém, o outro, repreendia-o, dizendo: Tu nem ainda temes a Deus, estando na mesma condenação? E nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o que os nossos feitos mereciam; mas este nenhum mal fez. E disse a Jesus: Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino. E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso. E era já quase a hora sexta, e houve trevas em toda a terra até à hora nona, escurecendo-se o sol; e rasgou-se ao meio o véu do templo. E, clamando Jesus com grande voz, disse: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. E, havendo dito isso, expirou" (Lucas 23.1-46).

A Cena da Cruz

É possível, portanto, contemplarmos a cena da cruz quando Jesus foi crucificado em Lucas 23.1-46. Alguns fatos ficam em evidência.

1. **Na cruz Jesus cumpriu profecias (Is 53.1-12; Gn 3.15; 2.7,8).** A cruz de Cristo fazia parte do plano de Deus para a redenção do homem. Ao morrer na cruz, Jesus cumpriu as profecias bíbli-

cas (Gn 3.14,15). Sua morte não foi acidental, mas providencial. Foi profética. O expositor bíblico Giuseppe Barbaglio observa que "se passarmos à 'paixão' de Lucas, notaremos imediatamente que, não diferentemente de Mateus, veremos que ele atribui a Jesus o *topos* teológico da 'necessidade' do cumprimento das profecias: 'Isto que está escrito deve (*dei*) ser cumprido em mim', cita Is 53.12: Será contado entre os ímpios" (Lc 22.37). Subindo o Gólgota, o condenado fala às mulheres que o seguem com as palavras de Os 10.8: "Então começarão a dizer aos montes: 'Cai sobre nós', e às colinas: 'Cobri-nos'" (Lc 23.30). O grito do moribundo é uma oração de abandono confiante ao Pai que retoma Sl 31.6: "Nas tuas mãos coloco meu espírito de vida" (Lc 23.46).[2]

Como bem observou Barbaglio, nenhuma profecia bíblica retrata tão bem a cruz de nosso Senhor como aquela que encontramos no livro do profeta Isaías:

> "Quem deu crédito à nossa pregação? E a quem se manifestou o braço do SENHOR? Porque foi subindo como renovo perante ele e como raiz de uma terra seca; não tinha parecer nem formosura; e, olhando nós para ele, nenhuma beleza víamos, para que o desejássemos. Era desprezado e o mais indigno entre os homens, homem de dores, experimentado nos trabalhos e, como um de quem os homens escondiam o rosto, era desprezado, e não fizemos dele caso algum. Verdadeiramente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e, pelas suas pisaduras, fomos sarados. Todos nós andamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos. Ele foi oprimido, mas não abriu a boca; como um cordeiro, foi levado ao matadouro e, como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca. Da opressão e do juízo foi tirado; e quem contará o tempo da sua vida? Porquanto foi cortado da terra dos viventes e pela transgressão do meu povo foi ele atingido. E puseram a sua sepultura com os ímpios e com o rico, na sua morte; porquanto nunca fez injustiça, nem houve engano na sua boca. Todavia, ao

SENHOR agradou o moê-lo, fazendo- o enfermar; quando a sua alma se puser por expiação do pecado, verá a sua posteridade, prolongará os dias, e o bom prazer do SENHOR prosperará na sua mão. O trabalho da sua alma ele verá e ficará satisfeito; com o seu conhecimento, o meu servo, o justo, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si. Pelo que lhe darei a parte de muitos, e, com os poderosos, repartirá ele o despojo; porquanto derramou a sua alma na morte e foi contado com os transgressores; mas ele levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu" (Is 53.1-12).

2. **Na cruz Jesus venceu o pecado (2 Co 5.21; Cl 2.13; Pv 14.34).** O livro de provérbios afirma que o pecado é o opróbrio dos povos (Pv 14.34). Nada é tão vergonhoso quanto o pecado! No livro do profeta messiânico, Isaías (1.1-17), encontramos pelo menos sete graves consequências do pecado. "Visão de Isaías, filho de Amoz, a qual ele viu a respeito de Judá e Jerusalém, nos dias de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá. Ouvi, ó céus, e presta ouvidos, tu, ó terra, porque fala o SENHOR: Criei filhos e exaltei-os, mas eles prevaricaram contra mim. O boi conhece o seu possuidor, e o jumento, a manjedoura do seu dono, mas Israel não tem conhecimento, o meu povo não entende. Ai da nação pecadora, do povo carregado da iniquidade da semente de malignos, dos filhos corruptores! Deixaram o SENHOR, blasfemaram do Santo de Israel, voltaram para trás. Porque serieis ainda castigados, se mais vos rebelaríeis? Toda a cabeça está enferma, e todo o coração, fraco. Desde a planta do pé até à cabeça não há nele coisa sã, senão feridas, e inchaços, e chagas podres, não espremidas, nem ligadas, nem nenhuma delas amolecida com óleo. A vossa terra está assolada, e as vossas cidades, abrasadas pelo fogo; a vossa região, os estranhos a devoram em vossa presença; e está devastada, como em uma subversão de estranhos. E a filha de Sião se ficou como a cabana na vinha, como a choupana no pepinal, como cidade sitiada. Se o SENHOR dos Exércitos nos não deixara algum remanescente, já como Sodoma seríamos e semelhantes a Gomorra. Ouvi a palavra do SENHOR, vós príncipes de Sodoma; prestai ouvidos à lei de nosso Deus, vós, ó povo de Gomorra. De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios, diz o SENHOR? Já estou farto dos

holocaustos de carneiros e da gordura de animais nédios; e não folgo com o sangue de bezerros, nem de cordeiros, nem de bodes. Quando vindes para comparecerdes perante mim, quem requereu isso de vossas mãos, que viésseis pisar os meus átrios? Não tragais mais ofertas debalde; o incenso é para mim abominação, e também as Festas da Lua Nova, e os sábados, e a convocação das congregações; não posso suportar iniquidade, nem mesmo o ajuntamento solene. As vossas Festas da Lua Nova, e as vossas solenidades, as aborrece a minha alma; já me são pesadas; já estou cansado de as sofrer. Pelo que, quando estendeis as mãos, escondo de vós os olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue. Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos e cessai de fazer mal. Aprendei a fazer o bem; praticai o que é reto; ajudai o oprimido; fazei justiça ao órfão; tratai da causa das viúvas" (Is 1.1-17).

a. O *pecado tira a racionalidade* – O profeta afirma que até mesmo o boi conhece o seu dono, mas o homem no pecado não (Is 1.3). O pecado tira a racionalidade quando faz o homem desconhecer a voz do seu próprio Criador.Um jumento demonstra ser mais racional do que alguém que vive no pecado! O pecado promove a irracionalidade. O pecado está por trás do sequestrador que não se importa com a dor das famílias; está por trás do político desonesto que desvia recursos públicos para seu próprio benefício e não vê na sua ação maldade alguma. O pecado está por trás de religiosos que brigam por lideranças de igrejas sem se preocuparem se estas vão ou não sofrer.

b. O *pecado produz retrocesso* – o profeta diz que os israelitas haviam deixado o Senhor e voltado para trás! (Is 1.4). Uma das consequências do pecado é que ele produz retrocesso! Faz voltar para trás. Muitas pessoas deveriam estar muito à frente nas suas vidas, mas não estão devido ao pecado. O pecado as arrasta para trás. Quem vive na prática desmancha o que fez e recomeça tudo de novo até o processo se repetir novamente. Quem não quiser viver no atraso deve abandonar o pecado.

c. O *pecado é contagioso* – O pecado também é contagioso (Is 1.6). O profeta diz que: "Toda a cabeça está enferma, e todo o coração,

fraco. Desde a planta do pé até à cabeça não há nele coisa sã, senão feridas, e inchaços, e chagas podres, não espremidas, nem ligadas, nem nenhuma delas amolecida com óleo" (Is 1.5,6). Ele tem uma capacidade muito grande de se alastrar com rapidez. De repente tudo está tomado e contaminado!

d. *O pecado atrai maldição* – a terra estava assolada, as cidades abrasadas pelo fogo e toda região estava devorada por estranhos (Is 1.7-9). É isso o que o pecado produz – maldição. Nada dá certo, nada prospera! Tudo parece atravancado. Não se trata de maldição hereditária nem tampouco de maldição de famílias, mas da maldição do pecado. Resolvido o problema do pecado a maldição perde a sua razão de existir. Quem é adepto da doutrina das maldições, quer seja hereditária ou de famílias, está tratando apenas com os efeitos e não com as causas. Para se resolver o problema das maldições existentes é necessário tratar com o problema do pecado.

e. *O pecado produz formalismo religioso* – O profeta pergunta: "De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios, diz o SENHOR? Já estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de animais nédios; e não folgo com o sangue de bezerros, nem de cordeiros, nem de bodes" (Is 1.10-14). O pecado faz o homem perder o verdadeiro alvo da adoração e se perder em vários formalismos religiosos. A forma se torna mais importante do que a função! Preceitos e normas se tornam mais importantes do que princípios.

f. *O pecado quebra a comunhão com Deus* – "Pelo que, quando estendeis as mãos, escondo de vós os olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue" (Is 1.15). Essa é, sem dúvida, a pior consequência do pecado – a quebra da comunhão com Deus. O pecado faz com que nossos clamores, orações e súplicas sejam ouvidas. Antes de orar precisamos tratar imediatamente com o pecado.

3. Na cruz Jesus venceu Satanás.

Paulo escreve: "E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo" (Cl 2.15). A cruz de Cristo significou o fim do domínio do Diabo. A cruz

não destruiu o Diabo no sentido de que ele não mais existisse. A cruz não o aniquilou, mas o destronou! Algumas pessoas se tornam presunçosas porque acham que o Diabo já foi destruído e não causa mais perigo algum. Alegam isso citando a Bíblia: "E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo" (Hb 2.14). Convém dizer que a palavra grega katargeo traduzida como aniquilar em Hebreus 2.14, significa: tornar inoperante, fazer como se não mais existisse, anular.[3] Não deve, portanto, ser entendida com o sentido de "destruir" ou "aniquilar". O Diabo foi de fato destruído, no sentido de ser aniquilado? A resposta é não, pois, o Diabo continua existindo e tentando (1 Co 7.5, 1 Ts 3.5; 1 Pe 5.8). O que Deus fez em Cristo Jesus foi destronar, anular o poder do Diabo em relação ao cristão, isto é, tirar o domínio que ele tinha sobre nós. O Domínio de Satanás em relação ao crente foi katargeo, isto é, anulado. O Diabo não está mais no "trono" (foi destronado) de nossas vidas. Sabendo que o Diabo foi despojado, mas não aniquilado, o cristão não deve, portanto, dar-lhe lugar (Ef 4.27).

4. **Na cruz Jesus destronou a nossa natureza adâmica**

Na cruz, Jesus tratou com a nossa natureza pecaminosa. O pecado não possui mais domínio sobre nós (Rm 6.6; Ef 4.17; Gl 5.24; Cl 3.5). Todavia isso não significa que nós não vamos mais ter problema com a carne. As mesmas explicações exegéticas dadas sobre o "aniquilamento" ou "destruição" do Diabo são também aplicadas à "destruição" da carne ou velho homem no texto de Romanos 6.6. Nessa passagem a versão Almeida Revista e Atualizada (ARA), diz: "Sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído". Paulo em Rm 6.6 ao se referir à crucificação do velho homem, usa o verbo grego katargeo (destruir) no tempo aoristo. O que o apóstolo quis dizer com isso não é que o pecado já foi "destruído" ou "aniquilado" e que, portanto, o crente não terá mais problema com ele. A natureza pecaminosa continua ainda fazendo parte da vida do cristão. O Senhor destronou a natureza pecaminosa (Rm 6.6), mas esse destronar não significa que nós não venhamos a ter problemas com a velha natureza, não, pois o que o Senhor fez foi retirar o seu poder e o domínio que ela exercia

sobre nós. O verbo grego katargeo (destruir) no tempo aoristo significa que a ação já foi completada de uma vez por todas. Em outras palavras, Paulo está afirmando que do ponto de vista de Deus a questão em relação a antiga natureza já foi resolvida – Ele a crucificou juntamente com Cristo.

A cruz nos tirou de Adão e nos pôs em Cristo. Isso faz toda a diferença. Em Adão éramos condenados (Rm 5.16-21); desobedientes (Rm 5.19); dominados pelo pecado (Rm 5.21). Todavia em Cristo nós somos justificados (Rm 5.16); obedientes (Rm 5.19); dominados pela graça (Rm 5.20); dominado pela vida (Rm 5.21). Em Cristo, portanto, nós fomos escolhidos antes da fundação do mundo para sermos santos (Ef 1.4); abençoados com toa sorte de bênçãos espirituais (Ef 1.3-13); fomos feitos herança (Ef 1.11); selados com o Espírito Santo (Ef 1.13).

5. **Na cruz Jesus nos deu filiação divina.**
"De fato somos filhos de Deus" (Jo 1.12; 1 Co 1.18-31). A cruz nos fez filhos de Deus; Filhos da luz (Ef 5.8); Filhos do Reino (Mt 13.38); Filhos de Abraão (Gl 3.7); Filhos da restauração (Lc 20.36); Filhos da liberdade (Gl 4.31); Filhos da promessa (Gl 4.28); Filhos da obediência (1 Pe 1.16).

Graças a Deus pela cruz de nosso Senhor Jesus Cristo. Ela é a nossa vitória.

NOTAS

[1] WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo – Novo Testamento 1.* Rio de Janeiro: Editora Central Gospel.

[2] BARBAGLIO, Giuseppe. *Jesus, Hebreu da Galileia: pesquisa histórica.* São Paulo: Edições Paulinas.

[3] BAUER, William. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature. USA: The University Chicago Press.*

Capítulo 13

A Ressurreição de Jesus

Há alguns anos dialoguei com um cristão europeu no término de um culto evangélico. Durante a nossa conversa, ele demonstrou grande admiração na capacidade que os crentes brasileiros possuíam para crer em milagres. Ele admirava-se, por exemplo, como os brasileiros respondiam com facilidade a uma oração em favor da cura divina! Confessou-me que havia feito um curso bíblico de seis meses para poder acreditar em algumas narrativas do livro de Gênesis.

Para aquele europeu era difícil crer! Quando estive na Europa, inclusive em países que foram berços da grande Reforma Protestante de 1517, pude compreender melhor a razão da descrença daquele irmão europeu. Conheci catedrais suntuosas, mas que se encontravam totalmente vazias! Vi de perto o legado dos reformadores em ruas, avenidas e museus, mas constatei que suas ideias pouco ou nenhum efeito causavam mais em seu povo. A Europa vive numa era pós-cristã e, consequentemente, pós-milagres.

A Ressurreição na Idade da Razão

O que aconteceu com a fé no velho continente? O que fez seus teólogos negarem o sobrenatural, milagres e de uma maneira sistemática a doutrina da ressurreição de Jesus? Esse capítulo procurará responder a essas perguntas.

Há algum tempo escrevi na coluna de *Apologética* do jornal *Mensageiro da Paz*, periódico mensal da Casa Publicadora das Assembleias de Deus, que o conflito entre fé e razão está presente desde muito cedo na história da igreja cristã. De fato parece quase impossível, pelo menos para muitos cristãos, a ideia de reconciliar a revelação com a razão. A ideia que se têm, para parafrasear o teólogo anglicano Alan Jones, é que *"quem pensa não tem fé, e quem tem fé não pensa"*.[1] Isso parece pa-

radoxal, pois, sem dúvida os maiores pensadores da humanidade são encontrados dentro do universo cristão.

No texto bíblico de Atos dos Apóstolos 27.9-11, vemos esse conflito em evidência. Por um lado temos o apóstolo Paulo valendo-se de uma revelação divina sobre os perigos iminentes que corria o navio no qual ele era transportado. Quando o apóstolo disse "vejo" que a viagem vai ser trabalhosa, não há dúvida de que ele se referia a uma revelação de Deus sobre a viagem da qual era participante. Em palavras mais simples, Paulo teve uma revelação de Deus sobre o que poderia acontecer naquela viagem. Por outro lado, o texto sagrado mostra que o "centurião dava mais crédito ao piloto e ao mestre do navio do que ao que Paulo dizia". O centurião preferiu crer mais na técnica dos marinheiros do que em Paulo. Em outras palavras, o centurião preferiu acreditar mais na razão que na revelação.

No período pós-apostólico, o debate entre fé e razão cresceu em amplitude. A palavra "razão" nesse período, soava como sendo um sinônimo de filosofia grega. Todavia para muitos pais apostólicos essa aproximação entre Atenas e Jerusalém cheirava a apostasia. Tertuliano, por exemplo, que foi bispo de Catargo, perguntava em tom de denúncia: "que relação há entre Atenas e Jerusalém? Que acordo há entre a Academia e a Igreja?" Para ele a fé cristã e a filosofia grega eram irreconciliáveis. Por outro lado, Justino Mártir, um ex-discípulo de Platão, acreditava que era sim possível esse diálogo. Em sua apologia ele escreveu: "Eu sou cristão, glorio-me disso e, confesso, desejo fazer-me reconhecer como tal. A doutrina de Platão não é incompatível com a de Cristo, mas não se casa perfeitamente com ela, não mais do que a dos outros, dos estoicos, do poetas e dos escritores. Cada um deles viu, do Verbo divino que estava disseminado pelo mundo, aquilo que estava em relação com a sua natureza, chegando desse modo a expressar uma verdade parcial. Mas, à medida que se contradizem nos pontos fundamentais, mostram que não estão de posse de uma ciência infalível e de um conhecimento irrefutável. Tudo aquilo que ensinaram com veracidade pertence a nós cristãos."[2]

São dois exemplos que mostram pensamentos diametralmente opostos. No período medieval esse debate é retomado com força, e dois expoentes do pensamento ocidental vão se sobressair. São eles: Agostinho e Tomás de Aquino. Agostinho viveu no início da Idade Média, enquanto Aquino no final. Se por um lado Agostinho, que foi bispo de Hipona, vai recorrer ao pensamento platônico para fundamentar seus argumentos teológicos, por outro Aquino irá cristianizar os ensinos de

Aristóteles.[3] Ao recorrer à filosofia aristotélica para fundamentar seu raciocínio, Aquino, por exemplo, dizia que "os argumentos não devem ser aceitos pela autoridade de quem diz, mas pela validade do que se diz."[4]

Duas perguntas devem ser respondidas depois do que se acabou de narrar. É possível, portanto, compatibilizar a fé com a razão? Qual o perigo de se formar um abismo entre ambas? Em primeiro lugar, acredito que hoje há uma grande confusão em torno desses temas. O problema está em se confundir *razão* com *racionalismo*. O primeiro termo diz respeito a nossa capacidade de julgar, de pensar, de argumentar, etc. Nesse sentido não há como nos desfazermos da razão, simplesmente pelo simples motivo de sermos seres racionais. Fomos feitos para pensar. René Descartes dizia na introdução de seu *Discurso do Método* que todos nós nascemos com o bom senso.[5] Por outro lado, o *racionalismo* é um termo aplicado à escola de pensamento que diz não haver nenhum conhecimento válido fora da razão humana. Em palavras mais simples, aquilo que não puder ser explicado de forma racional deve ser rejeitado. Nesse caso a revelação, que se encontra nos domínios da fé, não pode ser aceita como uma forma de conhecimento válido. Essa forma de pensar, que é filha da modernidade, é de fato a mãe do materialismo e ateísmo.

Há o outro lado da moeda. Quando se privilegia a *revelação* em detrimento da *razão*, cria-se um campo propício para o surgimento de práticas incompatíveis com o cristianismo bíblico. Por exemplo, o livro *Libertação da Teologia*, escrita por um autor neopentecostal, diz: "Todas as formas e todos os ramos da Teologia são fúteis. Não passam de emaranhados de ideias que nada dizem ao inculto; confundem os simples e iludem os sábios. Nada acrescentam à fé; nada fazem pelo homem senão talvez aumentar sua capacidade de discutir e discordar."[6] Que princípio irá nortear uma igreja que acredita que a razão, que aqui é entendido como sendo o pensamento teológico sistemático, é fútil? Não irá essa igreja ter um conjunto de crenças práticas fora do modelo bíblico?

É assim que pensa, por exemplo, os grupos restauracionistas. Hannah Whitall Smith, por exemplo, em seu livro *O Segredo Cristão de uma Vida Feliz* escrito em 1870, acreditava que "o problema com a maior parte da religião de hoje em dia é sua extrema complexidade", acrescentando que a verdadeira religião evita "dificuldades teológicas [e] dilemas doutrinários... Nenhum treinamento teológico e nenhuma visão teológica em particular são necessárias."[7] Essa confusão é gerada por conta daquilo que se denomina de "erro de categoria lógica". A fé e a razão não são

excludentes, mas sem dúvidas pertencem a categorias diferentes. Como explicar, por exemplo, a cura de um paciente terminal de câncer recorrendo a argumentos racionais ou mesmo a ressurreição dos mortos?

Quando nos conscientizarmos que somos formados por Deus (seres espirituais) tanto para crer (revelação) como para pensar (razão), então cessará o conflito. Mas não é isso que temos visto acontecer dentro do que comumente se denomina de "cristianismo histórico". Como já demonstrei no capítulo sete, o que tem prevalecido dentro da tradição cristã institucional é a existência de uma crença secularizada. É, portanto, à luz dessa fé secularizada que os milagres narrados nos evangelhos irão ser interpretados pelos teólogos cristãos que se tornaram filhos do paradigma *cientificista, cartesiano* ou *moderno*. A doutrina da ressurreição dos mortos não foge a essa regra.

Como já observamos em capítulos anteriores, os pilares dessa fé esvaziada encontram-se no que comumente se chama *Idade da Razão* ou paradigma da *Modernidade*. Um dos muitos pressupostos desse modelo cultural era a *fé em Deus*. Todavia essa *fé em* Deus não possui o mesmo significado que lhe atribui o cristianismo ortodoxo. Não se trata, portanto, de uma fé piedosa, mas secularizada. O escritor espanhol Antônio Cruz observa que dentro do contexto do *cientificismo* "a secularização e não o secularismo aparece como um movimento histórico positivo para o cristianismo porque liberta a fé da superstição; o secularismo ao contrário é uma ideologia negativa que propõe a destruição do fator religioso."[8]

É exatamente essa tentativa de se possuir uma religião cristã que pudesse ser cientificamente aceitável ou empiricamente provada que conduziu os grandes teólogos protestantes a tentarem "libertar a fé das superstições". A crença em seres sobrenaturais e milagres passaram então a serem vistos como fazendo parte de uma "fé supersticiosa". A crença na ressurreição dos mortos, por ser de natureza metafísica, e, portanto, fora dos limites da ciência ou dos domínios da razão, foi negada como sendo um evento real.

Uma Ressurreição Imaginável

Um dos primeiros pensadores a negar a realidade corporal da ressurreição de Jesus foi Hermann Samuel Reimarus (1694-1768). A Enciclopédia digital *Wikipedia* observa que Reimarus "era um filósofo alemão e escritor do *Iluminismo*, que é lembrado por seu deísmo, a doutrina de que a razão humana pode chegar a um conhecimento de Deus e da

ética a partir de um estudo da natureza e da nossa própria realidade interna, eliminando assim a necessidade de religiões baseadas na revelação. Ele negou a origem sobrenatural do cristianismo, e é creditado por alguns como o início da investigação dos historiadores do "Jesus histórico".[9] Pois bem, Reimarus escreveu como a crença na ressurreição de Jesus passou a se formar em seus discípulos:

"Eles também esperaram em Jesus como um salvador terreno do povo de Israel, até sua morte, e, uma vez esmorecida esta esperança, após sua morte pela primeira vez forjaram a doutrina de um redentor espiritual sofredor de todo o gênero humano; depois ampliaram sua precedente doutrina, que era fundada, essa, no escopo do ensino e da ação de Jesus. Logo depois da morte de Jesus, reinou entre os apóstolos nada mais do que a angústia e o medo de serem eles mesmos também perseguidos e conduzidos ao suplício [...]. Então o abandonaram todos e fugiram. Mas depois, desaparecido o perigo, não querendo regressar ao seu humilde trabalho precedente, portanto por interesse e por amor das honras, abriram para si uma nova via para chegarem a tudo isso mediante uma astuta invenção [...] e eles compreenderam que não tinham ainda perdido a partida. [...] Antes de qualquer outra coisa, era necessário fazer desaparecer o corpo de Jesus, para poder depois sustentar com pretexto que ele tinha ressuscitado e subido ao céu, de onde deveria em breve tempo regressar com poder e majestade. Pôr em obra uma semelhante subtração do cadáver era fácil para eles: este jazia no jardim de José [...]. Certamente sofreram a acusação de terem sido eles de fato a fazer isso durante a noite, e não conseguiram de nenhum modo justificar-se verdadeiramente desta fama comum; em breve, todas as circunstâncias surgem que eles tenham efetivamente realizado esta tarefa, e que a tenham em seguida colocado como fundamento de sua nova doutrina."[10]

Essa tese de Reimarus acabou formando escola. Depois dele os teólogos protestantes, principalmente os da escola alemã, não mais conseguiram se desvencilhar do racionalismo de Reimarus. O teólogo e escritor David Friedrich Strauss (1808-1874), por exemplo, segundo a *Wikepedia* "escandalizou os cristãos da Europa com sua interpretação do 'Jesus histórico', cuja natureza divina ele negou. Seu trabalho foi ligado à Escola de Tübingen, que revolucionou o estudo do Novo Testamento, o cristianismo primitivo, e religiões antigas. Strauss foi um dos pioneiros na investigação histórica de Jesus."[11]

David F. Strauss negou as explicações da tumba vazia por achá-las lendárias, passando a ensinar que a crença na ressurreição por parte dos discípulos de Cristo surgiu da necessidade psicológica de explicar o fracasso advindo com a morte do Mestre. Ele escreveu que:

> "Durante sua plurianual convivência com eles, Jesus tinha dado a impressão sempre mais nítida de ser o Messias, mas a morte tinha ao menos, pelo momento, destruído essa impressão. A precedente impressão começou novamente a despertar-se: nasce espontaneamente neles a necessidade psicológica de resolver a contradição entre o extremo destino de Jesus e sua precedente opinião a respeito dele, mediante a inclusão no seu conceito de Messias da paixão e da morte. Em simples indivíduos, sobretudo mulheres [...] em modo puramente subjetivo, cresceu até assumir a forma da visão verdadeira e própria."[12]

Ao escrever sobre a *Neo-ortodoxia e a Ressurreição de Jesus*, o reverendo Agustus Nicodemus Lopes detalhou a influência negativa que a teologia liberal ou neoliberalismo causou na crença cristã na ressurreição de Jesus. Nicodemus destaca que:

> "A neo-ortodoxia, todavia, provavelmente influenciada pela mentalidade gnóstica, tem a tendência de espiritualizar a ressurreição de Jesus. Tomemos alguns exemplos. Emil Brunner, um dos pais da neo-ortodoxia, declarou enfaticamente: 'ressurreição do corpo, sim; ressurreição da carne, não! A ressurreição do corpo não significa a identidade do corpo da ressurreição com o corpo de carne e ossos, apesar de já transformado; mas, a ressurreição do corpo significa a continuidade da personalidade individual desse lado e no outro lado, a morte.'"

Nicodemus observa que:

> "Todavia, a influência mais radical sobre a visão neo-ortodoxa da ressurreição vem de Rudolph Bultmann. Apesar de acreditar que existiu um Jesus da história, ele nega claramente a historicidade da ressurreição. Ele afirma que a ressurreição "não é um evento da história passada... um fato histórico que envolva a ressurreição de mortos é totalmente inconcebível". Para Bultmann, "é impossível acreditar-se num evento mítico como a ressurreição

> de um cadáver, pois é isso o que a ressurreição significa." Portanto, para ele, "se o evento do domingo de Páscoa for em qualquer sentido um evento histórico adicional ao evento da Cruz, não é nada mais do que o surgimento da fé no Senhor ressurreto..."

Ainda de acordo com Nicodemus "um outro exemplo vem de Wolfhart Pannenberg, que muito embora não possa ser considerado neo-ortodoxo, todavia, respira o mesmo ar que permeia o ambiente da neo-ortodoxia. Ele confessa que Jesus ressuscitou de um túmulo vazio, mas nega que Ele foi ressuscitado no mesmo corpo físico de carne e ossos. Na verdade, ele vê o corpo da ressurreição como puramente espiritual ou material."[13]

Atualmente os teólogos adeptos da corrente do "Jesus Histórico" ainda não conseguiram se desligar da influência da teologia liberal. Em um capítulo intitulado "*Nós Cremos que Ele Ressuscitou*", o teólogo católico Giuseppe Barbaglio gasta 20 páginas do seu livro *Jesus, Hebreu da Galileia* na tentativa fazer um apanhado "historicamente" convincente da ressurreição de Jesus. Teria sido o relato da ressurreição feito pelos discípulos: alucinações, visões sensíveis, fantasias ou percepções mentais? Na concepção de Barbaglio quando Jesus ressuscitou ele "se fez ver" e não "foi visto" como mostra as versões da Bíblia.

Barbaglio explica:

> "Normalmente, usa-se a forma verbal *ophthe*, um aoristo formalmente passivo seguido porém não por um normal complemento agente mas por um dativo; por isso deve traduzir não como "*foi visto*", mas "*se fez ver*". Na tradição bíblico-hebraica serve para indicar as aparições de Deus a Abraão (Gn 12.7; 17.1), a Moisés na sarça (Ex 3.2: o anjo do Senhor que está por Deus), a Salomão (1 Rs 3.5), etc. Ora, em duas atestações que remontam aos primeiros anos da crença cristã se faz recurso disso para exprimir a aparição de Jesus ressuscitado aos primeiros cristãos. Em Lucas 24.34, lemos: "verdadeiramente o Senhor foi ressuscitado e *se fez ver* a Simão (*ophthe Simoni*)"; em 1 Co 15.4,5, Paulo transmite quanto ele mesmo recebera: Cristo "ressuscitou e é o Ressuscitado (*egegertai*) e *se fez ver* a Cefas e aos Doze (*ophthe Kepha-i kai tois dodeka*)". Outros beneficiários da aparição do Ressuscitado são indicados por Paulo em 1 Cor 15.6-8: "*Se fez ver* a quinhentos irmãos de uma só vez/ a Tiago/a todos os apóstolos/por último

> em absoluto [...] *se fez ver* também a mim". Em Atos 13.31, fala-se de Cristo que *"se fez ver* àqueles que com ele subiram da Galileia a Jerusalém".[14]

Evidentemente que toda essa carga de significação dada à expressão *"se fez ver"* em vez de *"foi visto"* é uma forma mais sutil de não se assumir que a ressurreição ocorreu de forma literal como demonstra o Novo Testamento. Em palavras mais simples, *"se fez ver"* situa-se mais na esfera subjetiva, mental e psicológica dos discípulos do que na esfera real. Nada diferente daquilo que ensinaram os teólogos liberais ou neo-ortodoxos.

Buscando entre os Mortos ao que Vive — a Ressurreição de Jesus no Terceiro Evangelho

"E no primeiro dia da semana, muito de madrugada, foram elas ao sepulcro, levando as especiarias que tinham preparado, e algumas outras com elas. E acharam a pedra revolvida do sepulcro. E, entrando, não acharam o corpo do Senhor Jesus. E aconteceu que, estando elas muito perplexas a esse respeito, eis que pararam junto delas dois homens, com vestes resplandecentes. E, estando elas muito atemorizadas, e abaixando o rosto para o chão, eles lhes disseram: Por que buscais o vivente entre os mortos? Não está aqui, mas ressuscitou. Lembrai-vos como vos falou, estando ainda na Galileia, Dizendo: Convém que o Filho do homem seja entregue nas mãos de homens pecadores, e seja crucificado, e ao terceiro dia ressuscite. E lembraram-se das suas palavras. E, voltando do sepulcro, anunciaram todas estas coisas aos onze e a todos os demais. E eram Maria Madalena, e Joana, e Maria, mãe de Tiago, e as outras que com elas estavam, as que diziam estas coisas aos apóstolos. E as suas palavras lhes pareciam como desvario, e não as creram. Pedro, porém, levantando-se, correu ao sepulcro e, abaixando-se, viu só os lençóis ali postos; e retirou-se, admirando consigo aquele caso" (Lc 24.1-12).

"Falando eles destas coisas, o mesmo Jesus se apresentou no meio deles, e disse-lhes: Paz seja convosco. E eles, espantados e atemorizados, pensavam que viam algum espírito. E ele lhes disse: Por que estais perturbados, e por que sobem tais pensamentos aos vossos corações? Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho. E, dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés. E, não o crendo eles ainda por

causa da alegria, e estando maravilhados, disse-lhes: Tendes aqui alguma coisa que comer? Então eles apresentaram-lhe parte de um peixe assado, e um favo de mel; O que ele tomou, e comeu diante deles" (Lc 24.36-43).

A pergunta feita pelo mensageiro celestial às mulheres que foram visitar o túmulo de Jesus, na madrugada de domingo, foi: "Por que buscais entre os mortos ao que vive?" (Lc 24.5).

Quando se procura encontrar o Cristo vivo entre os mortos, busca-se no lugar errado! O Cristo ressuscitado não pode ser mais encontrado em um cemitério. Não há dúvida que esse é o principal erro dos teólogos liberais que negam a ressurreição corporal de Jesus – eles o buscaram nas tumbas frias do racionalismo! Não o encontraram! Cristo não pode ser encontrado em um cemitério. E por que não?

1. **Porque cemitério é lugar de esquecidos.**
   Jesus não ficou na tumba porque, diferente dos pecadores, não podia ser esquecido na tumba.
   "Ao qual Deus ressuscitou, soltas as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela; Porque dele disse Davi: Sempre via diante de mim o Senhor, Porque está à minha direita, para que eu não seja comovido; Por isso se alegrou o meu coração, e a minha língua exultou; E ainda a minha carne há de repousar em esperança; Pois não deixarás a minha alma no inferno, Nem permitirás que o teu Santo veja a corrupção; Fizeste-me conhecidos os caminhos da vida; Com a tua face me encherás de júbilo" (At 2.24-28).
   Deus se lembrou de seu amado Filho! Deus não o esqueceria na morte nem permitiria que seu corpo sofresse decomposição.

2. **Porque cemitério é lugar dos que perderam.**
   Pode parecer doloroso, mas o cemitério é uma prova de que o homem perdeu para a consequência do pecado, a morte. "Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram" (Rm 5.12). Jesus, o ressuscitado, derrotou o pecado e suas consequências.

3. **Porque o cemitério é lugar de lembranças.**
   Não creio que haja um lugar mais nostálgico do que um cemitério. É ali onde a nossa mente volta ao passado para lembrar de gestos, falas e atos das pessoas queridas que marcaram nossa

vida. O cemitério é um lugar de recordações! A igreja dos tessalonicenses sentiu isso. Paulo escreveu-lhes que não se desesperassem com respeito aos que morreram porque Jesus, através de sua morte e ressurreição, já havia resolvido esse problema. "Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança. Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com ele. Dizemo-vos, pois, isto, pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras" (1 Ts 4.13-18).

4. **Porque o cemitério é um lugar de vazio.**
Foi Heidegger, filosofo alemão, quem disse ser a morte "um nada". Um total vazio! Na verdade, analisada existencialmente, a morte é algo totalmente sem sentido. É a anulação de todo um projeto. Nada mais trágico. De fato o apóstolo Paulo ao escrever sobre a ressurreição de Jesus afirmou que se a nossa vida se limitasse apenas a essa existência nós seriamos os mais infelizes dos homens (1 Co 15.19). Graças a Deus que Cristo ressuscitou, tornando a nossa existência cheia de significado.

5. **Porque o cemitério é um lugar sem volta.**
Do ponto de vista materialista, o cemitério é um lugar sem retorno. Só garante a passagem de ida, mas não a da volta. Todavia, nas Escrituras, o cemitério não aparece como o ponto final. "Não vos maravilheis disso, porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação" (Jo 5.28,29).

A ressurreição de Jesus, negada pelos teólogos liberais, é um dos fatos históricos mais bem documentados no Novo Testamento. As evidências

são muitas. A apologética cristã tem se mostrado mais do que convincente na defesa da doutrina da ressurreição de Jesus. Apologistas como Norman Geisler, Josh McDowell e Ralfh Muncaster tem feita uma ampla defesa dessa importante doutrina bíblica. Esses apologistas refutam as diversas teorias que procuram explicar de forma racionalista a ressurreição de Jesus. Primeiramente há a teoria do mito na qual é dito que a ressurreição não passa de um mito como tantos outros nas grandes religiões. Há também a teoria do sepulcro desconhecido onde se alega que o corpo de Jesus teria sido lançado em um sepulcro para indigentes e não em um túmulo novo. Dessa forma nem mesmo os discípulos saberiam o lugar certo. Uma outra teoria, a do sepulcro errado, muito semelhante a anterior, diz que os discípulos tendo confundido os sepulcros foram a um deles que se encontrava vazio e não aquele onde de fato Jesus havia sido posto. Uma teoria muito popular é a da lenda. Essa teoria afirma que o relato da ressurreição faz parte das lendas que floresceram nos primeiros anos da cristandade. Há ainda a teoria da ressurreição espiritual, divulgada pelas Testemunhas de Jeová. Nela se diz que o próprio Deus destruiu o corpo de Jesus. Dessa forma Jesus teria ressuscitado em um corpo espiritual e não material. Uma outra teoria muito difundida é a da alucinação. Essa teoria diz que os discípulos pensaram ter visto Jesus ressuscitado, mas de fato tratava-se apenas de uma alucinação ou miragem. Por último, há a teoria da substituição defendida pelos mulçumanos. Segundo essa teoria, Jesus foi substituído por uma outra pessoa na hora da crucificação.[15] Dentre as muitas evidências da ressurreição de Jesus, podemos citar: O rompimento do selo romano. Todos os sepulcros possuíam uma espécie de lacre como marca do Império Romano. Romper esse lacre era ir contra a autoridade do Império. Não dá para acreditar que os discípulos temerosos como se encontravam, tivessem coragem para tal. Uma outra evidência é o túmulo vazio. Logo após a ressurreição, como atesta o livro de Atos dos Apóstolos, os discípulos começaram a pregar que Cristo havia ressuscitado. Se esse fato não fosse verdade as autoridades judaicas ou romanas logo teriam provado o contrário. O fato é que não havia mais corpo no túmulo. Possivelmente, nenhuma outra evidência seja tão forte quando o testemunho dos primeiros cristãos. É impossível lermos as narrativas dos Atos dos Apóstolos e o testemunho do apóstolo Paulo e ao mesmo tempo duvidarmos que Jesus ressuscitou. Pedro curou enfermos afirmando que o fazia em nome de Jesus que havia ressuscitado. Paulo empreendeu uma das maiores investidas missionárias da história, libertando pessoas oprimidas de demônios e curando paralíti-

cos em nome de Jesus ressuscitado. A existência da igreja é a maior prova que o nosso Senhor ressuscitou! Aleluia.

NOTAS

[1] JONES, Alan. *Sacrifício e Alegria.*

[2] REALI, Giovani. *História da Filosofia.* São Paulo: Paulus.

[3] AQUINO, Tomás. *Suma Teológica, 9 volumes.* Edições Loyola.

[4] AQUINO, Tomás. *Verdade e Conhecimento.* Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes.

[5] DESCARTES, Rene. *Discurso do Método.* Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes.

[6] MACEDO, Bispo. *Libertação da Teologia.* Rio de Janeiro: Gráfica Universal.

[7] ALLEN, C. Leonard Allen &HUGHES, Richard T. *Raízes da Restauração, a Gênese Histórica do Conceito de Volta À Bíblia.* Editora Vida Cristã.

[8] CRUZ, Antonio. *La Postmodernidad.* Editorial CLIE, Barcelona, Espanha.

[9] http://en.wikipedia.org/wiki/Hermann_Samuel_Reimarus. Acesso 03.09.2014.

[10] Conforme citado por Giuseppe Barbaglio *in Jesus, Hebreu da Galileia – pesquisa histórica.* Edições Paulinas.

[11] http://en.wikipedia.org/wiki/David_Strauss. Acesso 03.09.2014.

[12] Conforme citado por Giuseppe Barbaglio *in Jesus, Hebreu da Galileia. Op.cit.*

[13] LOPES, Agustus Nicodemus. *O que Estão Fazendo com a Igreja – ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro.* Editora Mundo Cristão.

[14] BARBAGLIO, Giuseppe. *Jesus, Hebreu da Galileia – pesquisa histórica.* Editora Paulinas.

[15] MCDOWELL, Josh & MCDOWELL, Sean. *Evidências da Ressurreição.* Rio de Janeiro: CPAD.

BIBLIOGRAFIA

ALLEN, C. Leonard Allen & HUGHES, Richard T. *Raízes da Restauração, a Gênese Histórica do Conceito de Volta À Bíblia.* Editora Vida Cristã.

AQUINO, Tomás. *Suma Teológica.* Editora Loyola, Rio de Janeiro.

AQUINO, Tomás. *Verdade e Conhecimento.* Editora Martins Fontes.

ASH, Antony Lee. *O Evangelho Segundo Lucas.* Editora Vida Cristã, São Paulo.

ASSUMPÇÃO, Wanda. *Mulheres que Tiveram um Encontro Pessoal Com Jesus.* Mundo Cristão, São Paulo, 2006.

AVRIL, Anne-Catherine & MAISONNEUVE, Dominique De LA. *As Festas Judaica.* Editora Paulus, São Paulo.

BARBAGLIO, Giuseppe. *Jesus, Hebreu da Galileia: pesquisa histórica.* Edições Paulinas, São Paulo.

BARCLAY, William. *Comentario Al Nuevo Testamento. 17 tomos em 1, obra completa.* Barcelona, Espanha: Editorial CLIE.

Barsa Planeta Internacional.

BAUER, Walter. A Greek - *English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature.*The University of Chicago Press. 1958.

BONHOFFER, Dietrich. *Discipulado.* Editora Sinodal, 2004.

BRAY, Gerald. *Quem É Jesus?* Shedd Publicações, São Paulo.

BRUCE, A.B. *O Treinamento dos Doze.* CPAD, Rio de Janeiro.

BULTMANN, Rudolf. *New Testament and Mythology.*

BURGESS, Stanley. *The Holy Spirit: Eastern Christian Traditions.* Grand Rapids, Michigan, USA: Baker Academic.

CAMPOS, Heber Carlos. *A Humilhação do Redentor – a encarnação e sofrimento.* São Paulo: Editora Cultura Cristã.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. *Religiões Em Movimento – o Censo de 2010*, p.75. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

CLUSE, Bonnidell & CLOUSE, Robert G. eds. *Mujeres En El Ministerio – cuatro pontos de vista.* Editorial CLIE, Barcelona, Espanha.

CRUZ, Antonio. *La Postmodernidad.* Editorial CLIE, Barcelona, Espanha.

CULLMANN, Oscar. *Cristologia no Novo Testamento.* São Paulo: Editora Hagnos.

DESCARTES, Rene. *Discurso do Método.* Editora Martins Fontes.

DUFFIELD, Guy P & CLEAVE, Nathaniel M.Van. *Fundamentos da Teologia Pentecostal. Vol I e II.* Editora Quadrangular, São Paulo, 1991.

ERICSKSON, Millard. *Introdução à Teologia Sistemática.* São Paulo: Vida Nova.

Evangelho Árabe da Infância in Apócrifos – os proscritos da Bíblia. São Paulo: Ed. Mercúrio, pg. 166,167.

FIGUEIRA, Eulálio & JUNQUEIRA, Eulálio. *Teologia e Educação – educar para a caridade e a solidariedade.* São Paulo: Editora Paulinas, 2012.

GARCIA-VIANA, Luis Fernando. *Comentário ao Novo Testamento, vol. III.* São Paulo: Editora Ave Maria, 2006.

GIRARD, Robert C. & RICHARDS, Larry. *Guia Fácil Para Entender A Vida De Jesus.* Editora Thomas Nelson, Rio de Janeiro.

GONÇALVES, José. *A Prosperidade à Luz da Bíblia.* Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

GONÇALVES, José. *Davi: vitórias e derrotas de um homem de Deus.* Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

GONÇALVES, José. *Defendendo o Verdadeiro Evangelho.* Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

GONÇALVES, José. *Sábios Conselhos para um Viver Vitorioso.* Rio de Janeiro: CPAD.

GONZALEZ, Justo. *Breve Dicionário de Teologia.* São Paulo: Hagnos, 2009.

GRONINGEN, Gerad Van. *Revelação Messiânica no Antigo Testamento – a origem divina do conceito messiânico e seu desdobramento progressivo.* Editora Cultura Cristã, São Paulo.

GWERCMAN, Sérgio. *Superinteressante – as 25 reportagens mais surpreendentes, polemicas e curiosas dos 25 anos da Revisa.* São Paulo: Editora Abril, 2013.

HENDRIKSEN, William. *Lucas – Comentário Novo Testamento.* São Paulo: Editora Cultura Cristã.

HORTON, Stanley M. org. *Teologia Sistemática – uma perspectiva pentecostal.* Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Novo_Pensamento. Acesso 26.08.2014.

HUNT, Dave & MACMAHON, T.A. *A Sedução do Cristianismo – discernimento espiritual dos últimos dias.* Editora Chamada da Meia Noite, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

JEREMIAS, J. *Jerusalém No Tempo de Jesus – pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário.* Edições Paulinas, São Paulo.

JONES, Alan. *Sacrifício e Alegria.* Editora Paulus.

JOSEFO, Flávio. *Antiguidades Judaicas.* Rio de Janeiro: CPAD.

JÚNIOR, Gióia. *Orações do Cotidiano – grande cantata de Natal.* São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1995.

KERSTEN, Holger. *Jesus Viveu Na Índia – a desconhecida história de Cristo antes e depois da crucificação.* 25ª edição. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2009.

KOOGAN, A. *Enciclopédia Judaica, 10 volumes,* Rio de Janeiro.

LAHAYE, Tim. *Jesus.* Thomas Nelson, Rio de Janeiro.

LIEFELD, Walter. *The Expositor's Bible Commentary – Mathews, Mark, Luke, Vol. 8.* Zondervan.

LOPES, Agustus Nicodemus. *O Que Estão Fazendo com A Igreja – ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro.* Editora Mundo Cristão.

LUCADO, Max. *O Evangelho de Lucas.* Editora Mundo Cristão.

LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas, volumes 1 ao 10.* Rio Grande do Sul: Editoras Sinodal/Concórdia/Ulbra, 2004.

MACEDO, Bispo. *Libertação da Teologia.* Gráfica Universal, Rio de Janeiro.

MARSHALL, I. Howard. Luke – *Historian & Theologian.* USA: IVP Academic, Illinois, 1970.

MCBIRNIE, William Steuart. *A Fascinante Busca Pelos Doze Apóstolos.* Editora Atos, Curitiba, Paraná.

MCDOWELL, Josh & MCDOWELL, Sean. *Evidências da Ressurreição.* CPAD, Rio de Janeiro, RJ.

MEIER, John P. *Um Judeu Marginal – repensando o Jesus histórico, volume três, livro um.* Editora Imago. Rio de Janeiro, RJ.

MEIER, John P. *Um Judeu Marginal – Repensando o Jesus Histórico, volume dois, livro três - milagres.* Imago Editora.

MEIER, John P. *Um Judeu Marginal – repensando o Jesus histórico, volume três, livro 1 - companheiros.* Rio de Janeiro: Editora Imago, 2003.

MEIER, Paul, L. *Josefo – Los escritos essenciales.* Grand Rapids, Michigan, USA: Editorial Porta Voz, 1992.

MONDIN, Battista. *O Homem, quem é Ele? – Elementos de Antropologia Filosófica.* Editora Paulinas.

MORRIS, Leon. *Lucas – introdução de comentário.* Edições Vida Nova, São Paulo.

PAGOLA, Antonio José. *Jesus e o Dinheiro.* Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus – Aproximação Histórica.* 5ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

PAGOLA, José Antonio. *Lucas – o caminho aberto por Jesus.* Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro.

PAO, David W. & SCHNABEL, Echard. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento.* São Paulo: Editora Vida Nova, 2014.

PEARLMAN, Myer. *Lucas, o Evangelho do Homem Perfeito.*

PONDER, Catherine. *O Milionário de Nazaré – seus segredos de prosperidade.* Editor Novo Século, São Paulo, SP, 2013.

REALI, Giovani. *História da Filosofia.* Paulus.

REID, Daniel G. org. *Dicionário Teológico do Novo Testamento.* Editor Vida Nova/Loyola, São Paulo.

Revista Época de 03.05.2011. Editora Globo.

Revista IstoÉ. Editora Três, Rio de Janeiro.

RIUS-CAMPS, Josep. O *Evangelho de Lucas – o êxodo do homem livre.* Editora Paulus, São Paulo.

SANCHIS, Pierre. *Religiões em Movimento – o Censo de 2010.*

SCHIMIDT, Alaid Schiavone. *Pequena Enciclopédia de Temas Femininos.* Arte Editorial, São Paulo, 2007).

SILVA, Genival Costa. *Exegese Gramatical do Novo Testamento.* Edições do Autor.

SOUZA, Altamir Neves& MCGEE, John Vernon. *Lucas – através da Bíblia.* Radio Transmundial.

SPONG, John Sheley. *Um Novo Cristianismo Para Um Novo Mundo – a fé além dos dogmas.* Verus Editora.

STEGEMANN, W. & STEGEMANN, Wolfgang. *História Social do Protocristianismo – os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo.* Editora Paulus/Sinodal. 2004.

STORNIOLO, Ivo. *Como Ler o Evangelho de Lucas.* São Paulo: Editora Paulus, 1992.

STOTT, John. *Batismo e Plenitude.* São Paulo: Edições Vida Nova.

STOTT, John. *The Spirit, the Church, and the World.* Downers Grove, IL: Inter Varsity Press, 1990.

STRONSTAD, Roger. *La Teologia Carismática de Lucas. Op.cit.*

STRONSTAD, Roger. *Spirit, Scripture &Theology – a Pentecostal Perspective.* Ásia Pacific Theological Seminary Press, Baguio City, Philippines, 1995.

STRONSTAD, Roger. *The Charismatic Theology of St. Luke.* Hendrickson Publishers, tenth printing, U.S.A, March 2009.

STRONSTAD, Roger. *The Prophethood of All Believers.* Cleveland, Tennessee, USA: CPT Press.

SUBRITZKY, Bill. *Demônios Derrotados*. ADHONEP, 1993.

SWINDOLL, Charles R. Jesus, O *Maior de Todos*. Editora Mundo Cristão, São Paulo.

TEIXEIRA, Faustino. *Religiões em Movimento – o Censo de 2010*. Petrópolis: Editora Vozes.

THEISSEN, Gerd. O *Movimento de Jesus – história social de uma revolução de valores*. Edições Loyola, Rio de Janeiro.

THOMAS, Gordon. O *Julgamento de Jesus*. Thomas Nelson, Rio de Janeiro.

TOLBERT, Malcolm. *Comentário Bíblico Broadman, volume 9, Lucas-João*. Rio de Janeiro: Editora Juerp, 1983.

TOZER, A.W. A *Tragédia da Igreja – a ausência de dons*. Rio de Janeiro: Editora Danprewan, 1999.

WIERSBE, Warren. *Comentário Bíblico Expositivo – Novo Testamento, volume1*. Editora Central Gospel, Rio de Janeiro.

YOUSSEF Michael. *Conheça o Seu Real Inimigo*. CPAD.

Lucas

O Evangelho de Jesus, o Homem Perfeito

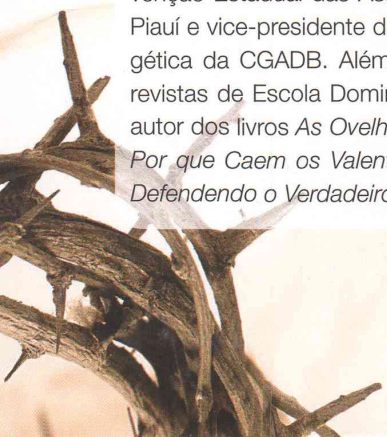
Lucas, o médico amado, não foi um apóstolo nem tampouco foi uma testemunha ocular da vida de Jesus; todavia, deixou uma das mais belas obras literárias já escritas sobre os feitos do Salvador e os primeiros anos da comunidade cristã.

O terceiro Evangelho possui uma forte ênfase carismática. Mais do que qualquer outro evangelista ou escritor do Novo Testamento, Lucas dá amplo destaque à pessoa do Espírito Santo durante o ministério público de Jesus até sua efusão sobre os cristãos primitivos.

Por tudo isso, Lucas não deve ser entendido apenas como um narrador de fatos históricos, mas como um teólogo que escreveu a história. Este livro, de natureza devocional-teológica, mostra facetas dessa abordagem ao interpretar o Evangelho de Lucas e nele encontrar a presença de Jesus, o Homem Perfeito.



José Gonçalves é pastor, graduado em Teologia pelo Seminário Batista de Teresina e em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí. É presidente do conselho de Doutrina da Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Piauí e vice-presidente da Comissão de Apologética da CGADB. Além de comentarista das revistas de Escola Dominical da CPAD, é também articulista e autor dos livros *As Ovelhas também Gemem, Porção Dobrada*, *Por que Caem os Valentes, A Prosperidade à Luz da Bíblia* e *Defendendo o Verdadeiro Evangelho*.



ISBN 852631246-4

9 788526 312463